

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**PADEIROS-EDUCADORES: COISAS QUE O  
TEMPO LEVOU (1875-1900)**

**AMÓS BERNARDINO**

**FORTALEZA  
2005**

**AMÓS BERNARDINO**

**PADEIROS-EDUCADORES: coisas que o  
tempo levou (1875-1900)**

**FORTALEZA  
2005**

**AMÓS BERNARDINO**

**PADEIROS-EDUCADORES: coisas que o  
tempo levou (1875-1900)**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

**ORIENTADOR:** Profª. PHD. Andréa Borges Leão

**MESTRANDO:** Amós Bernardino

**FORTALEZA  
2005**

# AMÓS BERNARDINO

**PADEIROS-EDUCADORES: coisas que o tempo levou (1875-1900)**

## COMISSÃO EXAMINADORA

---

**Profª.P.H.D. em Sociologia** : Andréa Borges Leão  
(Presidente)

---

**Profº.Drº em História:** Rui Martinho Rodrigues

---

**Profº.Dr** : Francisco José Damasceno (UECE)

**FORTALEZA**  
**2005**

Dedico este trabalho a todos que contribuíram de forma direta e indireta para sua realização, principalmente a Deus, o salvador, o shaddai ,o símbolo de todas as minhas ausências, que me deu força para acreditar que eu seria capaz de desenvolvê-lo e vencer.

A Raquel meu amor.

Aos meus mestres meu muito obrigado, em especial a: Dr<sup>a</sup> Andréa, Dr<sup>o</sup> Rui Martinho,Dr<sup>o</sup>

José Arimatea, pois sem vocês eu não compreenderia uma realidade distante em sua temporalidade e nem tão pouco teria instrumentos para aproximar-me do real. A Todos, o meu carinho, estima e agradecimentos sinceros.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quando vejo esse trabalho de pesquisa pronto, construído, olho para trás e percebo que, em nossas lutas, angústias, expectativas, esperanças, desilusões, decepções, silêncios, a vida sempre nos surpreende com outros aprendizados.

Este trabalho de pesquisa é um ‘sonho’ como tantos outros sonhos imaginados por mim. Alguns se perderam no tempo e na vida, outros, nem em prática os coloquei, outros se perderam pelo caminho, pelas dificuldades da vida, como sementes que caem de um saco, quando o agricultor sai a semear.

Este ‘sonho’, este trabalho de pesquisa, eu o realizei. É uma prova evidente e incontestável, para nós, que os sonhos se tornam realidade. Quando se deixa de sonhar, não são somente imagens, veleidades, desejos, vontades, necessidades, pensamentos, sentimentos, paixões que se perdem. Os sonhos são descansos e degraus de amadurecimento, quando se realizam. São esperanças, mas também são lutas, expectativas e construções de dias melhores.

Quando alguém não sonha, está ‘morto,’ esse é o jargão, pois, quem sonha deve tentar realizá-los, transformá-los em realidade. A humanidade é feita de sonhos e de realizações. Como tinha dito, em primeiro lugar, agradeço aos muitos escritores, literatos, cientistas, historiadores que sonharam, concretizaram, imortalizaram seus sonhos em obras, passando do anonimato para os anais da história. E é fácil dizer o motivo do agradecimento. Todo escritor e autor é um leitor. Todo leitor é ‘escritor’, mesmo que ninguém o reconheça, terá sempre alguém que os lerá. A ingratidão é um sentimento humano, pois, se dissermos que Deus é perfeito, absoluto, então tudo está nele, inclusive o humano, pois foi ele que criou o homem, a verdade primeira de muitos que sonham. Não poderia deixar, nesse instante em que tenho leitores e que também ensaiamos os primeiros passos de um autor, dizer a CAPES o meu agradecimento, pela ajuda material e financeira, garantindo que eu produzisse este trabalho de pesquisa e também que eu produzisse a minha existência.

Quero agradecer à minha orientadora, mulher valente, sonhadora, detentora de habilidades inquestionáveis e que tanto são necessárias em seus recortes temporais cirúrgicos a um aprendiz. Alguém disse: “Jamais o discípulo será maior que seu mestre, mas aquele que for bem instruído será semelhante a ele”... A senhora Dr<sup>a</sup> Andréa Borges Leão, o meu muitíssimo obrigado!

Ao Dr<sup>o</sup> Rui Martinho, um amigo, confidente de tantas angústias e que por sua vasta compreensão dos sentimentos da alma humana, um erudito, um intelectual-total. Como todo intelectual, tem seu mundo próprio, o mundo do Dr<sup>o</sup> Rui é explicado por muitos livros, muitos autores que falam por ele. Em muitos momentos colocou-me para conversar com os ‘seus amigos que o acompanham cotidianamente’, em suas muitas leituras. Emprestou-nos muita fonte, muitos livros, quando eu não tinha condição de comprá-los. Não o agradeço somente por isso, mas também porque é um homem bom! Ao Sr, Dr<sup>o</sup> Rui Martinho os meus sinceros agradecimentos.

Ao Dr<sup>o</sup> José Arimatea, o vulgo, Arizinho, ou simplesmente Téa, homem sensível ao sofrimento humano, amigo leal de todos, sem distinção e que sabe compreender até os divergentes, os contraditórios sem lhes causar mal, o meu muitíssimo obrigado. Pois foi você, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> José Arimatea que, ao olhar o ‘ensaio’ do primeiro projeto, o esboço do começo da pesquisa, mesmo sem ser o nosso orientador, percebeu naquelas linhas mal traçadas de um leitor desprezioso os primeiros traços de um ‘autor’, pois esse trabalho é de nossa autoria.

E aos que, assim como nós, são leitores de outros e pensam que estão chaleirando, enchendo de fetiche os outros que sonharam e realizaram seus sonhos, recomendo-os que sonhem mais, leiam mais, sejam transformadores de mundo. No momento em que você pensa isso, ‘outros’ estão sonhando, realizando seus sonhos. Estes sonhadores, construtores de mundo, entre os quais me considero pertencente, aprenderam que, para realizar sonhos, é bem mais fácil construir com ajuda de outros, pois o trabalho em grupo sempre esteve presente nos primórdios da existência humana da sociedade e quem não sabe agradecer e cooperar numa sociedade excludente e competitiva como as de hoje, saberá amargamente que trabalhar individualmente, sem a ajuda e o reconhecimento daqueles que o ajudaram, torna-se uma faina demasiadamente pesada e, às vezes, inviável de carregar.

## RESUMO

Este trabalho é o resultado empreendido de uma pesquisa historiográfica acerca da inserção de uma agremiação literária, Padaria Espiritual, e seus agentes sócio-históricos, com o envolvimento em práticas docentes no final do século XIX. Por agremiação literária, entendemos uma série de grupos, entre eles, grêmios, gabinetes de leituras, clubes literários, reunião de intelectuais, letrados, romancistas, literatos, escritores, cientistas, naturalistas-realistas, poetas, nefelibatas, parnasos, intelectuais-totais, escritores-cidadãos, homens de letras, intelectuais engajados que, movidos por uma paixão literária, estavam centrados dentro de uma dinâmica de formação da identidade nacional, compondo a República das Letras. Era o século XIX o século em que a ciência firmava suas bases, como guardião da verdade, influenciando com suas idéias, teorias e correntes, a construção de saberes e campos. Era a época em que a pedagogia, influenciada pelas idéias científicas, como também as literaturas, estabeleceram intercambiamento entre os campos de saberes. O trabalho privilegia exatamente isso: a agremiação Literária, no final do século XIX, que não fazia somente pilhérias e ironias sobre a educação em um jornal chamado *o Pão*. Para melhor análise do objeto pesquisado, criou-se uma categoria, fundamentando-a no trabalho. Os ideais pedagógicos dos Padeiros podem assim ser evocado. A pesquisa foi realizada com base na teoria de Pierre Bourdieu, por ser matriz teórica da história cultural. Entrecruzando fontes primária, secundárias e literaturas de romance, elegemos para nos acompanhar e orientar Bourdieu nos possibilitou a compreensão e a noção de campos, saberes, doxa e habitus. Acompanharam ainda os nossos olhares Sevcenko, Williams, Ginzburg, Certeau, Darton, Chatier o que nos levaria a criar uma categoria, Padeiros-Educadores, para contar o envolvimento desses integrantes com a educação e a prática docente. Esta pesquisa conta os relatos e narrativas desses agentes históricos que movimentavam uma série de capitais simbólicos. Enquanto pessoas, ou melhor, seres individuais, eram agentes históricos e sociais em seu tempo. É exatamente nesse período que a educação é vista como um apanágio dos males sociais. Civilizar-se, higienizar-se, modernizar-se, educar-se eram as tônicas no Brasil do século XIX. É por estes tempos, o final do século XIX, que os intelectuais e setores médios urbanos embarcam no entusiasmo pela educação. Eram ao nosso ver o Padeiros-Educadores, Escritores-cidadão, fazendo literatura como missão.



## ABSTRACT

This work is the undertaken result of a historical reasearch, concerning the insert of literary association, “Spiritual Baker” (Padaria Espiritual), and their social-historical agents, with their involmient in education practices in the end of the XIX century. By literary association, we understood a series of groups among them, unions, cabinets of readings, literary clubs, intellectuais, learned, novelists, writers, scientists, naturalistic-realist, poets, nefelibatas, parnasos, total intellectuais, citizen writers, men of literacy, intellectuais, that moved by a literary passion, were centered in a dynamic of national identify formation. It was in the XIX century, that science was establishing its foundations as the guardian of the truth, influencing with their ideas, theories and currents, the construction of knowledge and fields. The “Bakers” pedagogyzives the literature of that time, guiding the learned reader’s view, on the provincial Ceará. Using some authors to compose a theoretical referential that could manage to express the immensity of the problem, and the retlessness, we accomplished the research based on a Bourdieu’ methodology because they are theoretical head offices of cultural history. Crossing primary, secondary and romance literature sources we’ve chosen to accompany and to guide us the perspective of : Svescenko, Williams, Ginzburg, Certeau, Darton, Chartier and Bourdieu. This research tells the reports and narratives of those historical agents, which moved a series of symbolic capitais, while people, or even better individual beings were historical and social agents in their time, it’s exactly in this period, which education is seen as a characteristic of social evilness.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I -</b> Construído uma Tessitura Metodológica .....	17
<b>1.1</b> Construído a tessitura.....	18
<b>1.2</b> Ajuda-nos a Fazer: Falando de Metodologias.....	20
<b>1.3</b> Repensar e Refazer são necessários: A busca pro um caminho, o método, a proposta ideal.....	24
<b>1.4</b> Técnicas e instrumentos utilizados: No labirinto dos nossos Muitos ‘EU(s)’, outros caminhos..	33
<b>CAPÍTULO II –</b> O contexto social e histórico da Padaria Espiritual, em Fortaleza, no último quartil do século XIX.....	39
<b>2.1</b> O contexto social e histórico da Padaria Espiritual, nos últimos decênios do Século XIX.....	40
<b>2.2</b> Algumas falas e Rastros dos aspectos sociais, políticos e econômicos sobre o Brasil na 2ª Metade do século XIX.....	41
<b>2.3</b> Fortaleza Antiga: Acidade dos mil mortos, Abolição da escravatura e a efervescência literária Nas décadas de 1870 a 1890.....	46
<b>2.4</b> Elementos para se compreender a educação no final do século XIX: A influência das agremiações literárias, pedagogizando a literatura.....	55
<b>CAPITULO III -</b> Padeiros-educadores: A gênese e a Fundamentação teórica da Categoria.....	67
<b>3.1</b> A Padaria Espiritual: O que é, e as muitas vozes, em falam de seu Pão .....	68
<b>3.2</b> A Padaria Espiritual: Da Boemia às preocupações como Ceará .....	71

3.3	Nas Fornadas da Padaria, também se discutiam a escola.....	76
3.4	A Fundamentação teórica da Categoria, Padeiro Educador : O intercambiamento entre campos...	83
3.5	Artigos do jornal o Pão que, alimentam o espírito e falava de educação.....	97
3.6	Os Ideais Pedagógicos dos Padeiros: Escritores engajados com práticas docentes, no Ceará carente, de leitores do final do século XIX. ....	104
<b>CAPÍTULO IV- Fragmentos da História da Educação no Ceará: Rastros e Indícios da instrução Pública Cearense, no final do século XIX( 1870-1900). ....</b>		
4.1	Os Rastros e Indícios das raízes Exógenas da Instrução Pública cearense no Brasil Imperial.....	115
4.2	Nas trilhas de jornais, revistas, livros e documentos; Diálogos com historiadores cearenses, sobre a Instrução Pública, no Ceará, ao final do século XIX. ....	121
4.3	A influência do Naturalismo-Realismo literário, nas pedagogias Naturalistas e ‘experimentais’ n Ceará, ao final do século XIX.(1880-1900). ....	132
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>		142
<b>REFEENCIAS BIBLIOGRAFIA.....</b>		146

# INTRODUÇÃO

A mocidade elegante e intelectual que fez época em Fortaleza, pelas alturas do ano de 1892, tinha o seu ponto obrigatório no Café Java, um quiosque modesto armado no canto da praça do Ferreira, em frente ao edifício da Rôtisserie Sportman, hoje ali localizado. Era naquele local que reinava a boêmia literária, que fez furor e caiu no goto do público, e de que nasceu a famigerada Padaria Espiritual, marcando uma das épocas mais curiosas da história do Ceará. O Café Java tinha na figura do seu proprietário, que se chamava Manoel Pereira dos Santos, e atendia pela alcunha de Mane Coco, um dos tipos mais bizarros de Fortaleza daqueles tempos. (Crônicas históricas de Fortaleza Antiga, Raimundo de Menezes)

A presente pesquisa historiográfica vem contemplar o que chamamos de horizonte escondido, horizontes perdidos, levados e escondidos pelas brisas e os sabores dos tempos que não voltam jamais... ‘Fragmentos de uma realidade’, ainda não comentada e nem evocada nas pesquisas do programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, do Núcleo de história, Memória e Política Educacional da Universidade Federal do Estado do Ceará ( FAGED-UFC), pois em pesquisa histórica não se reconstroem o real na sua totalidade, mas somente fragmentos.

Assim, agregando fragmentos, narrativas, fatos, documentos, obras de literatura ficcionais ou romanceada, jornais, revistas do século XIX, apresentamos essa pesquisa Intitulada: *Padeiros- Educadores: coisas que o tempo Levou( 1875-1900)*. É fácil explicar o motivo e a escolha pelo tema. Nas últimas décadas do século XIX, precisamente nos últimos decênios, Fortaleza possuía um intensa vida literária . Varrida por flagelos naturais, como a grande seca de 1877, descrita em fontes documentais, historiográficas e obras de literatura romanceada, a seca de 1877 dizimou grande parte da população. Na década de 1880 à 1900, viriamos nascer no Ceará a Abolição da Escravatura e a Proclamação da

República. É, porém, na última década do século XIX que a historiografia da literatura cearense (A Academia Cearense de Letras) registra, em seus anais de sócios fundadores, os membros da agremiação literária chamada Padaria Espiritual. Este trabalho é o resultado empreendido de uma pesquisa historiográfica acerca da inserção de uma agremiação literária, Padaria Espiritual, e de seus agentes sócio-históricos, com o envolvimento em práticas docentes no final do século XIX.

Por agremiação Literária, entendemos uma série de grupos: grêmios, gabinetes de leituras, clubes literários, reunião de intelectuais, letrados, romancistas, literatos, escritores, cientistas, naturalistas-realistas, poetas, nefelibatas, parnasos, Intelectuais-totais, escritores-cidadãos, homens de letras, intelectuais engajados que, movidos por uma paixão literária, estavam centrados dentro de uma dinâmica de formação da identidade nacional, compondo a República das Letras. É no primeiro capítulo que reconheço que olhar uma realidade em sua temporalidade requer um esforço sempre sutil do historiador e o olhar atento para as leituras, rastros e pistas que as práticas culturais nos deixam. O trabalho de pesquisa está organizado em (4) quatro capítulos, cada um com seus títulos e subtítulos.

Assim, **o capítulo I**, *Construindo uma tessitura metodológica*, é o ‘lugar’ na narrativa da pesquisa em que temos a pretensão de esboçar um ‘método historiográfico’ de análise de uma ‘realidade sócio-histórica perdida no tempo,’ apropriando-me das leituras dos autores que nos ajudaram a perceber melhor o objeto pesquisado, principalmente, dos teóricos que abordam a problemática metodológica.

Era o século XIX o século em que a ciência firmava suas bases como guardiã da verdade, influenciando (com suas idéias, teorias e correntes) a construção de saberes e de campos. **O capítulo II** é intitulado *O contexto sócio-histórico da Padaria Espiritual*. É nesse capítulo da pesquisa que convido o leitor a mergulhar conosco no século XIX, para

ter certeza dos fatos e fenômenos histórico-sociais que foram mais evidentes no imaginário cearense nas últimas décadas do século XIX, 1870 a 1900, levando a considerar que a instrução pública, o ensino, a educação são fenômenos de manifestação do social e como tal encontram-se inseridos também dentro de uma temporalidade. Essa tentativa ou artimanha do historiador em tentar mostrar o movimento ‘encadeado’, imbricado, dos fenômenos sócio-históricos, historicizando os fatos sociais é também uma forma de dar cientificidade, de inserir o objeto de pesquisa dentro da narrativa do processo histórico. É nesse momento que percebemos que a pesquisa dará um salto em sua narrativa. Ponto de intercambiamento entre os campos Literário e Educacional, além da inserção de práticas docentes dos literatos no final do século XIX, em Fortaleza. A noção de campos, estabelecendo pontes simbólicas entre si, movimentando capitais, pode ser revelada já no término do segundo capítulo. Porém, ao analisarmos uma agremiação literária chamada Padaria Espiritual, privilegiando um pequeno grupo de indivíduos, sócios e membros da agremiação, selecionamos um subgrupo de Padeiros que tinham envolvimento com a educação e práticas docentes. **Esse é o capítulo III - Padeiros-Educadores a gênese e a fundamentação da categoria.** Era algo comum, em sua temporalidade, o envolvimento de intelectuais, homens de letras, literatos, escritores-cidadãos com as práticas docentes e com o ofício da pena. O trabalho privilegia exatamente isso: a agremiação Literária, no final do século XIX, que não faziam somente pilhérias e ironias sobre a educação em um jornal chamado *o Pão. O Pão*, em seu espaço de ‘socialização de suas idéias’, no dizer de Adolfo Caminha, pedagogizava a literatura de época, orientando o olhar do leitor letrado, não analfabeto, inserindo-se numa dinâmica nacional maior: *a República das letras*, no Ceará provincial. Para melhor análise do objeto pesquisado, criou-se a categoria *Padeiro-Educador*, fundamentando-a no trabalho. Os ideais pedagógicos dos Padeiros podem assim

ser evocado. Utilizando alguns autores para compor um referencial teórico que pudesse dar conta da imensidão do problema e das inquietações, realizamos a pesquisa baseada na leitura de Pierre Bourdier, por ser matriz teórica da história cultural. Entrecruzando fontes primária, secundárias e literaturas de romance, elegemos para nos acompanhar e orientar olhar: SEVCENKO, WILLIAMS, GINZBURG, CERTEAU, DARTON, CHARTIER, BOURDIEU. Teóricos da história cultural.

Esse último nos possibilitou a compreensão e a noção de campos, saberes, doxas e habitus. O que nos levaria a criar uma categoria - Padeiros-Educadores - para contar o envolvimento desses integrantes com a educação e a prática docente. Esta pesquisa conta os relatos e narrativas desses agentes históricos que movimentavam uma série de capitais simbólicos. Enquanto pessoas, ou melhor, seres individuais, eram agentes históricos e sociais em seu tempo. É exatamente nesse período que a educação é vista como um apanágio dos males sociais. Civilizar-se, higienizar-se, modernizar-se, educar-se eram as tônicas no Brasil do século XIX. É por estes tempos, o final do século XIX, que os intelectuais e setores médios urbanos embarcam no entusiasmo pela educação. É o início do otimismo pedagógico que se concretizará, de fato, somente nas décadas de 1920 do próximo século. Eram, ao nosso ver, os Padeiros-Educadores, Escritores-cidadão, fazendo literatura como missão. Esse é o término do capítulo III.

**O capítulo IV** *Rastros e Indícios da Instrução pública cearense no final do século XIX* é o último capítulo do trabalho de pesquisa, em que comentamos ‘fragmentos da construção’ do imaginário educacional cearense no século XIX, comentando que o mesmo estava inserido numa dinâmica nacional-local, possuindo raízes exógenas. Encerramos o capítulo IV confirmando que, no final do século XIX, existia um predomínio das influências Científicas, Evolucionismo( Spencer, Darwin), o Positivismo, o criticismo-

Kantiano, o truísmo pedagógico e principalmente a influência do Naturalismo literário, sobre o Naturalismo pedagógico, com Rousseau e Pestalozzi. Assim, Padeiros-Educadores: Coisas que o tempo levou... É também um despertamento para os leitores e amantes das ‘cousas do espírito’ que pesquisam o século XIX.

Muitas agremiações literárias e intelectuais que exerciam o ofício da pena no século eram homens de letras, literatos, romancistas, escritores, educadores, escritores-cidadão, intelectuais-totais, indivíduos, agentes histórico-sociais que movimentavam uma série de capitais simbólicos, estabelecendo ‘pontes’ entre os campos e universos simbólicos.

Eram homens que, enquanto seres individuais, eram também agentes sociais, exercendo outros ofícios, além da pena. Eram educadores e desenvolviam práticas docentes, além de pedagogizarem a literatura em uma época. Nessa temporalidade, o século XIX, principalmente no que tange às ‘cousas das letras’, às ‘cousas do espírito’, ser um homem letrado, bacharel, era, como se diz o adágio popular: ‘ Quem tem olho em terra de cego é Rei.’



# CAPÍTULO 1

**Construído uma tessitura Teórico-metodológica.**

## 1.1 Construído a tessitura.

A história não pode ser nem percebida,  
nem aprendida por uma só linguagem,  
pois a história possui múltiplas  
linguagens. ( Marc Bloch )

Este é um trabalho, ou melhor, uma proposta de relatório sobre as dificuldades, ausências, lacunas e desejos em relação ao objeto, que são os Padeiros-Educadores, um grupo de intelectuais por nós categorizados que se reuniam em torno de uma agremiação literária, ou melhor, um movimento literário e filosófico, no final do século XIX, chamado Padaria Espiritual. Tais integrantes não eram somente literatos, eram também escritores-cidadãos, intelectuais totais, e professores, educadores, exerciam a prática docente e não viviam somente do ofício de escritor. Os Padeiros Educadores eram aqueles que exerciam a prática docente. Por estas épocas, os últimos decênios do século XIX, a prática docente era algo compatível com o ofício de intelectuais e homens de letras. As reflexões aqui abordadas fazem parte dessas angústias, de tentar olhar o objeto e abordá-lo. Com a ajuda de teorias, apropriamo-nos de conceitos e categorias que são úteis para a problemática investigada. Neste capítulo que chamamos de introdutório - ou **construído uma tessitura Teórico-metodológica** - estão contidos nossos avanços e saltos, que produzimos quando adquirimos outras leituras e construímos outros 'EU(s)'.

Nele estão também contidas, de forma tímida, as apropriações de saberes, quando fomos expostos ao diálogo entre grupos, em algumas disciplinas, e os recortes, produzidos por leituras diretivas dos caminhos, orientações, sugestões e propostas apresentadas por nossa orientadora, a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa Borges Leão. As apropriações de saberes estão contidas nas diversas trocas de idéias com a orientadora e com outros Doutores, em momentos descompromissados de irreverência e aprendizado. Por isso, resolvemos assim chamar este capítulo à existência e organizá-lo em forma de colóquio, dando-lhe o nome: **Construído uma tessitura teórico-metodológica**.

Em Princípio, ele seria uma metáfora e ao mesmo tempo uma ironia aos sofrimentos e angústias causados pelo trabalho intelectual. Tínhamos a pretensão de chamá-lo: **Ajuda-nos a fazer, ajuda-nos a brincar com o meu objeto, pois 'EU' quero**

**olhar.** Acreditamos que é importante o pesquisador dizer em que lugar ele se encontra na pesquisa e de que forma ela foi feita, pois temos procurado leituras organizadas, dessa maneira, que pudessem até orientar um pesquisador inexperiente como somos. Portanto, esbarramos nessa ausência de linguagem e esbarramos em uma leitura ‘extremamente rebuscada’ e confusa, quando a encontramos. E sempre nos questionamos: quem sabe fazer, sabe também dizer? Sabe contar como foi realizado o trabalho? Ou essa forma difícil de dizer é uma propriedade de quem não sabe narrar, nem fazer? De qualquer forma, essa é uma problemática interessante se observarmos que todo pesquisador experiente um dia foi também um pesquisador iniciante. Assim, como sabemos que este trabalho será arquivado para posteridade, em uma instituição pública, temos a convicção, neste momento, e mesmo que esta dissertação venha a ficar perdida em uma estante, que passamos para os anais da história. Por isso o título irônico: **Ajuda-nos a fazer, ajuda-nos a brincar com o meu objeto, pois ‘EU’ quero olhar** foi omitido, mas denunciado a um possível leitor, desinteressado e curioso desta pesquisa.

A idéia é que: assim como em uma cantiga de roda, somos levados, pelas observações, a adotar outros referenciais de leituras que possam nos ajudar a dar conta da realidade a ser investigada. Desejamos, futuramente, olhar esse capítulo de uma outra forma. Fundamentá-lo ainda mais com outras pesquisas e com outros saltos em direção de outros objetos de pesquisas, já que este é o fruto da inquietação de quem observa. O capítulo está distribuído em três partes, a saber: *Ajudando-nos a fazer: falando de metodologias*, a primeira. É uma narrativa de como alguns hábitos foram mudados com a leitura de textos e sobre as inquietações criadas pelos mesmos. Na segunda, chamada *Repensar e refazer são necessários: a busca por um caminho, o método apropriado, a proposta ideal...*, são reflexões que nos ocorreram, quando pesquisávamos em outros locais, por ocasião de algumas horas vividas na biblioteca, vasculhando Internet, lendo periódicos e revistas de órgãos de pesquisa, bibliografias, entre outros.

Há, aqui, uma tentativa de buscar um ‘método próprio’, ‘particular’ e, com isso, eleger uma teoria. A dúvida terminou quando compreendemos e filosofamos sobre a construção do método. Aprendemos que filosofar é também produzir conceitos, optamos por criar uma categoria. É a tessitura do trabalho, onde compreendi que a melhor forma de fazer é fazendo, pois pesquisar é compreender uma realidade em questão, é, na verdade,

uma arte. Em muitos momentos tivemos que dialogar com as fontes, documentos, bibliografias, histórias, crônicas, jornais, teorias sobre a formação das idéias e sobre o pensamento social no final do século XIX. O objetivo desta faina era eleger um **'corpus documental'**, rastreando uma identidade textual entre vários documentos e obras de um mesmo autor ou de vários autores. Contudo, o documento mais importante em nossas análises é o jornal o *Pão* da agremiação literária *Padaria Espiritual* e a revista *A Quinzena*. Esta revista era o veículo de propagação das idéias filosóficas, abolicionistas, cientificista, naturalistas do *clube literário*, onde esses agentes históricos - Educadores, Padeiros - também fizeram parte e contribuíram alguns anos antes da formação da padaria Espiritual em 1892.

Na busca por uma coerência entre narrativas e fatos históricos que pudessem contemplar o nosso objeto, tentando construir este 'corpus', surgiu a idéia de uma categoria. A categoria Padeiros-Educadores fundamenta o trabalho, além de informar ao leitor o envolvimento com a prática docente dos integrantes da agremiação literária Padaria Espiritual. Essa categoria também destaca um subgrupo de pessoas que movimentavam uma série de capitais simbólicos e que, além de serem educadores, estavam bem envolvidos com os ideais e com os debates educacionais no final do século XIX. Eram professores e educadores, além de literatos, escritores-cidadão, intelectuais totais. O objeto da pesquisa constitui um título novo a ser investigado, o que nem sempre nos permitiria saber se estávamos indo à direção correta. Para tal, tivemos que adotar uma pesquisa histórica em educação com múltiplos referenciais teóricos e receber 'recortes cirúrgicos', com a precisão da nossa orientadora, para dar conta da categoria recém criada que fundamenta todo esse trabalho. Os ideais pedagógicos desses agentes sociais não fugiam das discussões de seu tempo: o naturalismo pedagógico e as idéias do evolucionismo social, voltadas para a educação. Era o período do embate entre as pedagogias tradicionais clássica humanística e as Pedagogias 'experimentais', científicas, evolucionistas, naturalistas, influenciadas diretamente pelos modelos científicos apresentados pelos 'ventos de mudança' que sopravam no Brasil do século XIX..

## 1.2 AJUDANDO-NOS A FAZER: FALANDO DE METODOLOGIAS.

Nas leituras de pós-graduação, sejam em sala de aula, sejam como ‘Extras’<sup>1</sup>, percebi algo de interessante nessas leituras sobre metodologia. Entre as grandes verdades ditas, a maior, em minhas observações, é a *aquisição de novos hábitos* (vasculhar na Internet, virar ‘rato de biblioteca’,<sup>2</sup> consultar as principais revistas de pesquisas sobre o tema de meu interesse, anotar as evoluções, os ‘saltos epistemológicos’, observar os questionamentos e anotar os hábitos). Assim, perceber novos métodos que possam ajudar-nos na leitura dos trabalhos de outros pesquisadores, apropriando-nos de abordagens e métodos de investigações. É importante para o pesquisador incipiente, ao ler essa ou aquela obra, questionar como a mesma foi feita. É bem mais proveitoso. Como ‘alguém’ negociou com suas fontes? Como ‘alguém’ tratou e dialogou com as fontes e com os dados? É isso que observamos quando lemos um trabalho.

Isso, além de ser salutar, aprimora o que nós chamamos de ‘**sentimento de apropriação**’, pois o leitor é também um autor. Na medida em que dar significados ressemantiza outros significados, construindo possibilidades mil para um texto lido. O ato de consultar e examinar dissertações e teses defendidas ‘*podem nos ajudar a criar caminhos*’, possibilidades de apreender ‘fragmentos’ da realidade observável que desejamos, mas que nunca atingimos a totalidade do real. Além disso, o ‘sentimento de apropriação’ nos permite criar outras informações, quando desenvolvemos a leitura sobre a pesquisa e criamos ‘*outros olhares*.’ .

A própria palavra *problema* significa “jogar na frente”<sup>3</sup> Mas jogar na frente o quê? Qual problema? Ou, melhor dizendo, jogar na frente os meus questionamentos e as minhas inquietações, o meu objeto, que, na maioria das vezes, está interligado com a minha trajetória (estórias e histórias como pesquisador principiante), pois “Não existe problema

---

<sup>1</sup> Leituras extras são aqui entendidas como as que são de afinidades diretas com o meu objeto ou aquelas que o orientador passa ao longo do processo de construção da dissertação ou tese que, de forma direta e indireta, ajudam-me a compreender melhor conceito, categorias, fatos sociais, históricos e políticos.

<sup>2</sup> Expressão usada para designar aqueles pesquisadores que, por umas infinidades de motivos, acumulam trabalhos. O trabalho “Morto” é aquele que não é revelado e que não é pago, só incorporado, quando passam horas e horas em Bibliotecas, Arquivos, ou em outros lugares que por força da natureza da pesquisa, venham contribuir para melhoria do trabalho. .

<sup>3</sup> Laville, Christian e Dionne Jean – A construção do saber. UFMG-ARTMED. Porto Alegre. 1999

sem história.”<sup>4</sup> O fato é que o desejo de realizar uma pesquisa está intimamente ligado, na maioria das vezes, a questões de ordem particular, individual e/ou grupal, pois o próprio ato de pesquisar é enfrentar um ‘universo de significados’, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que é do interesse do pesquisador. Ora, as minhas inquietações, objeto da pesquisa, podem ser analisadas, englobadas de maneira generalizada, construindo, dessa forma, aquilo que desejo investigar. Para tais inquietações, há possibilidade de dissecá-las e é exatamente isso que o Projeto de Pesquisa quer nos levar a pensar. “Uma cartografia de escolhas para abordar a realidade.” (MINAYO, 1994, p.34)

Assim, o que pesquisar (o problema), por que pesquisar (justificativa), para que pesquisar (objetivo do estudo e seus propósitos), como pesquisar, quem vai te ajudar a olhar a realidade e os teóricos com os quais iremos dialogar para compreendermos o ‘objeto’, *quando, onde, como*, fazem parte do esforço e do sofrimento do trabalho acadêmico, o que muitas vezes não é dito. E é importante, pelo menos na nossa opinião, que o pesquisador se mantenha afastado do objeto na pesquisa, porém mergulhe no tempo a ser investigado, no lugar, nos costumes da época, nas idéias e nas correntes filosóficas do período, é importante que ele tenha uma certa compreensão do político, do social, do econômico e dos produtos culturais. Essa é uma concepção de fazer História como uma História antropológica vista pela óptica de historiadores, ou como uma Antropologia histórica, vista pelo prisma de antropólogos. O método de GINZBURG (1991) busca o Diferencial, O Indício, O Dissonante, aquilo que nos salta aos olhos e que dá estranhamento, qualquer coisa pode ser a chave para se entender uma época, um discurso. Esses elementos podem estar em um documento, em um discurso, em um livro, em uma pintura, em um jornal, em um arquivo, em uma carta, em uma obra de literatura de romance ou até mesmo no entrecruzar de fontes. Seja como for, a história cultural é a história das práticas e das representações, de acordo com CHARTIER (2001). A ‘operação historiográfica’ também é uma prática, pois a documentação de uma época é vasta. Por isso, para Chartier, as práticas deixam rastros, pistas, marcas nos ‘produtos’ de uma época. Há diferença entre **Oralidade** (quem está falando, de quem se escreve, como é dito), e a **Escrita** (manifestação da ‘cultura’ e de suas representações simbólicas, onde a prática

---

<sup>4</sup> Laville, Christian . um diálogo entre o objeto e o método: Reflexões acerca da metodologia da pesquisa. Linhas Críticas, Brasília, UNB, V. 5, nº 9 p. 122. 1999

apresenta o social e a representação dessa prática recria e apresenta outra ‘prática’, outra ‘representação...’).

A história cultural é a história das práticas e das representações. A escrita é uma representação em CHARTIER (2001). As práticas humanas deixam representações, assim como o pensamento o faz. Ambos são símbolos das ausências. A escrita é uma arte, uma confecção artesã. Já a **Oralização** é a voz como o suporte para ler o que foi escrito, sendo a prática cotidiana da cultura falada aquilo que resistiu ao tempo e transformou-se em tradição oral.

Como o historiador vai a busca do conhecimento de um outro tempo? Às vezes, ele não tem a base empírica da fala da voz, mas tem o escrito, o documento, o monumento. Por isso, em alguns momentos, fazemos uso das práticas de leituras romanceadas; quando os diálogos com as fontes documentais se tornavam limitados, procurávamos estas literaturas. No Brasil, no século XIX, herdeiros de uma tradição indigenistas, romancista, tinham a intenção de educar o leitor e orientá-lo sobre os acontecimentos da época, agindo como verdadeiros formadores de opinião. Queríamos formar a nossa identidade como nação ou queríamos refletir sobre a essência dessa identidade. Na segunda metade do século XIX, iríamos presenciar o nascimento de intelectuais, que eram escritores, políticos, docentes, jornalistas, literatos, cientistas, pesquisadores, bacharéis, escrevendo sobre tudo em jornais, revistas, pasquins, literaturas romanceadas, pedagogizando a literatura e as práticas de leitura. Seus produtos visavam construir, refletir, orientar e formar o sentimento de nação, pois tínhamos um ‘estado, mas não uma nação’.

E a história cultural vem nos proporcionar essa ampliação das fontes, de onde emana a informação privilegiada. Assim, em alguns momentos da pesquisa, aproximamos-nos de documentos, de escolas, livros de contabilidade para verificar a existência de um determinado escritor que tenha sido professor, ou que tivesse uma prática docente, que tenha dado aula no Liceu, ou na Escola Normal. Verificamos ofícios recebidos e Enviados, relatórios aos presidentes da província e regulamentos. O que nos parece pertinente falar em *micro-história*, em especial, a de Carlo Ginzburg, cujo método é conjectural. Toda proposta de trabalho é uma possibilidade de explicação, com uma criatividade e liberdade de investigação e extensão de natureza, dentro de uma estrutura geral da sociedade humana, segundo GINSBURG (1991). No caso, o último quartil do século XIX.

A micro-história não tenta sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral ( Levi, 1992 , p.158 )

Nesse sentido, como abordar o objeto se o mesmo não tinha sido ainda tema de outros trabalhos? Queremos lembrar aos leitores dessa dissertação que, ainda, até o presente momento, não se publicara nada sobre o envolvimento dos integrantes da Padaria Espiritual com a educação. Assim, é necessário dialogar com as fontes. “*A história só é feita recorrendo-se a uma multiplicidade de documentos e, por conseguinte, de técnicas. “poucas ciências, creio, são obrigadas a usar, simultaneamente, tantas ferramentas”.* (BLOCH,2001, p.80)

O objetivo geral engloba as visões específicas de como posso alcançar o objeto. Diríamos que seriam questionamentos que me levariam a perceber ou ter a ‘pretensão de alcançar’ a problemática de forma ampla, geral. É, diríamos que: *o objeto é um problema que precisa de uma solução e uma solução sob medida.* O objetivo são os Padeiros-Educadores e as coisas que o tempo levou. A propósito, Santos nos diz:

Por esta razão, o problema expresso como objeto geral será subdividido em tantos objetivos específicos quanto necessário para o estudo e a solução satisfatória do problema contido no objetivo geral. (SANTOS, 1999. p. 63)

A problemática está exposta: objeto, suposições sobre o mesmo, as formas de fracioná-lo, visando alcançar a totalidade, as múltiplas possibilidades de abordá-lo, tudo deve ser revisto e escolher qual a teoria que seria mais apropriada naquilo que chamamos de *Revisões de literatura*. Até chegar no quadro teórico e/ou referencial teórico, *o conjunto de teorias e autores*, que nos darão uma ‘mãozinha’ e que te farão enxergar melhor a realidade.



Tudo isso faz parte da ‘Evolução da Pesquisa’, o que também asseveram Minayo e Gondim<sup>5</sup>. Fazer cronogramas, criar um caderno de anotações, abrir a percepção para recortes são coisas pequenas que parecem ser muito óbvias, mas, às vezes, são esquecidas. As múltiplas leituras permitiram-nos compreender, de forma analítica, como construir, reconstruir, montar e desmontar o projeto de pesquisa em suas partes. Descobrimos problemas no encaixe. Sempre nos lembrava da metáfora de criação do tema: *‘Ajudando-me a fazer’* .... A narrativa da pesquisa deve convencer o leitor das evidências históricas levantadas e da certeza da maneira como elas são tratadas.

### **1.3 REPENSAR E REFAZER SÃO NECESSÁRIOS: A BUSCA POR UM CAMINHO, O MÉTODO APROPRIADO, A PROPOSTA IDEAL...**

Definiríamos, ao ler Laville<sup>6</sup>, que os nossos olhos foram abertos para o que seria o referencial teórico, **os muitos ‘Eu(s)’ que formamos nas leituras**. Se fossemos defini-los em poucas palavras diríamos que o referencial teórico e/ou o nosso quadro teórico seria: **quem nos ajuda a olhar, o nosso objeto de pesquisa? Com quem iremos dialogar, para compreendermos as nossas inquietações, ou para compreendermos a lógica e as relações do objeto de estudo e as múltiplas leituras?** Ou, melhor, **quais são os autores que vão nos emprestar os olhares para ‘lermos’ a realidade?** O Problema é que a dificuldade começou aí. Observamos e percebemos que era necessário fazer recortes no nosso objeto e nos aproximarmos de espaços de debates sobre temas afins. O que era óbvio, mas não era vivenciado, pois estava oculto, veio nos dar lampejos de lucidez, em nossos olhares, quando começamos a ler sobre metodologia. Por isso, criamos, na primeira parte do trabalho, a metáfora: “ajuda-nos a fazer”, pois a metodologia é exatamente assim: como iremos fazer? Como faremos para abordar a realidade? Parece tolice, mas essa foi a construção epistemológica do projeto, que adquirimos nas leituras e no recorte do objeto da pesquisa. Só então percebemos que estávamos filosofando e teorizando a construção da pesquisa, ou melhor, a **‘cartografia da mesma’**. Existe, nesse trabalho, o exercício de

---

<sup>5</sup> Sobre a construção do projeto, ler: Minayo, Maria Célia de Souza. *Pesquisa social*. Petrópolis: vozes. 1998. Também sobre a definição de projeto ver: Gondim, Linda Maria Pontes. *Pesquisa em Ciências Sociais*. Fortaleza. UFC 1999.

<sup>6</sup> Laville, Christian. A construção do saber. Op. Cit. P. 87-125

eleição do método ‘filosofias’, produção de conceitos, de idéias, de um pensar sistemático sobre como pesquisar. Na maioria das vezes, lemos tantas coisas e não paramos para refletir sobre a simplicidade de um único conceito, de uma única categoria, suas construções históricas, de onde surgiu o significado, por qual motivo e em que época... coisas assim.

A discussão sobre o método remonta talvez ao nascimento da própria ciência, que traz, na exigência de formulação, um princípio básico e rigoroso de conhecimentos, modelos, teorias, discursos, com os quais estão fundamentadas as objetividades dos estudos. Entendo que a metodologia é o caminho a ser percorrido, o passo que daremos, o guia que deve ser seguido pelo pesquisador para a solução do seu problema, que lhe é proposto pelo estudo, como nos diz Martins:

a racionalidade determina..., o conhecer se estabelece a partir de outros vários planos: das motivações mais profundas do pesquisador, de seus desejos, de projeções pessoais, de suas indefinições, de sua trajetória pessoal etc. Podemos dizer que a relação sujeito versus objeto propicia tanto o desenvolvimento do objeto e do sujeito.  
(MARTINS, 1998, p. 29)

O que desejamos dizer neste primeiro momento é uma tentativa de uma ‘*Cartografia do nosso desenvolvimento na pesquisa*’, pois, ao entrar em contato com a biblioteca, com as revistas, com a Internet, com os periódicos, questionamos, refletimos e insistimos em saber: qual era a relação e quais as ‘práticas’ dessas atividades que tinham a ver com o nosso objeto? *Os Padeiros-Educadores no final do século XIX*, ou qualquer outra inquietação que nós pudéssemos eleger como problema, ou que nós pudéssemos eleger como objeto de pesquisa.

Questionamentos mil percorriam a nossa lógica: a de que o meu trabalho de ‘campo’, sobre um objeto de estudo 114 anos distante no tempo, estava circunscrito ao levantamento e à discussão da produção bibliográfica existente sobre o tema do nosso interesse. Só que percebemos uma ‘grande tolice’, para não dizer ‘besteira’ da nossa parte, pois esse esforço de criar conhecimento só por meio de leituras não desenvolve o que originalmente consideramos como um trabalho de ‘campo’. Passamos a ter aulas em múltiplos lugares, mesmo que não soubéssemos que certas conversas eram aulas. O que estava ocorrendo? Adquirimos a percepção do ‘campo’ e, logo logo, tal percepção nos

levaria a uma máquina imprescindível ao trabalho acadêmico, que é a leitura. Então pensamos: questionaremos estas fontes. Percebi que, se em 2004 existem fontes desse tempo, então, onde estariam as fontes do século XIX? Onde elas se encontrariam no século XIX? E, em plena efervescência da Propaganda Republicana, onde as encontraríamos? Onde estavam os impressos e obras? Quais eram os locais de circulação dos livros, dos jornais, das revistas nesse período? E será que esses locais de circulação, caso existissem, conservavam seus produtos culturais? Como se dava a vida literária e livresca no século XIX? Quem se preocuparia em guardar tais objetos da cultura material? Onde estavam estes espaços de memória? Será que teriam resistido ao efeito do tempo?

Queremos dizer que as leituras preparatórias e as indicativas com as quais nos deparamos sobre métodos, além dos roteiros das pesquisas em instituto antropológico e em outros ambientes, provocaram questionamentos, ausências, saltos de abordagem do objeto que, no fundo, ajudaram-nos a fazer e a perceber com mais clareza os caminhos. O que de fato ocorreu, na indicação dos textos, foi uma outra construção, para não dizer 'demolição' das idéias, criação de outras metáforas, como a que é título desta parte, deste trabalho, na pesquisa... Foi aí que percebemos o que estava escondido aos olhos: o óbvio. Tínhamos que criar uma categoria. Tal categoria explicaria a existência factual dos Padeiros, membros da associação literária Padaria Espiritual, enquanto agentes sociais e individuais? Mas quem eram os padeiros? Por que faziam pilhéria sobre a educação em seu jornal o *Pão*? Surgiu a idéia: seriam os Padeiros somente Padeiros? E quanto ao nome da agremiação literária (Padaria Espiritual)? Esse nome carregava materialidade e simbolismo? Seriam escritores com alguma prática docente? Seriam educadores, enquanto Padeiros, ou seriam Padeiros-Educadores? Os membros da agremiação literária que surgira no final do século XIX tinham envolvimento com a educação? A categoria estava formada, chamaria de Padeiros-Educadores o grupo de membros que, do universo de 34 literatos, tinham envolvimento com a educação.

A inquietação que nos coloca como um narrador é o desejo de dizer que tínhamos um grande problema: tornar simples o que tínhamos lido, percebendo o sub-grupo dentro da agremiação. Através das simples metáforas e ironias contidas na leitura do jornal o *Pão* e na leitura de outros textos indicados. Tais leituras abriram o olhar, apontaram caminhos e possibilidades, razão pela qual falamos de *apropriação de métodos*, pois quem

quer aprender a fazer, tem que aprender com quem já fez através de leituras, de caminhos, de pesquisas, de investigação, de abordagem, de artigos.

Quando se quer fazer, deve-se também questionar como ‘alguém’ conseguiu fazer aquele trabalho, aquela tese, com que técnica, com quais as leituras. Como é e qual foi o método utilizado? Será que o método utilizado por tal pesquisador dará respostas às nossas perguntas? Num primeiro momento, a cada livro lido, a cada tese e dissertações observadas, chegavam sempre com uma pergunta: **ajuda-nos a Fazer?** E saímos com respostas e com outras perguntas de como fazer. Perguntaríamos se era viável esse tipo de método. Criaríamos uma categoria, **Padeiros-Educadores**, buscaríamos o que causava estranhamento, o dissonante, aquilo que poderia vir por uma metáfora, ou por uma ironia, no jornal da agremiação chamado o *Pão*, a denunciar estes agentes históricos, Padeiros, educadores, pensamentos e idéias do último quartil do século XIX. Não esquecendo os olhares de outros espectadores que pudessem ter contemplado o nosso objeto e que tivessem abordado em obras, revistas, jornais, pasquins. Perceba, caro leitor desse trabalho, que não privilegiamos somente o documental como fonte. Proponho-me a entrecruzar fontes documentais, bibliográficas, possibilidades de fonte históricas como literaturas de romance, jornais e fotos. A foto é percebida como técnicas e possibilidade de documento, dependendo do paradigma adotado. Assim o método é:

O processo de construção de conhecimento, não se efetiva sob a égide exclusiva de uma determinada racionalidade.pelo contrário, o conhecer estabelece-se a partir de outros vários planos: das motivações mais profundas do pesquisador, de seus desejos, de suas projeções pessoais,de suas identificações, de sua trajetória pessoal. Podemos dizer que relação sujeito versus objeto propicia tanto o desvelamento do objeto como o desvelamento do sujeito.( MARTINS, 1998, P. 29)

Assim, queremos nos distanciar de uma perspectiva de pesquisa histórica em Educação, puramente positivista, em que o sujeito se deixa possuir pelo objeto sem construí-lo ou sem solucioná-lo. Dessa maneira, o sujeito recebe do exterior uma

consciência ‘espelho’ que reflete a forma dos objetos que se apresentam ou que reflete a forma dos documentos encontrados. É preciso desestruturar o documento para descobrir suas condições de produção. Quem detinha, numa sociedade do passado, a produção dos testemunhos que, voluntária ou involuntariamente, torna-se os documentos da história. E como os documentos são produzidos. Nesse sentido, interessa ao pesquisador da história da educação compreender-se como sujeito desse processo, considerando, portanto, sua experiência de ser social, conforme nos lembra Vieira:

Pensar a história como toda experiência humana entendida sempre como experiência de classe que é de luta, e valoriza a natureza política dessa luta significa considerar então que a história real é construída por homens reais, vivendo relações de dominação e subordinação em todas as dimensões do social, daí resultando processos de dominação e resistência. A partir daí, pensar a produção do conhecimento histórico não como aquele que tem implicações apenas com o saber erudito, com a escolha de um método, com o desenvolvimento de técnicas, mas como aquele que é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida, é fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como relações sociais e relações sociais determinadas, com necessidades, interesses e com antagonismos... o que se propõe... Não é um estudo paralelo do social, do cultural, do econômico, do político, mas sim um estudo que leve em conta todas essas dimensões, sem compartimentação nem subordinação ao econômico. (VIEIRA, 1991, PP.17-18)

Devemos lembrar ao leitor desse trabalho de pesquisa que o mesmo encontra-se no que chamamos de **zona de ‘intercambiamento’**, ou **zona de ‘aproximação entre campos’**, como Doxas, em BOURDIEU (1998) que são: a história e a educação. O trabalho contempla uma pesquisa em história e em educação, ou melhor, em história da educação, para não dizer a educação na história. Desta forma, apropriamo-nos de métodos históricos para focar idéias, pensamentos sociais, agentes sociais que, no caso, são os Padeiros e

também os educadores, fazendo, assim, pesquisa em história da educação, contemplando uma categoria chamada de Padeiros-Educadores.

Historiar as idéias educacionais e Historiar em educação é ‘contemplar, também,’ as reformas educacionais, como em NAGLE (2001). Os fatos sociais são marcantes para educação, aliás, a própria educação é um fato social, de acordo com DURKHEIM (1978). Fazer história da educação pode ser: agentes históricos presentes, ausentes, contemplar os métodos pedagógicos, a maneira de aprendizagem de um método, em um dado período histórico. Muito embora exista uma distinção entre a história das idéias, dos fatos, das reformas educacionais e a história dos métodos de aprendizado da educação, segundo TOBIAS (1978). Para Tobias, essa história dos métodos de aprendizagem é a história das pedagogias ou dos métodos e a História da Educação é um fenômeno bem mais amplo. Resolvemos entender a educação compreendendo-a, de acordo com CAMBI (1999), como um fenômeno social mais amplo, onde o político, o social e o econômico participam. Assim, historiar sobre um fenômeno ‘amplo’ coloca a história da educação numa posição, ao nosso olhar, superior a forma que concebe que história da educação não é única e exclusivamente a história da pedagogia. As histórias sobre a educação contêm a história das pedagogias, dos métodos, dos fins da educação, segundo AZEVEDO (1951)

Assim, não posso desprezar a “micro-estória” educacional, as experiências de sala de aula, as provas, as listas de livros, os ofícios entre escolas, dados estatísticos que privilegiavam o sistema de ensino, a educação como fenômeno de transmissão e aprendizado do cultural, as práticas educacionais e os rastros, as pistas deixadas pelas práticas, nas ‘representações’ em jornais, revista, livros, pasquins, contos, discursos, cartazes, fotos, cartas.. O que acontecia com a educação, num determinado tempo, principalmente se este tempo já está muito deslocado, como por exemplo, o século XIX. Quando as fontes vão se tornando cada vez mais escassas, o olhar aguçado do pesquisador para ‘literaturas’, fotografias, revistas, charges, pasquins, ao meu ver, podem ser entrecruzados. Quando já se estabeleceu um recorte no objeto, é nesse instante em que fazemos a distinção entre os dados- o que está escrito, o que está posto num documento qualquer - e os achados. As fontes são os locais onde emanam as informações privilegiadas, as fontes não falam por si só, é necessário estabelecer diálogos. O papel do

historiador não é só descrever, ou melhor, transcrever, é também descobrir os silêncios e as ausências do documento. O historiador deve buscar o dissonante, segundo GINZBURG (1991), deve buscar a chave de um tempo, por isso, as fontes são lugares privilegiados e carentes de diálogos.

O papel do historiador é ir além das fontes, resgatar as experiências, resgatar sujeitos, observar as singularidades dos discursos, perceber as figuras de linguagem quando se examina um jornal como o *Pão*, que possui mais de 100 anos, 36 tiragens, mais de 230 anúncios, ainda mais quando se sabe que ‘alguns’ anúncios eram de docentes. O jornal, nesse caso, o *Pão*, não é só um jornal qualquer: é o veículo de propagação das idéias do grupo Padaria Espiritual. Aliás, um nome muito sugestivo para uma época em que educar era sinônimo de ‘formar’ as coisas do ‘espírito.’ No final do século XIX, a educação era vista como a redenção de todos os males sociais. O apanágio dos males sociais. E as leituras, e as ‘práticas de leituras’, e a ‘vida literária’ desses agentes sócio-históricos - Padeiros-Educadores que tiveram envolvimento com a educação - tornam-se privilegiadas. Pode um pesquisador em história da educação desprezá-las?

Poderia o historiador da educação deixar de contemplá-las só porque fez uma opção metodológica e porque fez o recorte teórico que distingue história da educação e história da pedagogia? Ou poderia o historiador da educação contemplar a história das idéias educacionais e a história das ‘práticas e representações’ dessas idéias sobre a educação, no momento em que ele distingue história da educação e história da pedagogia? E, quando o historiador faz um recorte teórico privilegiando o que é história e o que é micro-história, não se muda também o enfoque dado à pesquisa? Quando um pesquisador vai se apropriar de uma realidade e possui uma teoria, é de se esperar que tal teoria de aproximação determine o método. Se não é possível apropriar-se da realidade com esta teoria ou com aquele método, mas se não... muda-se a forma de aproximação, muda-se a teoria, muda-se o método, muda-se o modelo de apropriação, mas não se muda a realidade.

A história é um exercício de outros olhares. ‘Experiências de ex-alunos’, experiências de professores, de memorialistas que foram alunos dos Padeiros-Educadores, de personagens contemporâneos, de relatórios de presidentes de províncias, de levantamentos de fontes, compreendo a necessidade de uma história mais próxima de processos educativos reais. Há o perigo de cairmos em uma contradição metodológica se

privilegiarmos qualquer coisa como fonte, segundo JUCÁ (2003). O historiador deve observar a maleabilidade das fontes, as procedências, os pressupostos utilizados.

A literatura é uma possibilidade de fonte quando entrecruzada com outras fontes. A foto pode ou não ser um documento, depende do paradigma adotado. Por isso, o historiador deve dar sentido ao documento, a história da educação é a narrativa que busca indícios da ‘experiência’ educacional, social e política vivida em outros textos, fontes, documentos, registros, sobre idéias educacionais, reformas, métodos de aprendizado, práticas educacionais, práticas docentes, as ‘representações’ das práticas sobre a educação, as ausências dessas práticas também falam sobre a educação. A história da educação pode ser contemplada também nos rituais da escola, dos personagens, dos docentes, dos sistemas de ensino, dos alunos não ouvidos, dos locais privilegiados como centros de educação. E não somente a narrativa, a descrição do documento, mas também a possibilidades de interpretação dos fatos educacionais, pois “o tempo e as palavras em uma época devem dizer mais coisas, ir além do material escrito, além da transcrição”.(FARGE,1999,p.18)

Assim, independente do tipo de enfoque e método utilizado pelo historiador em sua pesquisa, comungamos da idéia de que mexer com personagens do passado requer um esforço de interpretação sempre sutil e complexo que tem como intenção reconstruir o passado a partir das representações historicamente produzidas por seus agentes. Em alguns momentos, ficamos tentados e seduzidos a fazer análise de discursos enquanto método da pesquisa, o que tornaria o nosso trabalho monumental e gigantesco para uma dissertação. Isso ocorreu porque tínhamos de reconstruir uma ‘dada época’ em sua historicidade e, então, na nossa forma de perceber a realidade, situaríamos o trabalho numa história das idéias, o que não nos era viável para abordamos a nossa categoria.

Entendemos por análise de discurso um método pelo qual as idéias produzidas por determinados indivíduos só podem ser apreendidas quando estabelecida uma ponte constante e necessária, por parte do historiador, entre as idéias e o ambiente social em que elas foram produzidas. Os discursos elaborados pelos indivíduos só ganham um sentido a partir do meio sócio-cultural em que foram inseridos. Eles não se constituíram a partir de uma abstração, mas sim de um referente social. É dentro dessa perspectiva, com a leitura de Orlandi, relacionada ao emprego desse método de entendimento e a sua constituição, que fizemos uma opção **metodológica pela história cultural e a micro-história e por sua**



**utilização com método principal nesta pesquisa.** Optamos pela não utilização da análise de discursos. Segundo Orlandi:

Resta-nos lembrar que a análise de discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o lingüístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que o significam. O que me permite dizer que o sujeito do discurso é um lugar de significação historicamente construído. (ORLANDI, 1996.P.27)

O método de análise de discurso apresentou-nos um lado desafiador mediante as possíveis dificuldades que sempre se apresentaram àqueles que trabalham objetos pertinentes a história das idéias sociais<sup>8</sup>. Contudo, tivemos que ser acompanhados pela leitura de Bourdieu e por sua teoria, principalmente, quando utilizamos o conceito de **campo e de habitus**. Fazemos uso desses conceitos não só com o objetivo de fundamentarmos a categoria, mas porque a grande maioria de teóricos que trabalham com a história cultural - suas práticas e representações - apoiam-se nas argumentações de Bourdieu para fazer suas análises históricas e culturais.

Entre eles, podemos mencionar CHARTIER (1990, 2001,1998). O mesmo raciocínio se pode aplicar a CERTEAU (1990, 1982,) SEVCENKO (1989), mas não a WILLIAMS (1979,1992), que realiza uma análise marxista da cultura. Fizemos essa diferenciação porque todos os autores citados trabalham com a história cultural. Possuem matrizes teóricas diversificadas, contudo, seguindo a orientação dada pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa Borges, nossa orientadora, verificamos, com as leituras que a matriz teórica de Bourdieu era a que mais prevalecia entre os autores, principalmente, os de origem francesa. O segredo é que nela estão contidas argumentações de Durkheim, Marx, Weber, um tripé teórico bem consistente e clássico nas ciências sociais.

---

<sup>8</sup> Insiro essa argumentação dentro do campo da história das idéias sociais mediante a explicação do que vem a sê-la proposto por Robert Darnton em *O Beijo de lamourett.. Compreendendo que as idéias* produzidas por um só grupo só podem ganhar um sentido a partir do contexto histórico, ou seja, a partir de um meio social. Outra indicação bibliográfica que nos parece oportuna referente à questão teórica está localizada no ensaio de Francisco Falcon.*História das Idéias* in Os Domínios da História. São Paulo; companhia das letras. 1999

No que tange às idéias educacionais, a historiografia da Educação desde a década de 1980 vem mantendo diálogo com a história cultural<sup>9</sup> e com a essa abordagem, de modo que a concepção de fonte histórica foi ampliada, historicizando práticas e representações. Alguns teóricos batizaram esse referencial teórico-metodológico como a Nova História Cultural<sup>10</sup>. Em alguns momentos, lançaremos mão da literatura, operando com o que chamamos de *o verdadeiro e o verossímil* presentes na história e na literatura. Assim como cientistas e literatos têm pretensões diferentes, um ‘deverá fazer’ ciência e o outro arte, o que não é a mesma coisa, muito embora ambos partam de problemas existenciais.

A história trabalha com o empírico, com o factual, com o provável e a literatura romanceada trabalha com a ‘possibilidade do acontecimento’, do que é imaginado ser possibilidade na história. As estruturas de sentimento constitutivas do social (sentimentos, paixões, devaneios, as práticas do cotidiano) são apreendidas em uma literatura romanceada. As práticas de um tempo deixam seus rastros.. A literatura produz as estruturas de sentimento, de acordo com WILLIAMS (1979). Portanto, como não é possível restaurar o real já vivido em sua integridade, com a obra literária entendemos que podemos alcançar as leituras das práticas do imaginário, do cotidiano no século XIX, em suas representação. Principalmente aquelas que falam sobre a educação em Fortaleza no final do século XIX. Utilizando os romances classificados como Naturalista-realistas, *A Normalista*, de Adolfo Caminha (Padeiro-Educador), com uma obra contemporânea de um outro autor, *O Ateneu, de Raul Pompéia*, ambos entrecruzando com correntes pedagógicas e idéias educacionais em seu tempo. Assim segundo, Ivone Cordeiro a literatura é :

Parte constitutiva do social e não apenas um reflexo deste, e desta forma reveladora das estruturas de sentimentos que compõem o imaginário de uma sociedade, buscam apreender as experiências e motivações que as geraram. Penso que mais do que expressa um sentimento ou intenções, a literatura tem um papel fundamental na criação de sentimentos e intenções,

---

<sup>9</sup> WARDE, Mirian Jorge e Carvalho, Marta Maria Chagas de. Política e Cultura na Produção Histórica da Educação. *Contemporaneidade e Educação*. Ano v,n.7,1º Sem/2000.

<sup>10</sup> Cf. CHARTIER. Roger. *A História Cultural ; entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel/rj; Bertrand Brasil,1990 e HUNT, Lynh. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo ; Martins Fontes, 1992, P 131-173

criando elos de medição entre o que é vivido, o que é sentido, e o que é pensado. A literatura orienta o olhar, apesar de sua dimensão material- produção discursiva escrita, a literatura, pela sua própria natureza, produz uma dimensão imaterial- desperta sensibilidades estéticas, sentimentos de amor, prazer, angústia, ódio, orienta politicamente, construído subjetividade que se mobiliza na produção de imagens que se incorporam socialmente como práticas e representações, constituído-se, assim numa dimensão necessária da experiência social passível de ser apreendida na sua temporalidade ( BARBOSA, 2000, P.22)

#### **1.4 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS: No labirinto dos nossos muitos ‘Eu(s)’, Criando outros Caminhos.**

Com esta frase, tento exprimir as angústias, lacunas, ausências, os encontros das coisas e/ou pistas que nos são reveladas pelo o acaso ou por uma busca perseverante de um objetivo previamente determinado.

Sim, previamente determinado, porque podemos ter uma visão do objeto que não dê conta de compreender toda realidade, ou melhor, não dê conta de compreender a totalidade da realidade que se deseja investigar, mas que tragam luzes, focos de lucidez no mergulho do social a ser investigado.

A esta parte da pesquisa, como em todas as outras, eu chamaria de: como vamos tratar os dados encontrados e como iremos manipular essas informações. Quais fontes e técnicas se revelaram no decorrer da pesquisa mais apropriadas, quando já se possuía um objeto previamente estabelecido e recortado. Alternativas apareceram ao recriar outras leituras. Possibilidades de como fazer e perspectivas de quais instrumentos utilizar. Foi um momento decisivo, no mês de junho de 2004, e continua até agora.

Para compreender um objeto do século XIX é interessante perceber a inserção das posturas intelectuais e políticas dos letrados cearenses. É necessário observar as literaturas, a criação de modelos que possam explicar a compreensão de estado-nação, a noção de imaginário coletivo e político, tanto da pluralidade nacional, quanto cearense no final do século XIX. É aí que as bibliotecas da UFC; A biblioteca pública Menezes Pimentel, o setor de obras raras da Academia Cearense, o Instituto Histórico de

Antropologia do Ceará, o Museu do Ceará, a Casa Juvenal Galeno parecem-nos pertinentes. Quando observávamos os periódicos, encontrados na biblioteca da U.F.C., principalmente os da CAPES e do CNPq, ficamos a pensar, ou melhor a repensar, o como fazer.

E os pasquins, impressos, jornais de época, periódicos, manuscritos, revistas, cartas, discursos oficiais e comemorativos, relatórios de províncias, obras literárias deste tempo, onde estão? Será que ainda existem? Por onde circulavam e onde se encontram?

Demo-nos conta de que era necessário realizar um balanço bibliográfico acerca da história intelectual, política e literária do Ceará, **afim de que se possa perceber o movimento, as mudanças de quadros sociais e suas influências no Ceará provincial no início da Era Republicana**. Assim, a forma de catalogação de todos os livros que existiam na biblioteca torna-se indispensável. Compreender a lógica de funcionamento e de uso de uma biblioteca torna-se extremamente importante. Saber se ‘alguém’ já construiu algo, principalmente, sobre o objeto pesquisado. Foi nesse instante que construímos um ‘outro significado’ para a pesquisa em andamento. **Outros indícios e outros caminhos**. O discurso que naquele instante nos levava era o de rastrear espaços mais longínquos, futuramente, como: A Biblioteca de Nacional (setores de periódicos, obras raras e bibliotecários), Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (obras raras e periódicos), acervo bibliográfico e particular do Sr. Dr. José Bonifácio Câmara. (o maior bibliófilo do Ceará) no Rio de Janeiro. Isso se deu, de um estalo, como um ‘insight’, mas era inviável ao mestrado.

A grande verdade é que a historiografia do Ceará e os trabalhos literários que tratam daquela sociedade no século XIX - a Padaria Espiritual - ignoram as relações entre os campos de ação dos grupos letrados, seja no âmbito da imprensa, seja no âmbito da literatura e, principalmente, no da Educação.

A Educação pode ser vista como um fenômeno amplo e abordado pela micro-estória. Essa herança de ver a educação como micro-estória é uma perspectiva positivista e não estamos falando da micro-história em GINZSBURG (1991). Já que o Núcleo de História e Memória da Educação da FAGED-UFC ao qual pertencemos tem pouco tempo de nascido e possui um grande ideal a concretizar: produzir histórias, sobre as ‘estórias e histórias’ da educação no Ceará. Em princípio, escolhemos as que existiam no Ceará Republicano, na 1ª República, Estado-novista, de acordo com o interesse de cada pesquisador e das linhas de pesquisas já existentes. Nós resolvemos aprofundar os nossos

estudos sobre a Educação no Século XIX, onde muitos já disseram que não há nada sobre a educação, garimpamos e ainda estamos rastreando a educação nesse período, enriquecendo-a com outras pesquisas. O desejo é continuar no Ceará Imperial, tornado-me cada vez mais especialistas em períodos em que as fontes são escassas, isso é uma opção... Fundamentando-a ainda mais.

É na escolha do pesquisador que os cuidados devem ser dobrados. Situar os locais da pesquisa, criando um roteiro, refazer o percurso metodológico, definir melhor os sujeitos da pesquisa, impor-lhe recortes é importante para quem tem um desejo de ‘encontrar o passado’, ou melhor, evocá-lo, no tempo presente. Nessa pesquisa e, em especial, neste objeto nomeado de os Padeiros-Educadores, a pesquisa documental e hemerográfica são de suma importância. Não podemos desprezar, quando desejamos recuar muito no tempo ou em qualquer outro trabalho dessa natureza, o suporte proporcionado pela iconografia, incluindo cópias de esboço, plantas e mapas, cópias de filmes em vídeo, quando existirem, charges, reproduções de obras de arte, bem como as críticas escritas dessas ou de outras pesquisas. Uma fotografia, uma carta, um cartaz, as charges são também produções intelectuais e temporais. As fotografias, segundo nos lembra Mauad:

A imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material, de um determinado tempo do passado, que a mais detalhada descrição não daria conta. Nesse sentido, a imagem fotográfica seria tomada como índice de uma época, revelando com riqueza de detalhes, aspectos da arquitetura, indumentária, formas de trabalho, locais de produção, elementos de infra-estrutura urbana (MAUAD, 1997, p. 315 )

Entendemos todas as técnicas acima citadas, entre elas a fotografia, como matéria do conhecimento histórico. Porém, quando o conceito de conhecimento histórico deixa de ser percebido como natural, por força da aparente escassez de fontes, é possível percebê-lo como conteúdo cultural, sujeito a interpretações e aí estamos diante de um paradigma. É preciso criar as fontes, dialogar com as mesmas e problematizá-las.

As fotos e obras de arte passam a ser possibilidades de fontes, são trechos de uma realidade suspensa e de tempos roubados que não voltam jamais. Na descrição icnográfica estão constituídas não só o conteúdo cultural, mas os fragmentos do universo sociocultural dos agentes histórico-sociais que são indicadores de uma época. A fotografia, apesar de ser objetiva e subjetiva, pois depende do olhar de quem está fotografando e de seu interesse, apesar desses fatores, o ato envolve: o sujeito, o instrumento, o social, o cultural e o histórico. Isso é também rastreado.

Entendemos que a explicação e apreensão do real são historicamente construídas. As dinâmicas do particular não podem ser desvinculadas do geral. E a dinâmica do geral também se reflete no local. Buscamos algumas referências experienciais de como tratar, analiticamente, materiais priorizados o que me levou a uma relação de alguns livros, entre eles Vieira, nos lembra:

Trabalhar com um conjunto tão diversificado de registros, sendo ainda um campo pouco explorado, tem levado o historiador a abrir a própria trilha. Isto exige, além de ousadia, de um certo espírito de pioneirismo e de uma disposição de “quebrar a cara” uma reavaliação da prática da interdisciplinaridade (Viera, 1991, p. 25)

Além de termos contato com dissertações e teses que abordavam o período republicano, buscamos então outras categorias, tais como *oligarquias, literaturas, imprensa, política*, no último quartil do século XIX ou durante o período(1875-1900). Compreendemos a ‘Fortaleza, Belle Époque’<sup>11</sup>, tempos de aformoseamento de Fortaleza, a partir de códigos de postura, de disciplinamento urbano, de influência de idéias científicas na construção de um imaginário, inserindo Fortaleza numa lógica de urbanismo que acompanhava as grandes capitais e cidades européias. Numa das mais belas teses de antropologia urbana sobre Fortaleza antiga.

*Ajudando-nos a fazer* são as primeiras aproximações, as primeiras impressões, as inquietações de ‘alguém’ que quer fazer mais. Porém, como aprendiz, deve aprender a procurar, a buscar, a interpretar teorias que, na maioria das vezes, são “modelos”, são formas de se ver o objeto. Em alguns casos, precisam pensar e repensar o objeto até sua

---

<sup>11</sup> Cf. PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque*. Fortaleza, Demócrito Rocha, 2000.

exaustão para que possam dar-lhe um suporte a outro pesquisador, a olhar, a brincar e a aprender com os ‘fragmentos’ de outra realidade.

Lembro-me de uma frase<sup>12</sup> lida em algum lugar, nos últimos dias de aulas, não sei se é de um pensador ou de um professor ou de um palestrante, conforme a tradição oral mas, como temos o hábito de criar roteiros e anotá-los, achei-a e é uma pérola. O objeto é uma pergunta, o problema são meus questionamentos, a teoria é o referencial, é a maneira como vamos visualizar e se posicionar para perceber a realidade. A metodologia é o caminho, o *como se faz*, e o referencial teórico nada mais é do que *quem* vai fundamentar ou te ajudar a olhar a realidade ou quais os autores que vão te acompanhar nessa pesquisa.

Encerro, por alguns instantes, esse trabalho, sabendo que ele é contínuo, acumulativo e processual em nossa pesquisa. Talvez Ivani Fazenda, na obra: *Novos Enfoques da Pesquisa Educacional* expresse o que desejo nesse momento, o que Lüdke nos diz:

A própria idéia de concluir o trabalho com uma jornada de discussão de resultados, por mais interessante que tenha sido, não deve dar a ilusória sensação de que a missão está cumprida. E/a representou, sem dúvida, uma boa oportunidade de confrontar os achados de uma pesquisa com as expectativas e opiniões de alguns dos seus interessados mais próximos (LUDKE,1992, p.38).

Por todo esse sofrimento e por todas as angústias causadas pelo trabalho acadêmico é que resolvemos, Nós e nossos muitos ‘Eu(s)’, nomear o capítulo como *Construindo a Tessitura Metodológica*, pois nesse momento somos muitos que procuramos um instante para narrar a história dos Padeiros- Educadores. Decidimos começar a narrativa pela descrição da Fortaleza antiga e do seu tempo. Assim, passearemos juntos pela Fortaleza antiga, a Fortaleza do final do século XIX. A Fortaleza dos Padeiros e de tantas outras agremiações que surgiram nos últimos decênios do século XIX. A Fortaleza que, nas crônicas de Raimundo Menezes, foram imortalizadas. A Fortaleza velha, esquecida no tempo, a Fortaleza vila dos bondes puxados por burros, de estilo afrancesado, da iluminação ao olho de peixe, a Fortaleza da fome, da seca e da morte. A Fortaleza das coisas que o tempo levou...

---

<sup>12</sup> “A descoberta de si, tem haver com a descoberta do que se quer ser”. A busca do referencial teórico, da metodologia e das coisas a pesquisar, vai depender do objeto e também da maneira como você quer olhá-lo”.

# CAPÍTULO 2

**O Contexto Social e Histórico da Padaria Espiritual Em  
Fortaleza no último quartil do século XIX.**

---

---



## 2.1 O contexto social e histórico da Padaria Espiritual nos últimos decênios do século XIX (1870-1890)

Como seria a história dos lugares por onde o homem nunca passou? Existem as coisas sem ser vistas? (Carlos D. Andrade)

Com este capítulo procuramos esclarecer ao leitor alguns questionamentos acerca do que era a **Padaria Espiritual**, uma agremiação literária onde não havia uma homogeneização de estilos literários, marcada por uma multiplicidade de estilos, surgida em meados de maio de 1892 e cujos integrantes eram os chamados de **Padeiros**. A historiografia da literatura cearense, **ou o discurso histórico da literatura dentro da cultura letrada no Ceará**, chamou os Padeiros e seus sócios de “amantes das cousas do espírito”.<sup>7</sup> Além de serem uma sociedade de boêmios, sarcásticos e até revolucionários no dizer da mesma crítica literária, possuíam um órgão socializador de suas idéias, o jornal o *Pão*, um Periódico cujo teor e gosto literário eram carregados de colunas, anedotas, reclames políticos, denúncias literárias, artigos e metáforas de cunho científicos e educacionais. Em seu próprio dizer: “prometemos nada poupar para que o Ceará figure na vanguarda do movimento literário que presentemente se desenrola no paiz de par com os generosos esforços para a nossa regeneração política..”<sup>8</sup> Agremiação literária, a Padaria Espiritual possuía ainda um programa de instalação que não continha somente as idéias, os pensamentos de seus integrantes e os seus sentimentos, mas tinha a pretensão de levar ‘pão-de-espírito’, o ‘alimento da alma’, o ‘crescimento de cultura letrada,’ a informação e formação aos seus leitores, a ‘educação’ dos olhares de seus leitores, além de caracterizá-los nos seus aspectos mais distintos, como o jornal nos informa:

O seu programma é muito simples: transmitir ao leitor com a maior exactidão o que sente eo que pensa a Padaria

---

<sup>7</sup> MOTA, Leonardo. *A padaria Espiritual* Casa de José de Alencar / UFC; 1995.p.16; Azevedo, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e O Simbolismo no Ceará*. Fortaleza : Casa de José de Alencar / UFC;1996 P. 58 “ O Ceará e os Grêmios Literários do Ceará” IN: Revista da academia Cearense de Letras;1982. p.124, FIÚZA,Regina Cláudia Pamplona. *O Pão...da Padaria Espiritual*. Fortaleza: s/r 1992. p.18

Espiritual sobre tudo e sobre todos. Não obedece absolutamente a sugestões estranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar; em compensação, de modo algum ameaça hostilizar. Promette apenas uma cousa: Dizer sempre a verdade, doa esta a quem doer. ( O Pão, 10/07/1892, p.01)

Não nos parece interessante abordar um assunto e descontextualizá-lo do “imaginário<sup>9</sup>” social e político de sua época. Tal atitude seria como retirar uma palavra de um texto em que está empregada, com sentido e colocações inerentes ao próprio texto, e procurar o seu significado de forma isolada, fora do texto, em que foi escrita. Assim, é pertinente começar a narrativa deste capítulo tal qual eram as vozes, os sentimentos, os valores que estavam imersos e existentes o cenário de Fortaleza no último quartil do século XIX (1875-1900). Passeemos por Fortaleza antiga, a Fortaleza das coisas que o tempo levou....

## **2.2 Algumas falas e rastros dos aspectos sociais, políticos e econômicos sobre o Brasil na 2ª metade do século XIX.**

A política é a desgraça do Ceará, e itá terra seca, que se ganha dinheiro com a desgraça alheia!  
( *A Normalista*, Adolfo Caminha)

Os grandes acontecimentos que marcaram o Brasil no século XIX podem ser vistos como imbricados a um turbilhão “nas idéias, nas instituições, nas projeções

---

<sup>8</sup> O Pão... da Padaria Espiritual. Fortaleza: ACL/ Banco do Nordeste do Brasil (BNB); 1982 ( Edição Fac-símile). Nº07;AnnoII; 01/01/1895. p.01.

<sup>9</sup> O imaginário serve para ligar uma geração à outra. Mas o que é o imaginário de uma época? Qual o seu papel? Quem melhor nos explica é Castoriades: “Este elemento, é que dá à funcionalidade de cada sistema institucional, sua orientação específica, que sobredetermina a escolha das conexões das redes simbólicas, criação de cada época histórica, sua singular maneira de viver, de ver e de fazer sua própria existência, seu mundo e suas relações com ele, esse estruturante imaginário... distinções do que importa e do que não importa, origem do aumento da existência dos objetos de investimento prático, afetivos e intelectuais, individuais e coletivos, este elemento nada mais é do que o imaginário da sociedade ou da época considerada... O papel do imaginário é dar respostas sobre a identidade, quem somos nós como coletividade,

políticas”.<sup>10</sup> Eram os ideais do velho mundo, principalmente as idéias revolucionárias do século XVIII, que estavam aportando por confluência no Brasil imperial, causando de ‘forma lenta’ e paulatina uma ruptura no sistema lusitano, monárquico e absolutista. Essas rupturas, pequenas fraturas e fissuras na estrutura do Império, davam-se, segundo alguns, primeiro no campo das idéias, na busca de um sentimento de nacionalidade, ou melhor na busca de uma identidade nacional. “A vida autônoma da nação brasileira se faz através de quatro revoluções: Independência, Queda do Império, Abolição e República.” ( BONFIM, 1996, p. 347 ). Existia uma intensa ação da intelectualidade brasileira, que, nas palavras de Ianni:

Refletir sobre o que era o século XIX brasileiro, e como ele estava deslocado, atrasado quando visto em contraponto com os países capitalistas mais desenvolvidos e a partir das potencialidades das forças sociais regionais e nacionais. Aproveitam-se dos ensinamentos liberais, positivistas, evolucionistas, darwinistas e outros, para estudar e explicar o que era e como poderia se transformar a sociedade, a economia, a cultura, o estado, a nação.( IANNI,1996, p. 15 )

A poesia e a literatura brasileira exerciam sua função social e política, faziam com que o ‘mundo das idéias’ caminhasse no sentido de buscar a transformação do real. O Brasil ‘ilumina-se,’ buscando um pensamento ‘próprio’, encontrando eco para seus apelos em favor da eliminação do imperialismo bragantino. Setores distintos da nação articulavam movimentos, discutiam o político o social vislumbrando mudanças, arquitetando, por ‘baixo do tapete da intelectualidade’, a Abolição e a República e a maior participação política que seriam como um bálsamo, além de solucionadoras dos atrasos históricos, segundo MARTINS(1999), ‘incompatíveis’ com o Brasil dessa época. No dizer de Bonfim:

Casimiro de Abreu, Gonsalves Dias, Álvares de Azevedo, Alencar, Castro ALVES, Machado de Assis.... Falam

---

onde e em que somos nós? O que queremos? o que desejamos e o que nos falta? ( CASTORIADES, 1982, p.175)

<sup>10</sup> SOUSA NETO, Manoel f. de. *Senador Pompeu um geógrafo do poder no Império do Brasil*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo: 1997. p.3.

diretamente aos corações, e incorporam de pronto os sentimentos da nação, em contraste com o regime que anula. Por Isso mesmo, a influência dessa poesia é a dissolução das instituições em que se enfeixavam o mesmo regime-escravidão e monarquia... E, como se exaltam os sentimentos, elevam-se as mentes... Os seus poemas são veemências de paixão, destacando as idéias em que se planejará um novo Brasil... E o Brasil de 1850 ardeu no lirismo de seus cantores... com eles se definiu, então, o Brasil que se negou finalmente ao braço imperialista, e contendeu até abolir a escravidão. ( BONFIM , 1996, P. 292-6 )

O Discurso Republicano no Brasil toma fôlego ainda com as incipientes forças que germinavam por dentro e por fora do escravismo e do mando monárquico. Os ideais iluministas franceses, os princípios universais de igualdade, liberdade e fraternidade, realçavam com a forte repercussão da derrubada de monarquias no mundo europeu, onde se importavam idéias nascidas para um outro tempo e espaço, numa busca de projetos políticos e sociais que dessem forma à identidade nacional. Segundo Ianni:

A realidade social, econômica, política e cultural com a qual se defrontavam intelectuais, escritores, políticos, governantes, profissionais liberais e setores populares não se ajustavam facilmente às idéias e aos conceitos, aos temas e às explicações emprestadas às presas de sistemas de pensamentos elaborados em países da Europa. Estava em curso uma fase importante no processo de construção de um pensamento capaz de transformar a realidade nacional.( IANNI, 1996, p.17)

O Brasil do século dezenove é, portanto, nação em construção. Construção de identidade que requer a construção de pensamento próprio. Desejo crescente de saber quem somos e o tanto que ainda permanecemos, compreendendo, também, o que poderemos ser. A tentativa de formar a identidade nacional lançava olhares para a compreensão das origens da ‘polêmica’ estado-nação, da noção de Pátria, do papel das instituições e das idéias na formação de uma tessitura, ou melhor, na formação de um fio condutor que

aplicasse uma força de coesão nacional às diversas classes num país tão desconforme e aristocrata. Segundo Cordeiro:

O país tentava, especialmente a partir de 1822, tornar-se nação, ceder maior espaço de poder aos seus interesses mais genuínos, definir um rosto. Os traços desse rosto estavam na forma de governo, no estilo de relacionamento inter provincial, na questão da força de trabalho, no sistema político, no tipo de participação da sociedade. Em torno dessas definições os ânimos se agitaram, e princípios filosóficos, especialmente sobre o lugar da liberdade, embasarão teses propostas.

( CORDEIRO, 1997, P.15 )

Nesse sentido, novos grupos arregimentados em diferentes setores (como o comércio, o funcionalismo, os profissionais liberais, militares, os intelectuais, a maçonaria, sacerdotes envolvidos em sociedades secretas e de cunho cientificistas) incrementavam as propagandas abolicionistas e republicanas. Abatiam e fissuravam, paulatinamente, uma monarquia que tinha chegado, aqui, nas terras de ‘Vera Cruz’, fugida das transformações sociais que aconteciam no ‘velho e tão ‘moderno mundo’. Esses grupos - setores médicos urbanos, militares e intelectuais – queriam mudanças nos planos da política, da economia, da educação e da cultura. Tudo faziam para propor um projeto político e pedagógico para o Brasil. Contudo, é numa das facções emergentes - os militares (fortalecidos pelas ações da guerra contra o Paraguai) - que esses grupos encontram ambiente para transformação de fato do real, repensando de forma efetiva a organização política do país. Fortalecidos por movimentos como a guerra do Paraguai, anteriormente citado, ou melhor, ‘o crime contra o Paraguai’, é que as idéias republicanas se solidificam. “As classes emergentes no país tiravam proveito de grupos que buscavam um comprometimento mais ‘verdadeiro’ com as questões sociais, econômicas, políticas, educacionais e culturais.”<sup>11</sup> Nessa época, a palavra de ‘ordem e progresso’ é sinônimo de civilizar-se, inserindo-se no projeto civilizatório proposto pelas grandes nações que arquitetavam a nova ordem mundial, os sonhos de industrialização dominados pelo poder de transformar a matéria, forjando o aço, buscando

---

<sup>11</sup> IANNI, Otávio. *A idéia de Brasil Moderno*. 2ª ed., São Paulo ; Brasiliense, 1996, p.17.

os caminhos da industrialização. Novas idéias, novos instrumentos, novas máquinas, tornavam a experiência vivida um crescente desejo de civilizar-se, de alcançar o progresso.

Estrada de ferro, usinas, luz a gás, luz elétrica acabavam por decretar morte, no campo das idéias, ao sistema baseado no escravismo e nas relações monárquicas. Era o “mito do progresso no entusiasmo pela iluminação pública, a imprensa e a ferrovia.”<sup>12</sup> A intelectualidade brasileira, nesse momento, sabia que possuía um estado atrasado historicamente, de acordo com MARTINS(1999), mas não possuía uma nação. Começavam, em torno de novos ideais influenciados pelas idéias iluministas, a ver-se diante do espelho, os vultos desconformes, desproporcionais de um império imerso em propostas arcaicas e mergulhado em um atraso histórico (Id. Ibidem). Por aqui, já existiam fraturas. A participação política, a abolição, o republicanismo são bandeiras levantadas por muitos intelectuais, escritores, literatos, homens de letras, bacharéis. Era preciso acordar o ‘gigante adormecido’, era preciso construir a nossa identidade de nação.

O final do século XIX é marcado por momentos de grandes transformações e tensões sociais, como a decadência do escravismo no Brasil e a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado. Inovações e técnicas foram introduzidas na sociedade imperial. As transformações técnicas eram acompanhadas por transformações sociais. Os “anos de 1880 a 1890 constituíram-se o período de maior prosperidade nacional.”<sup>13</sup> Eram períodos que o mundo só tinha uma capital mundial: Paris. A ordem era: civilizar-se, educar-se, higienizar-se, saneando a cidade, adquirindo seus traçados urbanos, hábitos e valores parecidos com o de Paris, todas essas práticas estão inseridas na lógica do progresso e na ordem do capitalismo internacional da época. Esse afrancesamento das cidades tinha um nome, ‘La Belle Epoque.’ No falar de Nava:

Fenômeno Francês no tempo em que a terra só tinha uma capital-Paris. Hoje tem várias, País dos saudosistas, Londres do nada, e

---

<sup>12</sup> FAORO, Raymundo. *Machado de Assis : A pirâmide e o Trapézio*. São Paulo. Cia , ed . Nacional, 1976, p.172

<sup>13</sup> PRADO JR, Caio: *A Formação Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense. 1945, p.203. Nesse período ocorre um aumento da atividade mercantil-financeira. Em 1868 chegava, ao Brasil, o bonde. Aqui em Fortaleza, o bonde somente chegou em 1880, movido a burros. Só no final do século XIX, ele será movido a eletricidade.

mais Roma, Moscou, Pequim, Washington, ....Quando começou a essa época? Na hora em que Proust ouviu, na Sorbone, a primeira aula de Bérçson, ou quando Guilherme II meteu o pé na bunda de Bismarck? ( NAVA, 1999, p. 196 )

Em Fortaleza, PONTE (2000) observa os mesmos fenômenos sociais que ocorriam por confluência em outras capitais do Brasil. Novos traçados urbanos, boulevards, construção de prédios e praças públicas, com estilo afrancesado, disciplinamento urbano, códigos de posturas, escolas com estilos arquitetônicos e métodos baseados em modelos científicos. Além disso, estradas de ferro, mercados metálicos em estilo francês, cafés e confeitarias, educação e prédios nos modelos da pedagogia francesa (Escola Normal e já algum tempo a fundação do Liceu). Vivíamos a era do ‘iluminismo tardio’ nas terras de Vera Cruz, e por que não dizer também, nas terras da luz? Nas palavras de Ponte:

Novos produtos, valores e padrões disseminaram-se por todos os recantos do globo de forma veloz. Sobretudo nas cidades, principal mercado e vitrine desse conjunto de inovações. Face ao realinhamento do Brasil nos quadros do capitalismo que então se mundializava, as principais cidades brasileiras, incluindo Fortaleza, não escapariam a esse processo de mudanças. A partir do século XIX, tornaram-se alvos de discursos, medidas e reformas que procuravam alinhá-las ao modelo europeu de modernização urbana. Era a inauguração de um projeto civilizatório para o país, patrocinado por suas elites políticas, econômicas e intelectuais.(PONTE, 2000, p.163 )

O século XIX, no Brasil, é o século da ‘modernidade’. Após a revolução francesa e sob o efeito das influências das idéias iluministas, o mundo ocidental revolucionou a forma de conceber a sociedade. Para os intelectuais desse período, aquilo que eu vejo ou aquilo que passa pelos meus sentidos, apresenta o fato concreto, o real. O decartismo e sua máxima ‘penso logo existo’ofereceram a base para construção de um modelo racional de interpretação da realidade. É o século XIX- o século da ‘modernidade’- o século dos ideólogos, pois consolida o ideário e os projetos do um mundo europeu. Idéias

de evolucionismo, progresso, naturalismo e a noção de civilização encontravam materialidade nas palavras, nas práticas, nas representações, nesse presente século. Era o século da ‘eliminação do sobrenatural’ no cotidiano das pessoas e é também o século que o homem aprende a tocar trombetas e alaridos de sua maior idade. A morte de ‘Deus’ foi decretada.

### **2.3 Fortaleza Antiga: A cidade dos mil mortos, a abolição da escravatura e a efervescência literária nas décadas de 1870 a 1890.**

São coisas que o tempo levou, coisas que o passado já esqueceu ou vai esquecendo, perdendo, deste modo, o seu caráter nativo, olvidando as suas lendas, os seus costumes, suas festas, mascarando a fisionomia, tão singela e prazenteira na sua originalidade, com os oropéis de umas estrangeirices inoportunas.  
( *Crônicas históricas de Fortaleza Antiga*, Raimundo de Menezes)

Como podemos compreender a década de 90, em que a Padaria Espiritual se encontrava, se não pensarmos como findaram as décadas de 70 e 80 ? E as lembranças da década de 80, em que lugar se encontram? A década de 80 é o substrato com o qual germina a década de 90. As décadas formam entre si camadas de construção histórica e estabelecem pontes de ligação entre si, não só no social e no político, como também na construção das identidades e valores nos indivíduos. O imaginário<sup>14</sup> de uma época é percebido desta forma. Assim, não só o político e o social, mas os valores, os sentimentos, as ausências, as lembranças, o sentimento de pertencimento e a escolha dos esquecimentos são como uma forma de resíduo-produto das tensões sociais e políticas em cada período. Na década de 70, Fortaleza ficou conhecida como a cidade da morte,<sup>15</sup> principalmente nos anos de 1877 a 1878, em que as altas taxas de mortalidades alcançavam valores astronômicos. Tantos óbitos não eram fruto somente da seca, da fome, da sede que assolava, mas eram oriundas de epidemias de varíola, febres tifóides, faltas de saneamento com as quais os andrajosos retirantes estavam acostumados quando chegavam à Fortaleza.

---

<sup>14</sup> CATORIADES, Cornelius. *A instituição Imaginária da sociedade*. Op.cit., p 173-175.



As epidemias aumentavam à medida que grandes partes dos retirantes se aglutinavam em abarracamentos e eram levados a trabalhos praticamente forçados para escapar da fome, ganhando a ração diária<sup>16</sup> de comida. As secas devastavam o Ceará nesse período.<sup>17</sup> Rodolfo Teófilo, retratando a época da grande seca, diz: “o Mercado de gado humano esteve aberto enquanto durou a fome, pois compradores nunca eram demais para assistir as necessidades da época” (TEÓFILO, 1922, p.148) A problemática da seca, o sertão, os costumes, a vida cotidiana, memórias, hábitos, política, imprensa e educação, expressões sertanejas, idéias científicas, influências do naturalismo, darwinismo, positivismo, materializavam na sociedade cearense no final do século XIX, recebendo uma tônica e um lugar todo especial nos jornais, pasquins, obras literárias de ficção e periódicos científicos. Era o naturalismo-realismo, na literatura, herdeiro no campo das idéias, da influência direta dos ideais científicos. A tradição romancista sofria uma metamorfose estética. Tudo era uma forma de orientar o olhar da população e do leitor disseminado as idéias do evolucionismo, do positivismo, da ciência. Segundo Lima:

O Período situado entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX representam um momento singular no qual observamos a ficção fotografando o meio social com muita ênfase, numa fusão de textos e contextos... Assim as transformações pelas quais a cidade passou, foram registradas pela literatura do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Os romances datados deste período permitem que observemos a cidade em mudanças e a visão de intelectuais da época sobre essas mudanças. Adolfo Caminha, por exemplo, em a *Normalista* retrata a seca e sugere que fortaleza precisa evoluir, crescer, progredir... A trama, o cenário, a fala que o

---

<sup>15</sup> Em 1878, em Fortaleza antiga, José do Patrocínio, correspondente da gazeta do Norte, alcunhou a cidade pelos flagelos e morte causados pela seca de 1877 e seus flagelos e epidemias.

<sup>16</sup> Muitas literaturas de romances como *Luzia-homem* (Domingos Olympio), *A fome e a Violação* (Rodolfo Teófilo), e a *Normalista* (Adolfo Caminha) registraram, em suas páginas para posteridade, esses acontecimentos sociais. Estas últimas obras eram de membros e sócios do movimento filosófico literário chamado de Padaria Espiritual.

<sup>17</sup> Sobre as secas no nordeste XVI ( 4 secas): 1559, 1564, 1584, 1592. XVI (6 secas ): 1603, 1609, 1614, 1645, 1652, 1692 XVII (10secas ): 1710, 1711, 1721, 1725, 1736-1737, 1744, 1746, 1754, 1760, 1766, 1772, 1777-1778, 1790, 1793. XIX (7 secas ) 1800-1804, 1810, 1816, 1817, 1824-25, 1844-45, 1877-1879, 1888-1889. Sobre este assunto Cf. ARAÚJO de oliveira, Maria Neyara. A miséria e os dias. A história social da mendicância no Ceará. São Paulo Hucitec, 2000, p.45-70.

autor empresta aos personagens, o contexto histórico, enfim, são questões que fogem ao caráter exclusivamente estilístico... A Normalista obteve boa aceitação nos círculos literários do país, o mesmo não ocorrendo em terras alencarinas. A obra desagradou bastante os cearenses, ao salientar que escrevia como se estivesse fotografando a sociedade fortalezense (LIMA, 2002, p.38-44)

Os retirantes da seca eram incorporados como mão-de-obra barata, dava-se comida por trabalho para que a multidão de indigentes não perambulasse por Fortaleza. A pecuária não era extensiva e o ciclo de algodão para indústria têxtil já tinha alcançado seu tempo áureo. A população desocupada e com fome ficava às ‘margens da vadiagem’, assim aponta *A história social da mendicância no Ceará* de Neyara Araújo. No Ceará, nessa temporalidade, ocorreu uma acumulação primitiva de capital e uma tendência preocupante de aformoseamento da capital, de acordo com PONTES (2000). Eram os modelos franceses que imperavam na época. Os retirantes desmatavam como no caso da mata do cocó, construíam pontes, limpavam praças, ruas, trabalhavam na construção de prédios e cadeias públicas, além de trabalharem nos próprios abarracamentos. Não escapava nada. A exploração de mão-de-obra barata continuava na construção de escolas e açudes, tanto no interior como na capital. Estradas de ferro no Ceará, terra da luz, foram abertas desta forma. Era isso ou mandar o retirante para o Pará e o Amazonas. O capitalismo aqui “no ceará era baseado na extorsão e especulação. Os que tinham propriedades davam a terra por preço baixo ou arrendavam. Os que escapavam, ou saíam da província nos vapores ingleses, ou iam para os abarracamentos.”<sup>18</sup> Ao andrajoso e varioloso ser cadavérico, refém das dificuldades e intempéries climáticas, existia a alternativa de também se tornar rico, extraindo borracha na Amazônia.. “Esse era o grande desafio, porque só tinha um caminho imediato ao retirante, fugido da seca: o trabalho, ou então mandar sair, botar no navio e

---

<sup>18</sup> ARAÚJO de oliveira, Maria Neyara. *A miséria e os dias. A história social da mendicância no Ceará*. Op.cit.,p.50-55. Aponta ainda a autora que a obra realizada por um retirante custava aos cofres públicos um terço do preço que teria se fosse executada em períodos normais. O governo investia e criava o cargo das comissões de socorro, para ajudar o desvalido, dando-lhe comida e trabalho. Várias obras de literatura de época registraram tal atuação: *Luzia-homem, A normalista,, a fome e violação, história das secas*. Além de artigos em jornais como: o Pedro II, a Fraternidade, e Agremiações literárias (Academia Francesa, clube literário) enfatizavam o determinismo social, as idéias de naturalismo e evolucionismo explicavam a razão de tanta pobreza e dificuldades oriundas das secas.

entregar a Deus”<sup>19</sup>. Existia uma denúncia literária tremenda não só nos olhares dos viajantes como também ao retratar a cultura da época, seus modos de vida sertanejos. Quando esquadrihavam os espaços e as tensões sociais, registrando paisagens, sofrimentos, expressões pitorescas e a forma de vida do retirante. A literatura romanceada construía uma teia de sentimentos, segundo WILLIAMS (1979), e tentava, assim, balizar e orientar o olhar, em seu tempo, aos despatriados, errantes seres que viviam das caridades do governo e de boas ações sociais de senhoras bondosas que davam trabalho, comida e descanso à alma que penava. Isso era o costume e os valores da época. Caminha, em sua obra, diz-nos:

Dinheiro é o que eles queriam. Não queriam ninguém a falar de política... a política é uma especulação torpe como outra qualquer, como a de comprar e vender couros de bodes na praia, a mesmíssima cousa; pois é, não é? Pra tudo é preciso jeito, muito jeitinho... A seca dizimava populações inteiras no sertão. Famílias sucumbiam de fome e de peste, castigadas por um sol de brasa. Centenas de foragidos, arrastando os esqueletos seminus, cruzavam-se de dia e noite, no arraial, nas ruas e nos abarracamentos, abantesmas desgraça, gemendo preces ao Deus dos cristãos numa voz rouquenha, quase soluçada. Era um horror de misérias e aflições. Saíam do interior para o litoral na pista dos Socorros Públicos. ‘Magotes de emigrantes andrajosos que batiem do sertão num êxodo pungente, acostumados pela necessidade, resolveram ir-se a Fortaleza.’ No Ceará, eita terra de fome e miséria na época de seca... muitos que se quisessem fossem imediatamente para o norte. Á vida no Ceará não valia coisíssima alguma. O Pará, sim; aquilo é que é terra de fartura...a política era a desgraça do Ceará... No Ceará, na seca de 77, gastou-se muito dinheiro, uma ladroeira, dentro em pouco esta terra se transformaria numa feitoria de São Paulo... Não se podia conformar com a idéia da morte; na presidência o homem da moda, ‘o guendo das moças’ o grande amigo do Ceará que tantos benefícios fizera a essa gente e província,

---

<sup>19</sup> Id.Ibidem. p.58-59.

mandando construir açudes no sertão, reconstruindo o Passeio Público, ativando as obras do porto, facilitando a emigração, prodigalizando esmolas e, finalmente, introduzindo em fortaleza certos costumes afrancesados. ( CAMINHA, 2000, p 5-26 )

Através da estória de amor entre Luzia e Alexandre, na serra da Meruoca, nas proximidades de Sobral, Domingos Olímpio relata sobre a seca de 1877:

A multidão de operários, depois de silenciosa e contrita prece, se agrupava em torno dos feitores e, respondido o ponto, desfilava, depositando, em determinado sítio, a ferramenta e vasilhame. Fatigada, suarenta, dispersava-se, dividindo-se em grupos, seguindo várias direções em busca de pousada, ou desdobrando-se na curva dos caminhos, nas forquilhas das encruzilhadas, até sumir como sombras, imersas na calada da noite iminente...Na casa da Comissão, que o doutor José Júlio deu ordem para facilitar a saída do povo, quem quisesse embarcar deve procurar a Barra ou o Camocim, onde há vapores para conduzir gente. Quem quisesse ficar, tem trabalho na estrada de ferro e nos açudes...Ninguém dirá semelhante fartura- gracejou Luzia... Em setembro de 1878, o céu era polido, límpido de azul luminoso, indícios de mudanças de tempo,não havia... era natural por instinto de conservação que os retirantes procurassem o litoral, e abandonassem o sertão onde não tinha mais nada, pois nem vida se podia ganhar, porque a miséria precedera o fatal cortejo das moléstias infecciosas, competindo com a fome e a sede na terrível faina de destruição...o coroné Manoel Fernandes era o maioral, dono de todas as terras...., Disputavam Os míseros, estatalados ao tantálico suplicio de contemplação das gulodices resíduos de comida misturados à terra

Quando contrariados ou afastados pelos mercadores aos empuxões e pontapés, reagiam e mostravam os dentes roídos de escorbuto... A negra torrente de retirantes, operários, deslizavam pela encosta em marcha de cobra, conduzindo materiais. ...Era o mesmo vaivém ininterrupto de homens,

mulheres e crianças envoltos de pó...A Comissão de Socorros na serra da Meruoca, deixa a gente enfim mais à fresca... o doutor engenheiro das obras que é inglês, ou alemão, não sei bem qual língua ele fala disse Alexandre... Ainda temos algumas migalhas atalhou o velho para não morrer de fome- Sabemos, mas ,não seria mau ganhar alguma cousa, ainda que só chegue para o prato. Contanto que o serviço alcance as minhas forças, pois eu já não posso com trabalhos puxados. Não há dúvida, é serviço nas posses do coroné nas obras do governo.\_ Onde é isso? Na Meruoca (OLIMPIO ,1999, p.9-75)

Há uma infinidade de temas em jornais de época, como em *O Retirante, O Cearense*, sobre os males da seca 1877 a 1879. Muitos artigos desses jornais foram objetos documentais para produção romanesca.<sup>20</sup>

A literatura (romanceada ou ficcional), nesta época, era uma forma de organizar os fatos sociais. Havia uma tendência de representar o imaginário coletivo no discurso literário, denunciando a exploração, expropriação, mandonismo. Os intelectuais, os escritores, os literatos pedagogizavam a literatura. Explicavam as ocorrências climáticas, esboçando idéias e teorias científicas que por aqui aportavam. Muitos autores, para se valerem de verossimilhanças e para corrigirem os problemas sociais, utilizavam a literatura romanceada como veículos de idéias educadoras, a seu tempo, em uma sociedade iletrada com altos índices de analfabetismo. Quem escrevia era letrado. Muitos homens de letras eram bacharéis. Não se vivia da pena, os literatos viviam de outros ofícios e utilizavam a literatura em uma tendência de pedagogização. Os problemas que hoje os historiadores e a crítica científica apresentam para que a literatura romanceada seja possibilidade de fonte histórica dão-se não só por causa da datação, mas por causa da censura dos campos. Tais problemas não eram dificuldades para os literatos, pois muitos apoiaram-se em documentos oficiais para construir suas narrativas ficcionais e militavam entre campos de saberes.

No período do naturalismo-realismo, os literatos estavam engajados num processo de construção muito maior: a identidade nacional e a elaboração desse processo de

---

<sup>20</sup> BEZERRA, Antônio. *O Ceará e os Cearenses*. IN: Revista da Academia Cearense. Anno: V; Nº 05- Fortaleza: 1900. p.170 Diz mais: “Quem estuda atentamente o homem cearense em relação ao seu território, a sua educação, sua inteligência, sua coragem, vida aventureira, tendência para as letras... conclue que é elle uma excepção no paiz, ...” ( Id. Ibidem. P.170)

identidade. A narrativa literária e as representações letradas das práticas sociais, mesmo que influenciada esteticamente pelas idéias científicas, chegavam também ao Ceará, a terra da luz. Fomos os primeiros a libertar os escravos (1884) e estávamos ligados a centros, por excelência, formadores de opinião da época, como Recife. A literatura é vista, aqui, **enquanto práticas de leituras e universo total dessas descrições**. Era ela, a literatura, que, dentro da história do pensamento social brasileiro nesse período, ‘fotografava’ o real constituente de imaginários, orientava os leitores, representava as práticas culturais, contribuía para criação da nossa identidade. Não se escrevia para incautos, iletrados, analfabetos, mas para grupos e segmentos letrados que se preocupavam em fazer da literatura uma missão, de acordo com SEVCENKO (1989). A literatura (**as práticas de leituras e universo total dessas descrições**) e suas representações como jornais, revistas e livros estavam empenhados nesse projeto de construção da identidade nacional e, na província do ‘Ceará grande,’ a literatura (**as práticas de leituras e universo total dessas descrições**) cumpria o seu papel social em dizer quem somos, quem éramos e para onde iremos. “Todo esse universo letrado era encarado como uma parte da história, das ‘experiências’ do social.”<sup>21</sup> Imbuíam-se, os literatos, da tarefa de educar o leitor, pedagogizando a literatura, fazendo emergir realidades, levando a sociedade a refletir sobre si mesma de forma a criar um sentimento de amor à pátria. Tinha, além disso, uma forma de encarar os flagelos como uma construção de uma história natural, um evolucionismo para uma Fortaleza que podia renascer das cinzas, tal qual a fênix na mitologia egípcia. Descrever a década de 1880 com a polêmica em torno da Abolição da escravatura e quando esta terminou... Engajariam-se no que? A Construção do imaginário republicano seria a nova opção... voltamos para o início da nossa argumentação, não de forma cíclica, pois os fenômenos sociais não são os mesmos nem, ao mesmo tempo, não são o começo do raciocínio. É por isso que a década de 1880 nasce no substrato da década de 1870, raciocínio desenvolvido no início desse tópico. Agora, como nasceria a década de 1890? A década de 1890 nasceria com a virada da República.

---

<sup>21</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p.52-53. O autor, nessa obra, tenta elaborar um esboço de uma teoria cultural e para tal, como erudito historiador, argumenta num tempo de longa duração como forma de dar cientificidade às suas pesquisas, de dar um desenvolvimento, ou melhor, dar os diversos sentidos e apropriações do tema cultura e literatura até o século XIX.

Nesses universos de intelectuais e letrados, em que homens cultos e livres externavam suas opiniões, a Academia Francesa se notabiliza. Segundo Almir Leal, Capistrano de Abreu era o idealizador máximo do movimento. Já em Sâncio de Azevedo<sup>22</sup>, percebemos que suas idéias versavam sobre o determinismo, determinismo baseado nas relações homem-natureza e sociedade-literatura. Segundo Oliveira:

---

<sup>22</sup> AZEVEDO, Sâncio de. *Os Grêmios Literários do Ceará*. In: SOUZA, Simone de (Org). História do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha: 1994 p.181. O Autor não o configura como sócio Fundador,mas antes disso o coloca juntamente com uma relação de ilustres fundadores entre eles: Xilderico Faria, Rocha Lima, Thomas Pompeu Sousa Brasil Filho, Domingos Olímpio, Tristão de Alencar Araripe Junior. Para Sâncio, o movimento representou a primeira reação à sentimentalidade romântica em nossa terra. Era uma Agremiação filosófico-literária de cunho científica, herdeira das sementes plantadas pela expedição do Instituto Histórico-Geográfico brasileiro quando aqui permaneceu por dois anos (1859-1861) coletando dados da fauna, flora, fazendo estudos de mineralogia e de certa forma, dando explicações climáticas e científicas aos flagelos que se abatiam na província do Ceará Grande. Além disso, fazia oposição ao pensamento da escola de Recife que eram germanófilos e que tinham em seus maiores expoentes (Tobias Barreto e Sílvio Romero) e, por pilhéria, adotaram o nome de Academia Francesa. Por conta do campo simbólico de experimentação e por serem literatos e historiadores da literatura, alguns intelectuais que pesquisaram a Academia-Francesa - como Dolor Barreira e Sâncio de Azevedo - não deram ênfase à argumentação sobre esse nome [Academia Francesa] de forma detalhada. Contudo, Almir Leal, em *Universo letrado em Fortaleza na década de 1870*, afirma que eram marcados por leitura francesa. Concordamos, com certa ingenuidade, com os críticos da literatura, contudo, percebemos que os componentes dessa agremiação, além de marcados por uma grande quantidade de pensadores e teorias em ascensão em sua época, não poderiam deixar de estar em 'sintonia intelectual' aos movimentos teóricos desse período (1850-1900) e às polêmicas que disso resultavam por aderirem a essa ou àquela postura. A tradição e a 'história das influências das idéias científicas' que aqui aportavam no Ceará no final do século XIX eram francesas, não só no campo da literatura, conforme a tese de doutorado de Sâncio de Azevedo, Cf. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Casa José de Alencar-UFC, 1996. (essa Tese, defendida no Rio de Janeiro COM LOUVOR, aponta que o simbolismo Francês chegou primeiro no Brasil através do movimento literário da Padaria-Espiritual com o poema *phantos*, de Lopes Filho) As demais influências, Idéias e Correntes davam-se notoriamente nos jornais de época, como no caso dessa agremiação Academia Francesa (1873-1875), que defendia as idéias do evolucionismo e do naturalismo influenciadas pelo cientificismo inglês e por teóricos franceses. Além disso, havia polêmicas e embates dos intelectuais da agremiação com o tradicionalismo católico, embates que ocorriam não só no jornal Pedro II, como também no veículo propagador de idéias maçônicas, o jornal chamado *A Fraternidade*. Ocorriam ataques. As grandes polêmicas tiveram tônica científica e também debates sobre a Educação com a *escola popular*. Segundo nos consta em pesquisas e observações ainda tímidas, a *escola popular* é pouco explorada, para não dizer praticamente inexplorada pelo Núcleo de História e Memória da Educação da Pós-Graduação em Educação da FAGED-UFC. Temos, ainda, as leituras abolicionistas da década de 1880 e temos, também, a revista a *Quinzena*, com uma grande massa de teorias científicas e positivistas. Além disso tudo, o fato marcante da influência francesa dava-se no aformoseamento da cidade, com códigos de postura, criação de novos traçados urbanos no chamado fortaleza *Belle époque* que transplantava e emprestava costumes e hábitos de fidalguia francesa à cidade no final do século XIX. Nem preciso ainda relatar QUE ESSES INTELLECTUAIS ERAM BACHARÉIS FORMADOS EM SUA GRANDE MAIORIA EM RECIFE, fidalgos numa população quase analfabeta, segundo FREIRE (2002). A idéia era que queriam alavancar Fortaleza de sua condição de vila atrasada, esquecida. A França, Paris era o chic, era o foco dos olhares de um mundo moderno e científico.

Entre 1875-1925 Fortaleza passou pelo processo de remodelização urbana que serve não só como fonte e documento para a história, como apontam tendências de época. O Estilo francês de ser e viver, *Belle Époque* transplantava e emprestava costumes e hábitos de fidalguia francesa à cidade no final do século XIX, até próximo da era que chamamos de Estado Novo.

O Referencial central de sua análise estava em Buckel, que desenvolveu em *History of civilization in England* a seguinte formulação: A literatura é a expressão da sociedade, e a sociedade a resultante de ações e reações: de ações da natureza sobre o homem, e de reações do homem sobre a natureza. ( OLIVEIRA, 2002. p.30 )

Observamos Azevedo em seus estudos e flagramos sua posição ao falar do movimento:

Essa Academia Francesa, na verdade, não era nem academia, nem Francesa, segundo Dolor Barreira, foi Rocha Lima quem, já sabedor da existência da chamada Escola de Recife, onde predominavam as idéias germânicas, chamou por gracejo, seu grupo de Academia Francesa, pelo fato de lerem: Comte, Taine, Littré, Burnouf, Renan, Quinet, Vacherot, Jocolhot e outras luminárias do pensamento francês, embora também lessem Darwin, Spencer, Stuart Mill, Kant, Schopenhauer, Ratzel Buckel e outros alemães e ingleses. (AZEVEDO,1994, P.181)

O autor diz que não chamava o movimento filosófico literário de agremiação (com estatutos, presidente, sessões regulares), mas o chamava de um “agrupamento de jovens estudiosos, que se reuniam na casa de Rocha Lima, depois na de Thomas Pompeu.”<sup>23</sup> Almir Leal assevera que a tônica do grupo, chamando de Agremiação e Academia Francesa, tentava unir dois campos<sup>24</sup> - o literário e o científico: “ Marcadamente leituras científicas e que colocavam em destaque o lugar do intelectual diante dos problemas vividos pela sociedade.”<sup>25</sup> Dolor Barreira, em significativos e resumidos traçados, expôs desta forma:

O Ceará já teve três movimentos intelectuais- o movimento filosófico de 1870... chamado Academia Francesa do Ceará com Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, João

---

<sup>23</sup> Ibidem.p.06-07

<sup>24</sup> A palavra campo, aqui é entendida como, Doxas e tal qual é aplicada na obra de Pierre Bourdieu. Cf . BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998, p.65-69.



Lopes, Tomás Pompeu, etc.; O movimento político de 1880, em torno do qual se fez todo o movimento abolicionista (no qual o Ceará teve como se sabe um papel saliente) e republicano, com o jornal Libertador e a revista a Quinzena (Podia, antes, ter chamado literário o movimento que, na década de 1880, a Quinzena encabeçou, porque realmente assim, foi como oportuno)... finalmente, o movimento literário de 1890, com a fundação da Padaria Espiritual e do seu órgão o Pão, pela geração de Farias Brito, Antônio Sales, Adolfo Caminha, Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo e outros... (BARREIRA, 1948, p. 69)

A Academia Francesa representou um marco importante na tentativa de difusão do conhecimento científico no Ceará cujas bases do modelo filosófico discutido pelo grupo giravam em torno do evolucionismo de Darwin e Spencer e, sobretudo, do positivismo de Comte. No início da década de 70, questões como o determinismo natural ou como o legado cientificista do pensamento moderno, fizeram parte do universo letrado de intelectuais de Fortaleza e predominariam nas décadas seguintes. Dollor Barreira, em seus estudos sobre Tristão de Athaíde, afirmaria que Rocha Lima, antes de morrer, teria dito ao seu pupilo que “estava muito envolvido com a leitura de Spencer e que a sua doutrina da evolução é que lhe seduziria o espírito”<sup>26</sup>

Os acadêmicos ainda faziam leituras audaciosas sobre o século XIX:

O seculo XIX assignala-se pelas suas tendências a positividade dos conhecimentos humanos, a concretisação dos sentimentos religiosos. Quando a autoridade do mestre não faz fé na sciência, não é muito que a palavra de posse do jesuíta seja submetida a a crítica da razão. Hoje o livre exame estabelece o processo dos tempos idos, e pela indagações históricas desmorona o velho edificio de supertições. (“FRATERNIDADE”, 04/11/1873 p.01)

---

<sup>25</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de. *Universo letrado em fortaleza na década de 1870*. In Intelectuais. Col. Fortaleza; História e Cotidiano. (Org) Neves, Frederico de Castro & Souza, Simone de, Fortaleza : Edições Demócrito Rocha, 2002. p.39- 40.

## 2.4 Elementos para se compreender a educação no final do século XIX: a influência das agremiações literárias, pedagogizando a literatura.

Fortaleza dos tempos antigos! Fortaleza d'outrora!  
Fortaleza dos lampiões a gás! Como eras diferente, na  
pacatez de cidade provinciana, na quietitude de  
cidade ingênuo. Tuas ruas estreitas, mal iluminadas  
pelos lampiões escassos, com os sobradões sombrios  
na ponta da rua, com as casinhas de telhados baixos,  
com os teus hábitos pacatos e modestos, como eras  
diferente de hoje!

( *Crônicas históricas de Fortaleza Antiga*, Raimundo de  
Menezes)

É importante salientarmos que as inúmeras conferências sobre a Escola Popular não só reforçavam os **ataques à educação de pedagogia tradicional-humanística, jesuítica como apontavam para um outro modelo educacional, baseado nos moldes cientificistas e positivistas**. Nesse período, o tradicionalismo católico era também um forte empecilho para o exercício profissional e intelectual desses letrados na esfera do ensino. Marcados por uma leitura positivista, eram carentes de saber os atores individuais e sociais no Ceará. Não alcançavam o conhecimento emergencial pelo qual o mundo estava dominado (a ciência), pois a população, em sua grande maioria, era analfabeta. E a Europa tinha uma capital, Paris. É bom ressaltar que as idéias circulavam para 'emergentes', bacharéis que tinham prática docente como ofício, fidalgos entre as elites de Fortaleza e que, para alguns segmentos letrados, tinham, em sua maioria, o exercício da pena, o 'métier' de escritor como uma forma de recolocação social, de acordo com MICELLI(1977), contribuindo para o 'desenvolvimento das terras alencarinhas.' Porém, as palestras eram abertas ao público. Temas como eletricidade, educação, democracia, religiosidade, astronomia, medicina, soberania popular, história e política eram temas da Escola Popular e de suas aulas noturnas realizadas pela Academia Francesa. É por esse tempo que começam a surgir no Ceará um exercício maior de bacharéis na docência, no ensino da instrução secundária, uma reação cada vez mais presente, à medida

---

<sup>26</sup> BARREIRA, Op.cit., p.87

que o processo histórico e as tensões sociais aumentavam com as questões abolicionistas e republicanas. Era preciso tirar o Brasil e o Ceará do atraso histórico que estavam vivendo, principalmente na educação<sup>27</sup>. Percebo a escola popular, em minhas pesquisas, como um local de ‘livre docência’ no final do século XIX. Muitos escritores, literatos, por não poderem viver da pena (as tiragens eram limitadas, não havia leitores em quantidade que garantisse o sustento, além de estarem também impedidos pelos meios tipográficos da temporalidade). Não restava ao escritor, literato, senão possuir um ofício que garantisse a sua sobrevivência. Muitos exerciam a prática docente, que era compatível com o ‘métier’ dos intelectuais. Sobre as críticas à igreja católica e às respostas do clero, através do jornal *Tribuna Católica e as conferências da Escola Popular*, afirma Nogueira:

**Comentário:** A frase não foi concluída. “Muitos escritores, literatos, por não poderem viver da pena.....???”

Destaca-se a polêmica provocada pelas conferências que o Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra pronunciou na praça da feira nova. O Grupo independente, representado, entre outros, por João Brígido, Tomás Pompeu Filho, Xilderico de Farias, Araripe Júnior (o Futuro grande crítico literário e um dos mais audaciosos) passou a objetar o orador. A discussão acalorada na praça pública, passou para a imprensa, ainda mais exaltada.

<sup>27</sup> Nos anos de 1870-1892, desde o aparecimento da Fênix Estudantil (1870) até a Padaria-Espiritual (1892), Aponta Mota 27 SOCIEDADES DE LETRAS. Cf. MOTA, Leonardo. A Padaria Espiritual –Fortaleza ; Casa José de Alencar /UFC; 1995, p. 10-50. Entre as sociedades de letras estão: Fênix Estudantil (1870), Academia Francesa (1873), Gabinete Cearense de Leitura (1875), Gabinete de Leitura de Baturité (1875), Instituto Histórico e Geográfico cearense (1877), Gabinete de Leitura de Aracati, Associação Literária Uniense, Gabinete de leitura Cearense (1884), Gabinete de Leitura de Campo Grande (1884), Sociedade Rocha Lima (1884), Grêmio Literário (1885), Gabinete de leitura de Iço (1886) Club Literário (1886), Instituto do Ceará (1877), Gabinete de Leitura de Barbalha (1889), Sociedade União da Concórdia (1890), Clube Literário e Democrático Parangaba (1890), Biblioteca 16 de Novembro de Baturité (1890), Sociedade Silva Jardim (1892), Sociedade José de Alencar (1892), Sociedade literária 11 de janeiro S. Ana do Cariri (1892), A Padaria Espiritual (1892), Academia Cearense de letras (1894), a mais antiga do Brasil.

Queremos chamar atenção que entre 1870 até 1900 surgiram mais de 25 colégios particulares entre escolas masculinas e femininas (QUE ERAM MINORIA). Relataremos mais adiante, no capítulo sobre *os rastros da educação cearense no final do século XIX*, em que, através de levantamentos de dados e de informações, queremos apontar o envolvimento bacharelesco na educação cearense. Thomaz Pompeu filho seria nomeado diretor da instrução pública na década seguinte, por volta da criação da Escola Normal. O exercício dos Bacharéis nessa época no campo educacional era uma forma de recolocação social do intelectual e uma ponte de intercambiamento entre o campo literário e o campo educacional. Cf. BOURDIEU, Pierre. As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário. TAD; Maria Lucia Machado-São Paulo : Companhia das Letras, 1996, 238-311. e BOURDIEU, Pierre Sistema de Ensino e Sistema de Pensamento, IN: A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo ; Perspectiva, 2002. Além disso verificamos o comprometimento desses intelectuais com as idéias científicas, alguns eram ex-liceístas, “outros tinham envolvimento com a marçoneria”, no dizer de Antônio Sales, Cf Sales, Antônio . *A História da Literatura Cearense*. In: Girão, Raimundo e Martins Filho, Antônio. O Ceará . Fortaleza, ED. Fortaleza, 1939 p.259 e muitos eram formados no seminário de Olinda, a famosa escola de direito do Recife.

Fraternidade publicou uma série de artigos sob o título-“ *As Conferências Ultramontanas do Dr.Soares.*” O Cearense tomou parte na luta. Apareceram os protestos, com tonalidades violentas: de Araripe Júnior, Tomás Pompeu Filho, de Xilderico de Farias, do Professor do liceu do Ceará, Torres Portugal. Corria o ano de 1874 ( NOGUEIRA,1978, p. 27)

A Academia Francesa teria, no Clube Literário(1886), uma forma de herdeiro de discurso e das influências científicas, seria o clube literário um ‘monumento’ ao naturalismo e ao evolucionismo no final do século XIX, tanto na determinação do social, quanto do espaço cearense. Para esses literatos, o meio agiria de forma decisória e comprometedora na formação da sociedade. As idéias de evolução biológica e social estavam em alta. Os naturalistas divulgavam, a pleno vapor na década de 80, o esboço dos seus próximos ensaios. As idéias do republicanismo amadureciam no interior do partido liberal. No Ceará, liberais e conservadores, defensores das vontades aristocráticas no Brasil, aderiam a um consenso: Abolição da escravatura em 1884. A revista *Quinzena*, em artigos “preliminares”,<sup>28</sup> fala do espírito de vanguarda do Ceará em relação as outras províncias, além de destacar a possibilidade jurídica dada à mulher em proporcionar o ensino primário, e do pioneirismo cearense na Abolição. Os sócios da revista, em sua maioria bacharéis, buscavam aplicabilidade para as teorias científicas à realidade da província. O naturalismo apresentou-se como saída tanto para Abel Garcia quanto para Rodolfo Teófilo.

José Carlos Ribeiro Júnior e Rodolfo Teófilo que, futuramente, voltariam a trabalhar juntos na Padaria-Espiritual, já a esse tempo eram ambos professores do liceu. José C.R. Júnior seria diretor na virada da primeira fase de formação da Padaria Espiritual. Era preciso desenvolver o Ceará e projetá-lo intelectualmente na esfera nacional e internacional. A tônica era o desenvolvimento intelectual da província, a busca desenfreada pelo progresso. Era preciso o intercâmbio com as ‘nações civilizadas’, a França era uma delas, uma variedade de revistas, livros e jornais europeus circulavam pela capital cearense, segundo Antônio Bezerra.<sup>29</sup> Na Fortaleza (1879-1900) antiga, existia uma verdadeira efervescência não só de movimentos literários–filosóficos. Tudo ocorria circunscrito a um universo letrado e erudito. Numa província de altíssimos índices de analfabetismos, uma

---

<sup>28</sup> LOPES, João. Preliminares In: A Quinzena, Ano I, Nº 1 15/01 1887.

profícua massa de idéia entre os eruditos, intelectuais, literatos proliferava. Além de se alastrarem bilingüismos e além da simetria de pensamentos sobre as teorias que estavam em alta no circuito internacional no final do século XIX. Circulavam pela capital cearense todas essa 'sopa cristalizada' de idéias e posturas intelectuais do final do século XIX.. Segundo Antônio Bezerra:

Por toda a parte se fundam sociedades com o fim de propagar o ensino entre os sócios; possuem esta capital magníficas bibliothecas particulares, em cujas estantes se encontram os livros mais valiosos e mais modernos da sciência europea, e não faltam amadores que sondam-lhe os segredos com a avidéz de avarento. Têm aqui vários assignantes os jornaes estrangeiros, que não importa sejam escriptos em francez, inglez,italiano, allemão etc com tanto que divulguem as descobertas modernas, sobretudo da anthroplogia, de cuja solução pendem os importantes problemas sobre o homem. O mutismo de outr'ora succede lisongeira tendência para as publicações.( Id., Ibid. p.52)

Para os integrantes do clube literário, um país civilizado seria um país cujo povo fosse letrado, o progresso cultural só existiria se houvesse lugar para as letras, ou para o letramento. Havia toda uma expectativa de que o Ceará se desenvolveria política e socialmente. O desenvolvimento da civilização, nessa época, era visto pela ótica do letramento, do desenvolvimento da cultura intelectual. “Se o povo não desenvolvesse a cultura do espírito, não sairia da condição primitiva da falta de conhecimento das letras e artes , ciência e literatura. Oliveira Paiva, em conferências”.<sup>30</sup> No final da década de 80, existia em “fortaleza 17 mil analfabetos, 9 mil pessoas com profissão definida, 17 mil sem

---

<sup>29</sup> BEZERRA, Antônio. *O nosso progresso*. In: A Quinzena, ., N° 07; Ano II, 03/05/1888. p. 52

<sup>30</sup> PAIVA, Oliveira. *As Conferências do Clube Literário*. In:A Quinzena, Ano I N°14, 31/07/ 1887, p 105-106. “Por que meio havemos nós, benfazejas serpentes do paraíso,tentar aestes nossos patrícios....No campo da arte, nem possuimos a majestade dos monumentos architectonicos, nem a vida silenciosa das estatuas, nem o desperta de uma natureza nova e melhor ao Fiat do pintor, nem a transfiguração mysteriosa que nos incute a alta musica... Arte e sciência, portanto não nos conduzirão ao sollo de homens civilizados. Resta indagar si as Letras poderão servir de aias a este povo infante. Comece-se por encarar que as letras, cujos orgams são a tribuna e a imprensa, hoje em dia por tal modo se interessam pela a humanidade, que ellas, podem dar-se como a melhor synthese da civilisação” (Id. Ibidem. P. 106)

ocupação definida.<sup>31</sup>” Contava, ainda, com equipamentos e serviços urbanos que reforçavam o ideal de progresso e civilização. As elites locais tanto ansiavam o ‘moderno’ para a cidade, quanto os intelectuais desejavam um capital de recolocação social tais MICELLI(1977) Assim, o alinhamento de ruas provido pelo traçado urbanístico (1875), ferrovia (1873), Passeio público e Bondes puxados a burro (1880), telégrafo (1882), telefonia (1883) e o Instituto Geográfico Histórico do Ceará (1887). Eram tais mudanças os marcos da chegada dos ideais de ‘civilização’, de ‘modernidade’, de ‘saneamento’, de se alcançar o progresso. As efervescências intelectuais têm a ver com as reformas urbanas, com o desejo de modernização e com o engajamento dos intelectuais nas tensões sociais do final do século XIX.

Para o grupo, o saber, também era hierarquizado e podia não só evoluir como se tornar mais consistente, mais refinado, mais apurado. Isto é claro na concepção de Farias Brito, quando ele falava que a sua compreensão de filosofia “é maior discernimento e destino moral da sociedade”<sup>32</sup>. Assim, nos fala Farias Brito :

A Philosphia é a representação intellectual do universo, o resultado de uma synthese universal no domínio do conhecimento...é somente ahi que o homem elevando-se ao conhecimento das altas questões que envolvem a totalidade das cousas e estudando os mystherios profundos da nossa organização, poderá elevar-se á compreensão do nosso destino moral, trabalhando assim para a realização do bem no seio da humanidade .( Id., Ibid. p.66)

Assim, a crença que Fortaleza, ou mesmo que o Ceará, deveria crescer intelectualmente e, principalmente, em determinadas áreas do conhecimento humano, como a ciência, a literatura, as artes, a filosofia, bem como a remodelação do espaço urbano, com a regeneração de hábitos, costumes, valores, eram em conjunto, o ‘preço’ a ser pago, para se pretender ser civilizado. A educação, a cultura letrada e/ou intelectual, como era entendida nesse tempo, diferenciaria os homens, os povos e as nações. Os homens seriam

**Comentário:** Sugestão: Assim, a crença que Fortaleza, ou mesmo que o Ceará, deveria crescer intelectualmente e, principalmente, em determinadas áreas do conhecimento humano - como a ciência, a literatura, as artes, a filosofia, bem como a remodelação do espaço urbano, com a regeneração de hábitos, costumes, valores - era o ‘preço’ a ser pago para se pretender ser civilizado.

<sup>31</sup> PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Belle époque. Reformas Urbanas e Controle social.2ªed- Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000, p.95

<sup>32</sup> BRITO, Farias. *O papel da poesia*. In: A Quinzena. Ano I, N° 09, 15/04/1887, P. 66.

civilizados ou selvagens de acordo com o grau de cultura e intelectualidade que adquirissem. A escola e as universidades teriam papel privilegiado nesse universo de cultura letrada, num Ceará completamente imerso no analfabetismo, bem como estava todo o resto do país. Os bacharéis eram, a esse ponto, no processo histórico cearense, agentes de transformação social, não só intelectuais. Eram intelectuais engajados, ou melhor, enquanto seres individuais, indivíduos, homens privados, movimentavam uma série de doxas, trocavam capitais entre os diversos campos da linguagem simbólica.

Estes intelectuais também exerciam o ofício de professor, já há esse tempo, não só no liceu do Ceará como também na recém criada escola normal, denunciando o seu ‘lugares social’, a posição de onde falavam, a classe a que pertenciam, CERTEAU (1982) e a sua preocupação com a educação em seu tempo<sup>33</sup>.

Havia uma prática letrada que unia a literatura (**as práticas de leituras e universo total dessas descrições**) à prática da docência, literatos ao exercício da docência no último quartil do século XIX em fortaleza.. O certo é que, para época, todos possuíam um dado grau de cultura letrada, pois a educação, nesse período, era altamente aristocratizada TOBIAS(1978), segundo os Estatutos do Clube Literário na revista *Quinzena* nº 17 de 17/09/ 1889 , p.135 . No artigo V Lê-se: “ Só podem ser sócios do Clube Literário os homens dado às letras”. A única mulher no grupo era uma professora, seu nome era Francisca Clotilde da Escola Normal<sup>40</sup>. Não se podia viver somente da pena por uma multiplicidade de causa: 1. porque o número de leitores era muito pequenos, 2. porque a tiragem dos livros e revistas tornava-se difícil em razão da primeira causa, além de

---

<sup>33</sup> Alguns membros do clube literário eram formandos de universidades renomadas do Brasil Imperial : do Clube Literário que Tivemos tempo de realizar algumas tímidas pesquisas durante o mestrado, pois não tínhamos esta agremiação como objeto de pesquisa mais se com ponto de partida para entender o abolicionismo e as influências das idéias científicas na imprensa e literatura cearense no final do século XIX, PERCEBEMOS, QUE A MAIORIA TINHA SE BACHARELADO EM Direito, pela faculdade de Recife como : Abel Garcia(1886), Paulino Nogueira(1865), Farias Brito(1884), Virgílio Brígido (1880), José Carlos Ribeiro Júnior (1882), Manoel Carlos de Mello Cesar(1891), Martinho Rodrigues (1893), Rodolfo Teófilo(1875) em Medicina Farmacêutica na Bahia (1875) Por esses tempos o curso de Farmácia ainda era ligado a Faculdade de Medicina e era o mais baixo na hierarquia social e de menor Duração. Vale a pena lembrar Que Rodolfo era filho de médico Renomado na cidade de Aracati, ficando Órfão de pai e de mãe teve que bancar seus estudos sozinho adotando a profissão de Caxeiro Viajante, este fato está narrado em suas memória num livro *Memória de um Engrossador*, Guilherme Studart( MEDICINA ???) outros, eram autodidatas ou tinham interrompido seus estudos , alguns tinham sido militares como Papi Júnior, ou eram ex-liceístas como José Barcellos, Antônio bezerra e João Lopes.

<sup>40</sup> Cf. STUDART, Barão de . *Datas e factos para história do Ceará-1603/ 1924*. Fortaleza, Typ. Do instituto do Ceará 1925. e ver GIRÃO, Raimundo. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: IOCE 1987.

ter seus centros de produção e distribuição dificultados pela própria condição do maquinário da época. A escola, nesse período, era o lugar do saber elevado. O professor, o mestre, era aquele que proporcionaria a divulgação e a formação do indivíduo no saber. Essa era a tônica da pedagogia tradicional humanística jesuítica, TOBIAS (1978). A ênfase dada à superioridade da cultura intelectual, ou à educação, pode ser percebida no artigo *A Educação Moral das Crianças na Escola*<sup>41</sup>. Nesse artigo, a idéia principal é o desenvolvimento do indivíduo, sendo o professor o seu condutor e/ou tutor. A escola era o ambiente sagrado, incontestável, uma ‘entidade’, usando as palavras da autora, cuja a missão seria ser redentora do indivíduo e da sociedade. Assim nos fala Francisca Clotilde:

Em fim, si o professor possuir qualidades Moraes elevadas e si á vocação juntar uma instrucção completa e uma educação aprimorada, concorrerá horosamente para a formação do caracter de seus alumnos e contibuirá para o desenvolvimento e o progresso de sua pátria realizando a phrase do grande Pestalozzi ; ‘o futuro das nações está nas escolas’.( Id., Ibid. p.22)

Percebe-se que o naturalismo, o positivismo, o darwinismo, as idéias de Spencer, de Pestalozzi, estavam presentes tanto no Ceará quanto no circuito europeu.

O debate sobre a instrução pública era algo também em moda nas demais províncias do Brasil. É a dinâmica do local-nacional que, logo logo, tornar-se-ia também uma preocupação, uma dor de cabeça republicana. Em Fortaleza, existiam pessoas e agremiações intelectuais interessadas no ‘desenvolvimento’ da instrução pública, segundo as pedagogias mais recentes que existiam na Europa.

Queriam, os intelectuais, orientar o olhar da população de analfabetos, mesmo que isso fosse realizado em pequenos círculos de eruditos ou ilhas de saberes cercadas pela ignorância cega, de séculos e séculos de uma pedagogia tradicional humanística jesuítica, que excluía alguns e escolarizava outros, que negava às mulheres e às pessoas o direito de desenvolver suas potencialidades. Era o desejo do Ceará provincial: torna-se ‘moderno’ nas terras alencarinhas fazendo as ‘luzes’ brilharem em outras direções, lugar em que imperavam, antes, obscurantismos, intolerâncias e analfabetismos. O saber para os literatos,

---

<sup>41</sup> LIMA, Francisca Clotilde de. *A Educação Moral das Crianças na Escola*, In: *A Quinzena*. Ano I. Nº 03,



para os membros de agremiações literárias, era um dos ícones principais do mundo, o critério pelo qual o homem promoveria o progresso. Assim falava José Barcellos, quando discorria sobre “Pestalozzi”<sup>42</sup> na revista *a Quinzena*. Literatos e Bacharéis faziam “literatura como missão”<sup>43</sup>, pois sabiam do papel desta e do seu lugar social como agentes de transformações sociais em um mar de ignorância e analfabetismo. Assim, viver das letras era uma sobrevivência impossível para o período. Como nos lembra Sevcenko:

O ingresso maciço dos literatos no jornalismo é por si só uma testemunha muito eloqüente da mudança da condição social do artista. Já iam longe e esquecidos os tempos em que sua sobrevivência era assegurada pela generosidade de uma aristocracia de gostos refinados ou de um sistema de oposição política tão contundente quanto socialmente bem consolidando, pela condescendência de pais de posição, ou faros ou generosos, ou ainda pela possibilidade de uma existência segura com poucos recursos. A ativação mercantil que sobreveio com a república, ... quase que diária e a insegurança de oscilações sociais e econômicas, empurrava todos para a disputa afiliva pelo emprego sólido, a luta pela vida. (SEVCENKO, 2003, P. 92 )

Não existia atividade livresca ou, principalmente, não existia atividade jornalística só por ‘romantismo’, pois não existia uma intenção política. Era certo que as mesmas tinham alguma intenção financeira e/ ou educativa no final do século XIX para atender a possíveis ‘projetos políticos,’ a fim de atender às idéias de progresso, modernidade, frutos dos ideais positivistas ou influência direta das idéias científicas que circulavam e influenciavam o imaginário social da época.

A prática literária e a prática docente eram formas germinativas e embrionárias de atender a “uma certa recolocação social aos intelectuais que não era prestigiado nos altos

**Comentário:** O termo “mesmas” refere-se às “intenções políticas”, às “atividades jornalísticas” ou “atividade livresca + atividade jornalística”? Substituir o termo pela expressão adequada.

---

15/02/ 1887, p.22.

<sup>42</sup> BARCELOS, José. *Pestalozzi*. IN; Revista, *A Quinzena*. Fortaleza : Clube Literário, 30/04/1887, p.5 Nesse artigo, Barcelos, que já exercia o ofício de professor e diretor da Escola Normal, não chega a comentar sobre a pedagogia romântica de pestalozzi, fala que era discípulo de Rousseau, contudo, exalta a supremacia e a habilidade feminina para a docência, beatificando-a como num santo ofício.

<sup>43</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão ; Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo : Brasiliense, 2003.

círculos literários da época, nem na corte, nem protegidos pelo mecenato do império<sup>44</sup>”. A imprensa era uma alternativa ao exercício intelectual e uma forma de recolocação do capital cultural adquirido ou do “habitus literário,<sup>45</sup>” Uma maneira de reconversão social. Nesse período, o intelectual não era só um intelectual, era também um cidadão. Talvez, mais que isso, era um “intelectual total, escritores cidadãos”<sup>46</sup> e muitos exerciam a “prática docência<sup>47</sup>”.

O Ceará, por mais ‘atrasado que fosse’, não fugia da dinâmica social praticada nas outras províncias, ainda mais quando se tinha um centro de tamanha excelência que era o Seminário de Olinda, a famosa Escola do Recife, tão perto do Ceará. Recife era um centro formador da elite Provincial e local de disseminação de ideais burgueses. Tinha influência Nacional e, assim, exercia um papel na dinâmica local-regional. A Padaria Espiritual, como também os seus sócios, os Padeiros, esteve envolvida nessa dinâmica social, privilegiou o jornal, *o Pão*, como o suporte propagador de suas idéias, agindo, em

---

<sup>44</sup> MICELLI, Sergio. Poder, Sexo e Letras na República Velha. São Paulo: Perspectiva 1977, p.40-71. O autor relata que eram comuns Grupos de letrados atuantes, simultaneamente, na política e no ofício das letras, escrevendo em jornais e/ou pasquins. Isso acontecia em função não só (?) do período que a crítica literária classificava como Naturalismo-realismo, herdeiros da tradição romanesca, como uma forma ‘primitiva’ de multiplicação social das experiências vividas, e diluídas no social, como também disseminador de idéias e teorias científicas que estavam em alta no momento (não há contraposição de idéias, conforme sugere a expressão “não só...”). Muitos desses intelectuais vinham de famílias abastardas e/ou eram parentes pobres das oligarquias. Tal situação era definida ainda na infância, ou por causa da morte do pai ou tutor, ou pela falência dos mesmos. Daí, existia todo um protecionismo e uma troca de capitais simbólicos ao parente menos afortunado ou vítima de alguma dificuldade maior. As letras eram uma forma de recolocação social. O ofício de escritor escritor também aponta, nas palavras do autor, “uma estratégia de reconversão social” (Micelli, Op. Cit., p.22-23) As classificações dos escritores eram dadas pela própria imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época e que, para tanto, fornecia as gratificações e as mais altas comendas intelectuais, publicando os artigos em revista e jornais. Os Gêneros eram ditados e ajustados pelos moldes da “imprensa Francesa como: Reportagem, Crônica, inquérito, Sátira, entrevista, pilhéria ou colunas”, (Id. Ibidem. P. 15) A publicação de capítulos de livros TAMBÉM ERA COMUM tornando o jornal e a profissão de jornalista uma forma de recolocação social para o intelectual, tendo aplicabilidade política mobilizando um grande capital de relações sociais além de orientar o olhar da população, chamando a sua atenção para o fato, o acontecimento da vida cotidiana. “Por Isso os jornais constituíam um dos principais veículos das tensões sociais, objeto de desejo das diversas facções oligárquicas... Os jornais eram porta-vozes de grupos políticos que se manifestavam através de suas opiniões, comentários, Notas apoloéticas, artigos de fundo, biografias, ecos e influências teóricas, sobretudo nos editoriais” (Id. Ibidem. P.73-77) Um exemplo perfeito para interpenetração de campos (literário, científico, educacional) descrevendo a vida literária da época, denunciando o tempo, os autores, escritores, editores, tipos de leitores, o público alvo, o cotidiano, as expressões de época, privilegiando alguns suportes, como excluindo outros. O que para tal é importante o olhar do pesquisador para os acontecimentos e principalmente para as metáforas.

<sup>45</sup> O habitus é, além de um capital adquirido pelo intelectual ou por qualquer pessoa, denunciador, de certa forma, de um lugar social, de uma posição de onde se está falando, de uma classe, sua de visão de mundo, de sua posição dentro de uma outra categoria, chamada de campo.. Cf. Passiani, Enio. *Na trilha do jeca: Monteiro Lobato e a formação do Campo Literário no Brasil*, Bauru, SP EDUSC 2003.

<sup>46</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. Op. Cit., p.95-117

seu tempo histórico, não só agentes sócio-históricos. Os Padeiros esforçavam em orientar a população, engajando-as nas transformações sociais, nas tensões, nos dilemas da vida cotidiana, nos problemas governamentais da oligarquia aciolina e, principalmente, no envolvimento, ou melhor, na participação de seus integrantes na instrução pública. A prática docente era uma prática de letrados. Os intelectuais realizavam um duplo papel social: ser intelectuais engajados e praticar das tensões de transformação da estrutura social, pedagogizando a literatura. Antes da fundação da Padaria Espiritual, os sócios desta agremiação literária já militavam em outras tantas agremiações e militavam em outras tantas representações de práticas letradas. Rastreamos, por três décadas, evidenciando nos capítulos seguintes o seu engajamento literário e suas práticas docentes... Contudo, resolvemos privilegiar a revista *Quinzena*, órgão do clube literário que participou de forma efetiva no movimento abolicionista, por está mais próximo da Padaria Espiritual e por comportar, poucos anos antes, uma série de artigos da revista que denunciavam as influências teórico-educacionais de alguns padeiros, chamados, por nós, de Padeiros-Educadores.

**Comentário:** Reastramos o quê? Falta um objeto direto.

Tal categoria denuncia o envolvimento dos mesmos Padeiros, ou melhor, de um pequeno grupo de integrantes da Padaria Espiritual de forma direta com a educação, sendo professores, diretores, secretários, das escolas públicas ( Liceu, Escola Normal), e outras particulares em seu tempo (1892-1898). Durante as décadas de 1880 a 1890, a Educação tinha um sabor de redentora de todos males, tinha o papel de apanágio dos males do social, prefigurando um período chamado de Entusiasmo pela Educação. Não poderíamos abrir o próximo capítulo, onde uma das idéias centrais do mesmo é a categoria, Padeiro-Educador e sua fundamentação teórica.

**Comentário:** A que se refere o termo "outras"?

**Comentário:** Frase truncada. Por que não poderia abrir o próximo capítulo?

Parece-nos importante relatar o que a crítica literária nos diz sobre a Padaria Espiritual e quem foi tal agremiação, considerada como uma das sócias fundadoras da Academia Cearense de Letras. Nos anais da história literária acerca dos patronos (sócios fundadores da Academia Cearense), portadores das cadeiras dos ilustres intelectuais que ali se assentaram, encontram-se muitos dos integrantes da Padaria Espiritual. A literatura (**as práticas de leituras e universo total dessas descrições**) do final do século XIX e a história da literatura nos serviram de ponto de partida para a compreensão e reflexão da

---

<sup>47</sup> Id. Ibidem. p.101.

Educação neste período. Haja visto que o tema era abordado na pesquisa não era explorado e nem trabalhado nas dissertações e teses de doutoramento. Seguindo as palavras de nossa orientadora, a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa Borges Leão, oficializou-se, com o trabalho, a ‘ponte’ entre os campos da Literatura e a Educação no final do século XIX no Ceará, mostrando o intercambiamento de doxas , entre trocas de capitais simbólicos e a prática docente, o ‘métier’ compatível com o ofício de escritor no final do século XIX.

O naturalismo-realismo literário estabeleceu pontes e influência direta no campo Educacional nos últimos decênios (1870 à 1900) do século XIX. Era comum o literato exercer uma prática docente como forma de recolocação do capital social e de inserção na carreira literária. A pedagogia, o método, a estratégia dos Padeiros para alcançar o público era uma pedagogização da literatura, assim como as outras agremiações estabeleceram pontes com outros campos do universo simbólico. A Padaria Espiritual realizaria também uma ponte com o humor, com a ironia, e com a cultura local e suas práticas. Por isso, eram boêmios, jocosos, contra todo vento de mudanças, contra o afrancesamento num Ceará que desejava ser moderno e projetar-se no cenário nacional. Além de serem intelectuais engajados, eram nefelibatas, decadentistas, parnasos, simbolistas, naturalista-realistas, remanescentes do último romantismo...

A pedagogização da literatura por meio dos padeiros dava-se com o humor, falando dos seus ideais educacionais, de suas leituras, de suas idéias e propostas, em um veículo chamado o jornal *o Pão*. Nada mais sugestivo e simbólico do que uma Padaria, que cuidava das coisas do espírito, ‘formando os indivíduos,’ orientado os olhares, falando da cultura local, de ciência, da crítica literária, proporcionado aulas no jornal e vendendo o *Pão*.

O jornal da agremiação fortalecia o espírito dos famintos de conhecimento e das coisas da gente. Até o título da agremiação nos parece sugestivo, diríamos até menos enigmático, menos simbolista quando o caleidoscópio da história focaliza todas as outras imagens formadas. A Padaria Espiritual forneceria o pão que alimenta o espírito dos cearenses, dos ‘analfabetos,’ inseria-se na dinâmica nacional, fazendo parte da chamada ‘república das letras’ no final do século XIX.

O capítulo que se segue enfatiza exatamente isso: quem eram os Padeiros? Quem eram os Padeiros-Educadores? Quais as suas leituras? Qual o seu ideal pedagógico?

Os Padeiros-Educadores são um subgrupo de agentes históricos e sociais que movimentavam, enquanto agentes histórico-sociais, uma série de capitais simbólicos e estabeleciam ‘pontes’ entre os campos do universo simbólico. Os Padeiros-Educadores também eram intelectuais, literatos, cientistas, romancistas, nefelibatas, decadentistas, naturalistas, docentes, numa época em que o ofício de escritor era compatível com a prática docente.

Padeiros-educadores são também as possibilidades de ‘pontes’ entre o campo literário e o campo educacional. A ponte entre o naturalismo-realismo literário e o naturalismo pedagógico.

# CAPÍTULO 3

**PADEIROS-EDUCADORES: A Gênese e a fundamentação teórica da  
Categoria.**

---

### 3.1 A Padaria Espiritual: o que é e as muitas vozes que falam de seu pão de espírito.

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares...Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas certezas das coisas que te foram apresentadas...

**(Evangelho segundo escreveu São Lucas, 1: 1-4)**

Gostaríamos de abrir esse capítulo explicando o que foi a agremiação literária chamada Padaria espiritual: seus sócios integrantes, o período em que existiu, seu programa de instalação e a sua representação para o cenário fortalezense no final do século XIX. Nada aprofundado em demasia, pois, para tal, se assim procedêssemos, tornaríamos esse capítulo por demais extenso e aí não alcançaríamos os nossos objetivos de criarmos uma introdução curtinha para apresentarmos a nossa categoria de agentes sócio-históricos, chamados Padeiros-Educadores, e o envolvimento desta categoria com a Educação no período (1892-1898). Não obstante, queremos ainda destacar que ilustres pensadores das terras alencarinhas, como Dolor Barreira, Leonardo Mota, Sânzio de Azevedo, já abordaram o tema da padaria em seus estudos. Mais recentemente, também, verificamos Regina Cláudia Pamplona Fiúza, Sebastião Rogério Ponte e Gleudson Passos. Todos abordaram em seus estudos a Padaria Espiritual, cada um com o seu enfoque e com o seu objeto de estudo.

Os primeiros, Dollor e Leonardo,<sup>34</sup> abordaram o tema dentro de uma perspectiva da história da literatura cearense, das idéias literárias e dos agentes históricos que se evidenciaram, sem nunca perder de vista os agentes sócio-históricos, ou melhor, sem perder de vista um ‘desenvolvimento da história da atividade literária’ do Ceará. Privilegiamos a origem histórica dos gabinetes de leitura, das agremiações literárias e de outras práticas de cultura letrada no Século XIX e dos nos primeiros decênios do século XX. Enfocamos, por meio das leituras dos autores, as personalidades, as influências e as produções literárias.

---

<sup>34</sup> Ver BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza : Instituto do Ceará, 1948; MOTA, Leonardo . *A Padaria Espiritual*. Fortaleza:Edésio, 1933.

Sânzio de Azevedo já enfatiza a Padaria como um movimento Simbolista. Apesar de existir uma multiplicidade de estilos literários, esse autor provou, em sua tese de doutorado, como excelente erudito da literatura e membro da academia cearense, que a Padaria foi o primeiro movimento Simbolista do Brasil<sup>35</sup>. Cláudia Fiúza estuda o veículo das idéias dos Padeiros, o jornal o pão, “comentando a irreverência dos autores e o excesso de linguagens utilizada no jornal, como proletários, burgueses, trabalhadores, burguesia, baseada nas leituras de memória de Pedro Nava”<sup>36</sup>. Contudo, deixa a entender ao leitor que os Padeiros possuíam até leituras de Marx.

Sebastião percebe a agremiação de uma forma mais ousada, encontra um vínculo e um fio condutor entre a agremiação, Padaria Espiritual, e as práticas de postura e disciplinamento urbano em Fortaleza, em um período de remodelação e paisagismo aos moldes franceses: a chamada “Fortaleza Belle Époque”<sup>37</sup>. Esse autor capta tensões, revoltas e insatisfações em Fortaleza nos últimos Decênios do século XIX e nas primeiras décadas do Século XX. Um dos melhores trabalhos de antropologia urbana já feito. Gleudson Passos tenta descrever com muita propriedade e habilidade histórica a *República das letras cearense*, analisando a formação do imaginário político e social do final do século XIX, intercambiando o campo literário e o político, privilegiando uma infinidade de jornais, artigos de revista. Para o autor, “jornal e política era algo indissociável no universo letrado cearense”<sup>38</sup>. Um excelente apanhado e trabalho histórico. Contribuição marcante para a história do jornalismo no Ceará, desde as origens até o primeiro decênio do século XX.

Almir Leal constrói a sua tessitura metodológica numa história das idéias cearense, ou melhor, em “uma história da formação da cultura letrada e das elites

---

<sup>35</sup> Cf. AZEVEDO, Sânzio. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1996; \_\_. *Os Grêmios Literários do Ceará*. In : Souza, Simone de (Org). História do Ceará. 2ªed. Fortaleza : Fundação Demócrito Rocha, 1994; \_\_. *O Ceará e os Grêmios literários*. Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza [ s.n],1982.

<sup>36</sup> FIÚZA, Regina Claudia Pamplona. O Pão da Padaria Espiritual. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, UFRN, 1977, p.1- 18 a autora realiza um arrolamento dos artigos de jornal, fazendo o que chamamos de análise discursiva das falas dos padeiros.

<sup>37</sup> PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Epoque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930)*. Fortaleza: Demócrito Rocha; Multigraf, 1993. A obra a que nos referimos aqui é uma tese de antropologia urbana, ou melhor, é uma história antropológica contando o cotidiano da cidade de Fortaleza e os processos de mudanças que eram oriundos do afrancesamento da cidade, desde a planta de topográfica de 1875, até a década de 20 do outro século. Há ainda um outro trabalho do mesmo autor ligado ao tema Padaria Espiritual, Cf. PONTE, Sebastião Rogério & SABOYA, Caterina Mia. *Pão e a Cidade: Cotidiano e contexto Urbano da Padaria Espiritual*. Fortaleza: NUDOC/UFC, 1992



cearense”<sup>39</sup>, das origens aos locais de excelência e formação, desses intelectuais no ceará do século XIX. Esse autor faz um levantamento tremendo de fontes e as manuseia com extrema habilidade, contribuindo de uma forma riquíssima para as formações política, educacional, social e históricas do pensamento social cearense. Todos esse autores nos ajudaram a perceber e a observar melhor o objeto - a Padaria Espiritual. Contudo, a nossa dissertação de mestrado, o nosso objeto de pesquisa, são os sócios da agremiação literária Padaria Espiritual, os chamados Padeiros, que tinham envolvimento com a educação, cada um ao seu tempo, e que falavam com propriedade da educação porque tinham participação na instrução pública. Não somente por pilhéria, chacota ou ridicularizando-a, satirizando-a. No grupo dos padeiros existia um subgrupo de professores. A prática docente era comum aos intelectuais e eruditos, ‘métier’ compatível com ofício de escritor no final do século XIX..

Nos últimos decênios do século XIX, na agremiação literária Padaria Espiritual, do universo total de 34 padeiros existentes e com vozes influentes não só dentro da Padaria, como também em Fortaleza, há um subgrupo em número de 13 que exerciam práticas docentes. A estes, chamamo-los de Padeiros-Educadores. Baseamos nossa pesquisa, constituindo um corpus documental, entre vários autores, dialogando entre os mesmos, desde sua fundação, sua origem, até elegermos um subgrupo dentro do grupo de literatos, membros da agremiação literária Padaria Espiritual. Rastreamos fragmentos factuais desses agentes históricos e sociais que exerciam suas práticas docentes em sua temporalidade. Nossa pesquisa, a princípio, abriu espaço para a compreensão e para o conhecimento de uma quantidade enorme de agentes e/ou sujeitos históricos que juntos descortinavam uma realidade maior a ser pesquisada: a educação e a instrução pública no século XIX. Contudo, realizamos um corte no objeto para evitar que manipulássemos com uma pluralidade de fontes, caindo no erro de não realizarmos a pesquisa em tempo hábil.

Sendo assim, gostaríamos de escrever as nossas narrativas e impressões sobre a agremiação e os Padeiros-Educadores, contribuindo para a pesquisa em história da educação

---

<sup>38</sup> CARDOSO, Gleudson Passos. *República das Letras Cearense: Literatura, Imprensa e Política (1873-1904)* Dissertação de Mestrado-Pontífice Universidade Católica, São Paulo, 2000. p.165-230

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de. *Universo Letrado em fortaleza na década de 1870*. In Intelectuais col. Fortaleza: História e Cotidiano. NEVES, Frederico de Castro & SOUZA, Simone de (Org) Fortaleza : Edições Demócrito rocha, 2002. p.33

com um olhar dos autores, historiadores, com a percepção dos intelectuais, dos homens de letras, dos literatos, rastreando as idéias, as falas, a escrita dos que viveram com os Padeiros, em sua temporalidade no século XIX. Associando a possibilidade de dar explicações ao passado, que tem o seu harmônico complemento e o seu desenrolar do processo histórico no presente. Mesmo que ainda esteja em construção, mas de onde também possuímos uma posição privilegiada. Se compreendermos que toda ‘possibilidade de construção do passado’ é também uma possibilidade de abordar a história, poderíamos dizer que as infinitas linguagens e imagens de comunicação, as práticas e as experiências vividas pelo homem podem construir outras histórias, outros olhares, outros livros, outras abordagens....

### **3.2 A Padaria Espiritual: Da Boemia nasciam as preocupações com o Ceará.**

A praça do Ferreira dos nossos avós! Quanta recordação para os velhos cearenses que me escutam, nesta hora de coisas que o tempo levou! E do velho quartel de Polícia, um casarão de arquitetura feia, hoje transformado no edifício da Secretaria do Interior e da Justiça? E do quiosque do freqüentado Café Java, no canto em frente ao atual prédio do tribunal do Júri, de propriedades de Manoel Pereira dos Santos, vulgo Mane Coco, ponto obrigatório de reunião da gente elegante da época e dos famosos intelectuais da padaria Espiritual, que ali nasceu e viveu os primeiros tempos? (*Crônicas históricas de Fortaleza Antiga*, Raimundo de Menezes)

Desejamos evocar, nesse momento, as memórias de alguém que foi um dos sócios fundadores, Padeiro, e que a crítica literária atribuiu a ele a formação da Padaria no dia 30 de maio de 1892. Antônio Sales, um dos presentes no dia da inauguração da Agremiação com a leitura da Ata inaugural no café Java (de estilo afrancesado, um dos quatro quiosques existentes na praça do Ferreira, durante o período de embelezamento e afrancesamento da cidade de Fortaleza, ainda no final do século XIX), evocando as lembranças daquele dia, dá a sua versão sobre a fundação d’A Padaria:

Teve este papel no Ceará a <<Padaria Espiritual>>, Fundada em meados de 1892. Uma intenção de escândalo e troça ( para o dispensar o francesismo Blague, porventura mais expressivo para o

caso) Presidiu à Fundação dessa sociedade, cuja composição entráramos que a terminologia do polemismo literário de hoje chama os Novos. O seu título, seu programa, comentado e transcrito por quase toda a imprensa brasileira. Deixam bem a perceber o intuito dos Fundadores. Cumpre prevenir ao leitor que o nós de que usamos quando nos referimos á Padaria , não exprime a pluralidade convencional que temos mantido no decurso dêste trabalho, mas a coparticipação e responsabilidade que temos para com os destinos desse Grêmio de Letras. E vamos dizer como e por que nasceu a <<Padaria Espiritual>>....cheios de uma impaciente curiosidade pelas cousa do espírito e da inteligência com uma teimosia chamazinha de ideal,...Alimentando uma aversão desdenhosa pelas chatices do ramerrão burguês, e republicanos ainda por cima, constituímos desde os primeiros dias da República um pequeno grupo de feição boêmia, para trocar impressões de arte, comentar leituras, e acontecimentos, etc. Para efeitos da publicidade, nós nos distribuímos pelos três diários existentes\_\_Libertador, Norte e Estado do Ceará, onde estampávamos trabalhos literários e onde às vezes nos agremiávamos mais ou menos regularmente. Mas a imprensa diária, a partidária sobetudo, é uma arena ingrata para as pugnas da Arte, por inocular na gente o vírus da odiosidade e trair constantemente a má vontade geral às cousas literárias... UM mês depois surgiu o primeiro Pão, que nessa primeira fase puramente revolucionária... Com o 6º número suspendeu-se, porém a publicação do Pão. De 1893 ao fim 1894 publicou a padaria os seguintes livros: Phantos de Lopes filho, Flocos de Sabino Batista, Contos do Ceará de Eduardo Sabóia, Versos de Antônio de Castro. Estas sucessivas publicações chamaram vivamente a atenção pública sobre o movimento literário do Ceará...o Centro literário composto de novos dissidentes, e a Academia Cearense para qual entraram os que relativamente se podem chamar os velhos, se não lhes desgosta o qualificativo...Em janeiro de 1895 reapareceu o pão afetando os ares corretos de uma revista literária em regra, e viveu todo esse ano, vindo a suspender a publicação em dezembro, por causa do déficit que se verificou em seu orçamento...o pão reatou de novo sua publicação em agosto e de novo teve de suspendê-la em outubro ... “ não vale a pena pagar para escrever”...Á Padaria

Espiritual cabe a glória de iniciadora deste movimento, que tem sobre os precedentes as vantagens de haver estabelecido uma corrente de relações com os homens de letras do país, e mesmo com alguns do estrangeiro... A Padaria Espiritual e o Centro Literário se extinguíram quase ao mesmo tempo por morte ou expatriamento da maioria dos seus membros.... Devemos consignar como traço fundamental das letras cearenses, o seu caráter regionalista, denunciador do proverbial amor do ceará pelo torrão natal... toda nossa literatura apresenta um acentuado caráter regionalista...(SALES, 1966, P.260-262)

A Padaria atravessou o que os historiadores da literatura chamam de 2 (duas) fases: a primeira vai de 1892 a 1894, e a segunda vai de 1894 a 1898. Somente Pedro Nava divide a história da agremiação em três momentos. Na primeira fase, foram elaborados, todos em 1892, 6 (seis) números do jornal o Pão, veículo de socialização das idéias dos padeiros. Segundo Nava, os padeiros eram anarquistas e o próprio nome da agremiação era satírico e simbolista: “ a Padaria era extremamente socializante, levemente anarquistas. Os nomes ‘padaria’, ‘padeiros’, ‘jornada’ cheiram grandemente a suor proletário.”<sup>40</sup> Na segunda fase da padaria foram ainda elaborados 30 (trinta) números do jornal. Consta, ainda, nos anais da história da literatura, que a referida agremiação publicou 11 (onze) livros, em ordem cronológica de edição, a saber: *Versos* (1892), de Antônio de Castro, *Phantos* (1893) de Lopes Filho, *Flocos* (1894), de Sabino Batista, *Contos do Ceará* (1894) de Eduardo Saboya, *Cromos* (1895) de X. De Castro, *Trovas do Norte* (1895) de Antônio Sales, *Os Brilhantes* (1895) de Rodolfo Teófilo, *Dolentes* (1897) de Lívio Barreto, *Marinhas* (1897) de Antônio de Castro, *Maria Rita* ( 1897) de Rodolfo Teófilo, *Perfis Sertanejos* ( 1897) de José de Carvalho.

As Fornadas (sessões da agremiação) se efetuavam de segunda a segunda à noite, exceto às quintas e domingos, e sempre ao meio-dia. Elaboraram um programa de instalação com 48 artigos e sua sede era um prédio alugado na Rua Formosa (Barão do Rio Branco). Seus sócios eram chamados de *Padeiros ou Amassadores*, devido a proposta de fornecer o pão de espírito aos desvalidos de Fortaleza e por ter o nome da agremiação de Padaria Espiritual. Seus ‘sócios ilustres’ eram: Padeiro-mor (presidente) e que ocuparam

---

<sup>40</sup> NAVA, Pedro. Baú de Ossos. Op.cit., p.109

esse cargo: Jovino Guedes (1892-1893), José Carlos Ribeiro Júnior (1894-1896) e Rodolfo Teófilo (1896-1898). Ainda considera a história da literatura cearense como Padeiro-mor Honorário: Juvenal Galeno.

Como proposta de grupo, a padaria era assim dividida: 01 Padeiro-Mor (Presidente), 02 Forneiros (Secretários), 01 Gaveta, (Tesoureiro), 01 Guarda-Livros (Bibliotecário), 01 Investigador das Cousas e das Gentes (informante que pegava as histórias em primeira mão). Dessa boemia nasciam os ideais pedagógicos: fornecer pão de espírito, formar leitores, educar o olhar sobre as coisas do Ceará, pedagogizar a literatura usando, como método, o humor.

Os Padeiros eram mosqueteiros intelectuais, paladinos da cultura cearense e se posicionavam contra o aformoseamento afrancesado da cidade. Eram boêmios não porque vivessem em rodas etílicas, mas porque muitos eram nefelibatas, simbolistas, decadentistas, herdeiros da tradição romancistas, que preservavam, como mosqueteiros, o patrimônio cultural local, no caso, o patrimônio o cearense. Mas não deixavam de pedagogizar a literatura.

A Padaria Espiritual e os Amassadores do pão produzido pela mesma, os padeiros possuíam apelidos, ou pseudônimos<sup>41</sup> e um programa de instalação que será apresentado a seguir:

---

<sup>41</sup>A relação dos nomes dos padeiros e de seus pseudônimos é essa: Antônio Sales (**Moacir Jurema**), Jovino Guedes (**Vencelau Tupiniquim**), Álvaro Martins (**Policarpo Esoturo**), Adolfo Caminha (**Félix Guanabario**), Ulisses Bezerra (**Frivolino Catavento**), Lopes Filho (**Anatólio Gerval**), Luís Sá (**Corregio Del Sarto**), Tibúrcio de Freitas (**Lúcio Jaguar**), Carlos Víctor (**Alcindo Bandolim**), José Maria Brígido (**Moacir Gandira**), Henrique Jorge (**Sarazate Mirin**), Joaquim Vitoriano (**Paulo Kandalaskaia**), José de M. Cavalcante (**Silvino Batalha**), Raimundo T. de Moura (**José Marbri**), Temístocles Machado (**Túlio Guanabara**), Sabino Baptista (**Sátiro Alegrete**), Lívio Barreto (**Lucas Bizarro**), Gastão de Castro (**Inácio Mongubeira**), José dos Santos (**Miguel Lince**), João Paiva (**Marcos Agrata**), José Carlos Ribeiro Júnior (**Bruno Jaci**), Rodolfo Teófilo (**Marcos Serrano**), Antônio Bezerra (**André Carnaúba**), Waldomiro Cavalcante (**Ivan d’Azhoff**), José Nava (**Gil Nava**), Eduardo Saboya (**Braz tubiba**), Artur Teófilo (**Lopo de Mendonza**), Roberto de Alencar (**Benjamim Cajú**), José Carvalho (**cariri Braúna**), Francisco Ferreira Vale (**Flávio Boicininga**) Cabral de Alencar (**Abdul Assur**), Antônio de Castro (**Aurélio Sanhaçu**), Almeida Braga (**Paulo Giordano**) Xavier de Castro (**Bento Pesqueiro**). Queremos salientar que os padeiros eram, ao todo, 34 integrantes, arrolados acima, e que, deste universo, destacamos em negrito os pseudônimos daqueles que pertenceram à primeira fase da padaria (1892-1894) e em itálico os pseudônimos dos outros 14 integrantes que compuseram a segunda fase da agremiação.(1894-1898). Desse universo de 34 padeiros, destacamos os 13 integrantes, quase a metade, que exerceriam ofício de professores e 2 que foram diretores das escolas mais renomadas do Ceará no final do século XIX. Além de serem o berço de formação das elites cearenses, as escolas eram o ‘local de formação dos bacharéis leigos’ (termo utilizado por nós, para expressar que os formandos da escola Normal e do liceu do Ceará podiam exercer o ofício de professores. Tinham uma formação bacharelesca, contudo não eram legitimados como tais por força legal.). Essa questão, a respeito dos

## PROGRAMA DE INSTALAÇÃO DA PADARIA ESPIRITUAL

- I- Fica organizada, nesta cidade de fortaleza, capital da terra da Luz, antigo Siará Grande, uma sociedade de rapazes de letras e artes, denominada Padaria Espiritual, cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios, em particular, e aos povos, em geral.
- II- A 'Padaria Espiritual' se comporá de um Padeiro-mor (Presidente), de dois forneiros (Secretários) de um gaveta (tesoureiro), de um Guarda livro na acepção intrínseca da palavra (Bibliotecário), de um investigador das coisas e das gentes, que se chamará de olho da providência, e demais amassadores (sócios). Todos os sócios terão a denominação geral de padeiros.
- III- Fica limitado em 20 o número de sócios, inclusive a diretoria, podendo-se, porém, admitir sócios honorários, que se denominarão Padeiros –Livres.
- IV- Depois da instalação da Padaria, só será admitido quem exhibir uma peça literária ou qualquer outro trabalho artístico que for julgado decente pela maioria.
- V- Haverá um livro especial para registrar-se o nome comum e o nome de guerra de cada Padeiro, sua naturalidade, estado, filiação e profissão a fim de poupar-se á posteridade o trabalho dessas indagações.
- VI- Todos os Padeiros terão um nome de guerra único, pelo qual serão tratados e do qual poderão usar no exercício de suas árduas e humanitárias funções.
- VII- O distintivo da Padaria Espiritual será uma haste de trigo cruzada de uma pena, distintiva que será gravado na respectiva bandeira, que terá as cores nacionais.
- VIII- As fornadas, sessões, se realizarão diariamente, à noite, á exceção das quintas-feiras, e aos domingos, ao meio dia.
- IX- Durante as fornadas, os Padeiros farão a leitura de produções originais e inéditas, de quaisquer peças literárias que encontrem na imprensa nacional ou estrangeira e falarão sobre as obras que lerem.
- X- Far-se-ão dissertações biográficas acerca de sábios poetas, artistas e literatos a começar pelos nacionais para o que se organizará uma lista, na qual serão designadas com precisa antecedência, o dissertador e a vítima. Também se farão dissertações sobre datas da história nacional ou estrangeira.
- XI- Essas dissertações serão feitas em palestras, sendo proibido o tom oratório, sob pena de vaias.
- XII- Haverá um livro que se registrará o resultado das fornadas como maior laconismo possível, assinando todos os Padeiros presentes.
- XIII- As despesas necessárias serão feitas mediante finta passada pela Gaveta, que apresentará conta do dinheiro recebido e despendido.
- XIV- É proibido o uso de palavras estranhas á língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprego dos neologismos do dr. Castro Lopes.
- XV- Os Padeiros serão obrigados a comparecer á fornada, de flor e lapela, qualquer que seja a flor, com exceção da de chichá.
- XVI- Aquele que durante uma semana não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar no sábado café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria considerada superiormente fina, pode ser dispensado da multa da semana seguinte.
- XVII- O Padeiro que for pego em flagrante delito de plágio, falado ou escrito, pagará café e charutos para todos os colegas.
- XVIII- Todos os Padeiros serão obrigados a defender seus colegas de agressão de qualquer cidadão ignaro e a trabalhar, com todas as forças, pelo bem estar mútuo.
- XIX- É proibido fazer qualquer referência á rosa de Malherbe e escrever nas folhas mais ou menos perfumadas dos alguns
- XX- Durante as fornadas, é permitido ter o chapéu na cabeça, exceto quando se falar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Camões e José de Alencar porque então, todos se descobrirão

---

padeiros-educadores, será abordada mais à frente, momento em que fundamentaremos essa categoria. Pretendemos, ainda, explorar a noção de educação nesse período.

- XXI- Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhos à fauna e a flora brasileira, como –cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc.
- XXII- Será dada a alcunha de –medonho-a todo sujeito que atentar publicamente contra o bom senso e o bom gosto artísticos.
- XXIII- Será preferível que os poetas da Padaria externem suas idéias em verso.
- XXIV- Trabalhar-se-á um apelo por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos.
- XXV- Dirigir-se-á apelo a todos os jornais do mundo, solicitando a remessa dos mesmos á biblioteca da Padaria.
- XXVI- São considerados, desde já , inimigos naturais dos Padeiros- os padres, os alfaiates e a polícia. Nenhum padeiro deve perder ocasião de patentear o seu desagrado a essa gente.
- XXVII- Será registrados o fato de aparecer algum Padeiro com colarinho de nitidez e alvura contestáveis
- XXVIII- Será punido com expulsão imediata e sem apelo o Padeiro que recitar ao piano
- XXIX- Orgnizar-se-á um calendário com os nomes de todos os grandes homens mortos. Haverá uma pedra para se escrever o nome do santo do dia, nome que também será escrito na ata, em seguida à data respectiva
- XXX- A avenida Caio Prado é considerada a mais útil e a mais civilizadora das instituições que felizmente nos regem, e, por isso, ficará sob o patrocínio da Padaria.
- XXXI- Encarregar-se-á um dos padeiros de escrever uma monografia a respeito do incansável educadorprofessor Sobreira e suas obras.
- XXXII- A Padaria representará ao governo de estado contra o atual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de idéias.
- XXXIII- Nomear-se-ão comissões para apresentarem relatórios sobre os estabelecimentos de instrução pública e particular da capital, relatórios quer serão publicados.
- XXXIV- A Padaria Espiritual obriga-se a organizar, dentro do mais breve prazo possível um cancionero popular, genuinamente cearense.
- XXXV- Logo que estejam montados todos os maquinismos, a Padaria publicará um jornal que, naturalmente, se chamará O Pão.
- XXXVI- A Padaria tratará de angariar documentos para um livro contendo as aventuras do célebre e extraordinário Padre Verdeixa.
- XXXVII- Publicar-se-á, no começo de cada ano, um almanaque ilustrado do Ceará contendo indicações úteis e inúteis, primores literários e anúncios de bacalhau.
- XXXVIII- A Padaria terá um correspondente em todas as capitais dos países civilizados, escolhendo-se para isso literatos de primeira água.
- XXXIX- As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio, excetuadas, as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes.
- XL- A Padaria desejaria muito criar aulas noturnas para a infância desvalida, mas, como não tem tempo para isso, trabalhará por tornar obrigatória a instrução pública primária.
- XLI- A Padaria declara, desde já, guerra de morte ao bendegó do cassino.
- XLII- É expressamente proibido aos Padeiros receberem cartões de troco dos que atualmente se emitem nesta capital.
- XLIII- No aniversário natalício dos padeiros, ser-lher-á oferecida uma refeição pelos colegas.
- XLIV- A Padaria declara embirrar solenemente com secção ‘Para Matar o Tempo’ do jornal a república, e assim, se dirigirá á redação desse jornal, pedindo para acabar coma mesma secção.
- XLV- Empregar-se-ão todos os meios de compelir Mane Coco a terminar o serviço da ‘Avenida Ferreira’.
- XLVI- O Padeiro que, por infelicidade, tiver um vizinho que aprenda clarineta, piston ou qualquer outro instrumento irritante, dará parte disto á Padaria que trabalhará para por tempo o semelhante.
- XLVII- Pagnar-se-á pelo aformoseamento do parque da liberdade, e pela boa conservação da cidade, em geral.
- XLVIII- Independente das disposições contida nos artigos precedentes, a Padaria tomará a iniciativa de qualquer questão emergente que entenda COM A Arte, como bom Gosto o Progresso e com a dignidade humana.

### 3.3 Nas Fornadas da Padaria também se discutia a escola.

Quanta ingenuidade saborosa nas festas antigas da Fortaleza dos nossos avós! Quanta simplicidade nos folguedos tradicionais que o tempo levou! Como eras encantadoras, minha cidade amada, com as tuas festanças simples como tu mesma! ( *Crônicas históricas de Fortaleza Antiga*, Raimundo de Menezes)

Foi assim que, no dia 30 de maio de 1892, pela ata da primeira fornada (espaço de socialização dos Padeiros), nascia a agremiação literária no café Java por nome: A Padaria Espiritual, Sociedade Literária de caráter formal de academia mirim<sup>42</sup>. Idealizada e organizada por Antônio Sales, segundo Azevedo (1996) e Mota (1933). A Padaria, com suas fornadas, tinha como componentes: Padeiro-mor, dois Forneiros (Secretários), um Gaveta (Tesoureiro), um Guarda-Livros (Bibliotecário) e um investigador das coisas e das gentes (ou olho da providência), além dos demais sócios chamados Padeiros<sup>43</sup>. O programa de Instalação da Padaria, dito por alguns como estatuto, consta de 48 ementas, muitas ementas revelam a preocupação dos Padeiros pelos ideais educacionais<sup>44</sup>.

O artigo do programa de instalação, transcrito por Azevedo, diz-nos:

V – Haverá um livro especial para registrar-se o nome comum e o nome de guerra de cada Padeiro, sua naturalidade, Estado; filiação e profissão. A fim de poupar-se à posteridade o trabalho dessas indagações (...) XXXIII - Nomear-se-ão comissões para apresentarem relatórios sobre estabelecimento de instrução pública e particular da capital, relatórios serão publicados. XXXIV – A padaria espiritual obrigar-se a organizar, dentro do mais breve prazo possível um cancionero popular genuinamente cearense. XXXV – logo que estejam montados todos os machinismos, a Padaria publicará um jornal que naturalmente se chamará – O Pão (...) XXXVI – Publicar-se-á no começo de cada ano um almanack, ilustrado do Ceará, contendo indicações úteis e inúteis, primores literários e anúncios de Bacalhau (...) XXXVIII – As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo nosso apoio, exceptuadas: as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes. XXXIX – A padaria desejaria muito criar aulas

---

<sup>42</sup> AZEVEDO, Sâncio de: *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza. Casa José de Alencar (Programa Editorial 1996. p. 50)

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 67

<sup>44</sup> Cf. AZEVEDO. P. 72



noturnas para infância desvalida, mas como não tem tempo para isso; trabalhará por instrução pública primária. (AZEVEDO, 1996, p. 59-65).

Nos últimos decênios do século XIX, (1870-1890), a literatura e a imprensa eram “verdadeiros” espaços de enunciação. As diferentes possibilidades de discursos, ferramentas políticas de grupos letrados, procuravam não só descrever práticas do cotidiano das terras cearenses, mas também apontar posturas intelectuais e filosóficas que aqui ocorreram nesse período. A Academia Francesa (1873-1875) foi um movimento chave para se compreender o debate entre positivistas e tradicionalistas católicos. Tal confronto era uma forma de difusionismo de idéias evolucionistas e científicas. Da mesma forma, o Clube Literário (1887-1889) era um dos porta-vozes do discurso abolicionista e naturalistas, discursos herdeiros da Academia Francesa. A literatura, para esses grupos, seria a base das instituições nacionais, promovedoras de articulações políticas. Nos anos de 1890 ainda veríamos nascer a Padaria Espiritual (1892-1898) e a Academia Cearense e o Centro Literário (1894-1904).

Não houve, no Ceará do final do século XIX, nenhuma agremiação literária que não tivesse uma postura ideológica, filosófica e partidária. Nem jornais comprometidos com a neutralidade, em um período de transição que vai da Monarquia à República. Neste período, o final do século XIX, há uma efervescência de movimentos literário-filosóficos. Foi nesse instante em que pensamos: será que existe um envolvimento dos Padeiros com a educação? Caso exista, como se caracteriza este envolvimento e o que propunham os Padeiros? Quem eram os Padeiros e quais eram seus ideais? Existiram Padeiros professores<sup>45</sup> e quais eram as escolas em que eles ensinavam? Nas fornadas, espaços de socialização e de reuniões, os Padeiros confraternizavam-se “embalados pela “pinga”, debatendo pensadores da época tais como: Spencer, Comte, Condorcet, Saint-Simon e debatendo a cultura cearense, já **que entendiam**, em suas reuniões, ser a literatura uma “missão social” (Cardoso, 2002, p. 29)

---

<sup>45</sup> Bóia, Wilson. Antônio Sales e sua época. Fortaleza:BNB,1984,p.20-147. foi na leitura deste livro que, pela primeira vez, tomei conhecimento da existência de um padeiro professor por nome **Luís Sá** p.135. Naquela ocasião em que o autor narra sobre sua capacidade autodidata, enfatizou que foi professor da Escola Normal, cenógrafo e que, segundo o autor, foi autor da arte e símbolo da agremiação literária, Padaria Espiritual.

No período do final do século XIX, em especial nos últimos decênios, há o surgimento de movimentos literários-filosóficos<sup>60</sup>. A existência desses movimentos fazia da Literatura uma expressão da sociedade e do imaginário coletivo na construção de uma nova ordem, a *República* recém-chegada com suas elites intelectuais. “A literatura e suas construções, introduz assim “uma ‘arte’. A história é o lugar da encarnação da palavra poética”. (Lima, 2000, p.39).

Neste período, o Ceará passa por algumas mudanças provenientes dos flagelos naturais, como a seca. Transformações outras se processavam, assumindo conotações políticas a partir dos movimentos Abolicionistas e Republicanos. O atraso histórico em relação ao sul do país e a posição de subserviência política vêm fazer do Nordeste um aliado ao discurso de “submestiçagem e cruzamento”. A literatura apreende o imaginário social, as raízes nordestinas e seus discursos, cantigas, mitos, representações, como nos diz Durval<sup>61</sup>.

Em Fortaleza, na última década do século XIX, existia toda uma atmosfera de confrontos políticos e de descrição da construção do real. Não existia, neste período, um outro jornal, agremiação literária ou revista que não estivessem empenhados em alguma causa Política ou Social<sup>62</sup>. A origem e as características literárias de cada Padeiro mostram um pouco dos seus conflitos e dos problemas e soluções existentes naquela realidade social.

Antônio Sales (Moacir Jurema) afirma que todas as propostas foram cumpridas integralmente<sup>63</sup> pela padaria de acordo com o programa de Instalação. Baseado na pesquisa de Leonardo Mota, a Padaria possuía 20 fundadores, de 30 de maio de 1892 a 28 de setembro de 1894, sendo reorganizada numa segunda fase, “quando seu quadro de membros ganhou mais quatorze componentes”<sup>64</sup>.

---

<sup>60</sup> CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In Souza Simone (org) e outros: *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza. Ed. Demócrito Rocha. 2000: p. 135. De 1870 a 1890, o Ceará é palco de três movimentos intelectuais: o Movimento Filosófico de 1870, a Academia Francesa, o Movimento Político de 1884, em torno do qual se faz e se constrói todo o movimento abolicionista (com o Jornal O Libertador e posteriormente a discussões na revista Quinzena) e o Movimento Literário em 1892, com a fundação da Padaria Espiritual e do seu órgão de socialização, O Pão.

<sup>61</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de: *A invenção do Nordeste*. São Paulo / Recife. Fundação Joaquim Nabuco / Ed Massagano / Cortez 1999, p. (30-126)

<sup>62</sup> Cardoso, Gleudson. Passos. Padaria Espiritual. *Biscoito fino e Travoso*. Fortaleza. Museu do Ceará / Secretaria da Cultura. Coleção outras histórias 2002. p. (16-70).

<sup>63</sup> Idem ibidem.

<sup>64</sup> MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*, Fortaleza, Edésio 1933. P. 83.

Quem também defende a mesma idéia é Teófilo (1919) em sua obra *Memória, Cenas e Typos*. Rodolfo, que era Padeiro-mor no ano de 1894, afirma, também, “que não havia uma homogeneização de estilos literários e que o perfil dos Padeiros versava entre simbolistas, naturalistas, realistas, realistas – cientificistas e romancistas”<sup>65</sup>. Dolor Barreira, em sua *história da literatura cearense*, afirma-nos que a segunda etapa de existência da padaria (1894-1896) seria considerada a de maior efervescência literária, apresentando um volume considerável de produções a partir de periódicos como o jornal *o Pão*<sup>66</sup>, e a revista *A República*. “Tudo fariam, sob o ponto de vista intelectual, para suplantar e avantajarse sobre as demais agremiações” (Dorlor Barreira apud Azevedo, 1996, p.81). Neste contexto, o perfil profissional dos Padeiros também variava. Existiam funcionários públicos, médicos, sanitaristas, **professores e diretores**<sup>67</sup> de escolas públicas, que proporcionaram, à posteridade, um vasto material de pesquisa para ser analisado.

Gustavo Barroso, em suas obras de memória, *o Liceu do Ceará e o Liceu do Ceará em 100 anos*,<sup>68</sup> como salientamos anteriormente, alega o envolvimento de padeiros com Escolas. Rodolfo Teófilo, Padeiro que assinava como Marcos Serrano, descreve suas memórias de infância no *Atheneu*,<sup>69</sup> escola na qual estudara na década de 1870 do século XIX.

Tal Padeiro deixou uma verdadeira preciosidade, não só pela descrição do colégio, suas aulas, mas também pela descrição do cotidiano da instituição em Fortaleza, no

---

<sup>65</sup> AZEVEDO; op. cit., p. 85-96.

<sup>66</sup> O PÃO era o espaço Público de enunciação dos padeiros. Neste jornal quinzenal, encontramos vários artigos falando de educação, e muitos carregados também, de figuras de linguagens que alguns críticos renomados cearenses consideram apenas pilhéria e veleidades dos padeiros, sem explicar o porquê de tal afirmação.

<sup>67</sup> AZEVEDO; op. cit., P. 145-180. Nos relata Sânzio de Azevedo que os Padeiros professores seriam: Jovino Guedes (Venceslau Tupiniquim) / Liceu, Ulisses Bezerra (Frigolino Catavento) / Secretário do Liceu; José de Moura Cavalcante (Silvio Batalha) / Escola Normal; Tesmitocles Machado (Tulio Guanabara) / Escola Normal. José Carlos da Costa Ribeiro Júnior (Bruno Jaci) / Liceu e Diretor; Rodolfo Teófilo (Marcos Serrano) / Liceu e Escola Normal; Valdomiro Cavalcante (Ivan D’Azhoff) / Diretor da Escola Normal e do Liceu. Eduardo Sabóia (Brás Tubiba) Professor da Faculdade de Direito criada no período Aciolino.

<sup>68</sup> BARROSO, Gustavo: *Liceu do Ceará em 100 anos*. Resumo histórico, Professores, Corpo Administrativo, Alunos. Tip.Iracema 1945. além desta obra do mesmo autor, confrontamos informações com *Coração de Menino*(1989) e *o Liceu do Ceará (1940)*. Destas leituras, foram acrescidos a lista de padeiros professores e/ou tiveram envolvimento com a educação a saber: Artur Teófilo, Álvaro Martins e possivelmente Antônio Sales pode ter se envolvido quando ocupou o cargo da secretaria de Negócios e deputado estadual entre os anos de 1892-1896

<sup>69</sup> TEÓFILO, Rodolfo: *O Atheneu*. In Almanach estatístico, Administrativo, Mercantil e Literário do Ceará ano 1922. p. 499-508.

período imperial, com seus freqüentadores, personalidades e colegas de turma<sup>70</sup>. Nas páginas amareladas e escondidas do anuário fortalezense, o Almanach de 1922, o próprio Rodolfo aponta outro Padeiro como colega e professor da Escola Normal. Anos depois, em suas narrativas de memória sobre o Atheneu, lembrando de sua infância, Rodolfo homenagearia Lopes Filho nas páginas do anuário.

Sobre este outro Padeiro, João Lopes Filho (Anatólio Gerval), professor e ainda não relatado neste capítulo, Teófilo comenta: “O pai fel-o voltar e o empregou no correio de onde trabalhou e sabia para reger a cadeira de **português** na Escola Normal. A República veio a encontrá-lo e conhecê-lo como **professor**”<sup>71</sup>

Adolfo Caminha, por exemplo, em sua obra *A Normalista* “fotografa” como ninguém, nas teias e dramas dos personagens, a Escola Normal em Fortaleza, no final do século XIX, descrevendo o cotidiano e a vida escolar na recém construída Escola Normal. No entanto, Adolfo não era Professor. Ficamos a nos questionar se existia relação entre o discurso dos personagens e as vivências do autor. Ou se as idéias de um autor não são marcadas pelo ‘lugar social’ do mesmo. É compreendendo estas idéias que podemos evocar a voz do passado e das “coisas esquecidas”, não lembradas. Estamos certos de que as experiências, sentimentos, vozes e discursos dos Padeiros e seus ideais educacionais podem ser evocados. Ressalta Foucault que, em todo lugar e a todo o momento, existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma “verdade talvez adormecida, mas que, no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à nossa mão para ser desvelada” (Foucault, 1979, p.113).

É interessante a reconstrução das “coisas não vistas”. As lembranças e discursos de um “tempo que não volta mais” parecem-nos permanecer guardadas como um legado de uma época, conforme as palavras de Gustavo Barroso em suas obras de memórias *o Liceu do Ceará e o Liceu do Ceará em 100 anos*<sup>72</sup>. A história sempre nos reserva possibilidades de revelar algo que não foi contado. Quando confrontamos, no campo da historiografia literária, as pesquisas de MOTA(1933), AZEVEDO(1996),

---

<sup>70</sup> TEÓFILO, Rodolfo: op cit., p. 500-501. Entre os tais estavam: Capistrano de Abreu; Rocha Lima, Paula Ney; Domingos Olympio; Xilderico Farias, Thomaz Pompeu; Clovis Beviláqua; Farias Brito; Antônio Sales; Godofredo Maciel destes Antônio Sales (Padeiro).

<sup>71</sup> Id., Ibid., p. 503

confirmamos a presença destes padeiros, intelectuais e professores no universo letrado de Fortaleza no final do século XIX. Porém, ao lermos um memorialista como Gustavo Barroso, contemporâneo deles e com um objeto de investigação diferente, quando descreve o *Coração de Menino* (1989) nas escolas das quais fizera parte, percebemos a existência de outros Padeiros-Educadores<sup>73</sup>. Ao entrecruzarmos as suas obras *O Liceu do Ceará em 100 anos* (1945) e o seu segundo livro de memórias *o Liceu do Ceará* (1940), percebemos, entre lembranças e esquecimentos, fatos do início século XX:

Os nomes dos professores do Liceu eram de estarrecer um fedelho como eu: havia cônegos e monsenhores um dos quais várias vezes recusavam a mitra. Havia oficiais e exército doutorados em ciências física e matemática com anêles de turquesa estrelados de ouro. Alguns “lentes ” eram deputados estaduais ou federais, outros haviam sido e outros iam ser. Estê fora Senador. Este outro era ainda. Aquele pertencia ao parlamento do império. Os meninos ficavam boquiabertos (...) todavia; o Poeta Álvaro Martins que usava o pseudônimo Alvarins cantava e trovara, boa de grande teor ao velho Aciolli (...) Elogiava minhas composições na aula de Literatura no Liceu. O poeta era atacadíssimo pelos elogios que fazia ao presidente do Estado. Eu tinha pena dele, precisava viver (...) Guardo desse professor de literatura no Liceu uma lembrança amável. Foi ele quem primeiro descobriu em minhas singelas composições de aula uma pequena semente de gosto literária (BARROSO, 1940, p. 18-149).

Em *Coração de Menino* (1989), Gustavo relata a pedagogia de seu tempo, praticada na escola primária *Parthernon*, estabelecimento de ensino fundado pelo professor Lino da Encarnação. Ele descreve as exaustivas horas em que decorava a lição e em que era cobrado por seus professores. CORDEIRO(1996), ao fazer uma releitura de Gustavo, informa sobre a precariedade das escolas públicas na virada do século XIX, quando as

---

<sup>72</sup> BARROSO, Gustavo: *Liceu do Ceará em 100 anos*. Resumo histórico, professores, corpo administrativo, alunos. Fortaleza. Tip. Iracema 1945.

<sup>73</sup> BARROSO; op.cit.,p.22-160, encontramos nestas páginas: Artur Teófilo p.42; Jovino Guedes p.24; Antônio Sales p.26; Álvaro Martins p. 148; Eduardo Sabóia p.159 Álvaro Martins foi encontrado em um livro de contabilidade do liceu(1880-1900)/Arquivo Público p.37, substituindo o Dr. Torres Portugal, em aulas de literatura.

escolas particulares se tornavam a única saída para os filhos de famílias abastadas terem acesso a uma educação melhor, com qualidade.

A memória da criança era o único elemento buscado pelo mestre, “Hebert era o guia do professor, seu método aplicado era a base do ensino da época.” (CORDEIRO, 1996, p.106). Era esse período, o final do século XIX, a época dos embates entre as pedagogias tradicionais clássica humanísticas e as pedagogias ‘experimentais’, aquelas que abordavam métodos científicos, evolucionistas, naturalistas, positivistas...A autora Celeste Cordeiro ainda traz, em suas referências, o relato de que muitas escolas adotavam também o método Lancaster de premiações e punições, de acordo com CORDEIRO(1996).

A respeito da Escola Normal e dos Padeiros-Educadores, Rodolfo Teófilo foi professor de História Natural, já na década de 80 do século XIX. Também Adolfo Caminha (Fêlix Guanabarrino), Padeiro, mas que não era professor, descreveu as representações e espaços simbólicos da Escola Normal no período em que essa escola pública se localizava na praça Marquês de Herval, atual praça José de Alencar. Alguns apontam, como AZEVEDO(1999), que o “professor de História Natural”<sup>74</sup>, criticado por Caminha em a Normalista, era Rodolfo Teófilo que, em outra época, rebate as acusações numa obra por nome *Os meus Zoilos* e em artigo do Jornal o Pão de 1º de julho de 1895. Há outras obras de memória de Rodolfo Teófilo, como *Memórias de um engrossador; Cenas e Typos, o Caixeiro*, além de uma série de outras obras, não expressas aqui, por ser ele [Rodolfo] de um estilo naturalista – realista. Essas obras geram uma infinidade de discussões e polêmicas sobre a classificação de seus estilos literários (se memória, se romance, se histórias...).

Adolfo Caminha, em seu romance *A Normalista*, considerava a Escola Normal de baixo padrão moral, além de fazer uma infinidade de “críticas” não só ao programa, mas também à estrutura física, de acordo com Caminha(2001). Quanto ao Programa e às

---

<sup>74</sup> CAMINHA, Adolfo: *A normalista*. Fortaleza. Ed. ABC 2001. p. 64.

disciplinas, Caminha deixa pistas do ideal educacional, em sua temporalidade. Na visão deste padreiro, o que remete diretamente às tendências pedagógicas do seu tempo, ao entusiasmo pela educação e ao otimismo pedagógico, NAGLE(2001), GHIRALDELLI, JR.(1990) era também a época em que os estudos sobre saneamento, higienismo, marcavam o pensamento e as idéias sociais neste tempo.

O Ceará estava presenciando o momento chamado ‘Belle Époque’. Como nos diz Caminha: “o programa era mais externo, mais amplo dividido metodicamente em educação: física, intelectual, nacional e religiosa (...) pelos *moldes* de H. Spencer e Pestalozzi”( CAMINHA, 2001, p. 187). Não poderíamos deixar de mencionar que tais tendências pedagógicas, praticadas pelas escolas de ensino público e/ou particular na Fortaleza do final do século XIX e no início do século XX, são aspectos fundamentais para descrição dos ideários educacionais deste tempo, além de serem elementos norteadores da busca dos ideais pedagógicos e/ou escolares, da temporalidade dos Padreiros, bem como do comportamento, do movimento da história da educação no final do século XIX.

Em *A Revista do Instituto do Ceará – Tomo LXVIII – 1954*, segundo Joaquim Alves, a história do ensino primário / público na primeira metade do século XX pode ser dividida em três períodos: de 1901 a 1922, deste ano a 1930, e de 1930 em diante, confirmando que as idéias sobre a educação no Ceará no final do século XIX não poderiam fugir da dinâmica praticada nas outras regiões, províncias e/ou estados. Pouco antes da proclamação e da chegada da primeira República, vivíamos o entusiasmo pela educação, conforme a obra de NAGLE( 2001).

Há um Padreiro de profunda erudição que vinha de família rica, boêmio por natureza, José Carlos Ribeiro Júnior (Bruno Jacy). Confirmando as informações de BARROSO (1940, 1945), este Padreiro foi diretor do Liceu e professor em 1894. Na leitura da obra *Antônio Sales e sua Época* encontramos a existência de um Padreiro-Educador por nome Luís Sá. Nesse texto, Wilson Bóia narra sobre sua capacidade autodidata, enfatiza que foi professor da Escola Normal<sup>75</sup>, cenógrafo e também autor de arte e símbolo da agremiação literária, Padaria Espiritual.

---

<sup>75</sup> BÓIA, Wilson. Antônio Sales e sua época. fortaleza:BNB,1984,p.135 . Foi na leitura dessa obra que ,pela primeira vez, tomamos conhecimento do fato de que existiam padreiros professores. Posteriormente, fizemos algumas ‘ entrevista’ com o crítico literário Sânzio de Azevedo sobre essa informação, associada a algumas

Assim, resulta que estes Padeiros eram também professores e mantinham práticas docentes no jornal *o Pão*. Chamamos a categoria Padeiros-Educadores à existência para afirmar o envolvimento direto da agremiação literária *Padaria Espiritual* com a educação, além de revelar agentes socio-históricos com práticas docentes. Com extrema lucidez, os Padeiros perceberam, em sua temporalidade, não só a realidade local, mas a dinâmica do social, a política, a cultura e a educação, pois, enquanto pessoas comuns, eram eles agentes histórico-sociais, seres individuais que movimentavam uma série de capitais simbólicos. Eram escritores-cidadãos, intelectuais-totais, literatos, homens de letras, professores, educadores, escritores, enfim, tinham eles um ‘lugar social’. Eram Padeiros-Educadores em uma sociedade que vislumbrava o estilo de vida afrancesado, em que Paris era a capital do mundo. Exceto os grupos letrados, em pequena maioria se compararmos com os valores estatísticos populacionais da época, a população era, em sua grande parte, composta de analfabetos, de incautos.

### **3.4 A Fundamentação teórica da categoria Padeiro-Educador: o intercambiamento entre campos.**

**Campos são saberes, são doxas. são construídos e são construtores de indivíduos. Analogamente a um estádio de futebol que você adentra para ver um jogo e passa a fazer parte dele, apreendendo e aprendendo as imagens, os sons, as falas, as visões que nele existem, de forma consciente e inconsciente. Os Campos, saberes, as doxas, constroem mundos e pessoas, secularizando o homem do século XIX, determinam seu ‘lugar social’, hierarquizando-o. Tal qual o estádio, há possibilidade de jogar, de assistir, de narrar a partida, de trabalhar, enquanto o jogo de futebol está rolando, de pertencer ou não àquela torcida, e de escolher ou não participar da festa, ficando de fora e sendo censurado pelos que foram assistir ao jogo. O campo possui regras, é hierarquizado, ninguém entra nele sem ser portador do ingresso. (Amós Bernardino)**

O mundo social e sua organização constroem e reconstroem, no indivíduo, as representações do social, apoiando-se nos universos simbólicos e promovendo a

---

de suas leituras. As leituras nos levaram a traçar o perfil de uma categoria ainda não discutida na educação. Raimundo Girão confirma, em obra *Educandários do Ceará*, que Luís Sá também atuava como professor de



internalização, a interiorização das realidades objetivas. A partir dessa compreensão, o indivíduo percebe as estruturas sociais na medida em que são construídas e internalizadas, inserindo-se de forma objetiva dentro de uma lógica no mundo social e reconhecendo papéis, sendo portador de visões de mundo diferentes.

Nesse sentido, a noção de *habitus* em Bourdieu nos chama atenção, a Padaria Espiritual, que, para nós, não é só um movimento literário, empenhou-se por apresentar ao público cearense sua leitura da realidade social brasileira a partir do seu campo de ‘experimentação’, do lugar em que estavam inseridos e do lugar a partir do qual falavam os seus membros, seus integrantes, Padeiros. Assim, diz-nos Bourdieu:

Esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados) o qual transforma herança coletiva em inconsciente individual e comum: relacionar as obras de uma época com as práticas escolares é um dos meios de explicar, não só o que elas proclamam, mas também o que elas trazem, pelo fato de participarem da simbologia de uma época e de uma sociedade.(BOURDIEU, 1992, p.346)

O *habitus* é uma identidade cultural, é um capital. Com essa colocação, percebemos que esse ‘capital’, essa categoria em Bourdieu, pode ser: *habitus* lingüístico, *habitus* literário, *habitus* científico, *habitus* individual... É o *habitus* do ser individual um processo de construção objetiva da subjetividade, sendo mediado também pela coexistência de diferentes instâncias produtoras de valores culturais e “referências identitárias”<sup>76</sup> A cultura e a Identidade influenciam de forma marcante a formação dele, do *habitus*, como também influenciam as instâncias socializadoras: família, escola, igreja, jornais, revistas, mídia. Acrescenta, o *habitus*, também ao indivíduo a sua contribuição à objetivação da subjetividade. O *hábitus* individual é fruto do espaço ‘plural’, das múltiplas relações sociais e das instâncias socializadoras, determinando o lugar social e as visões de mundo. Por isso, deixa transparecer a exteriorização da subjetividade objetivada, revelando o local de pertencimento e a classe do indivíduo... Assim, a noção de *habitus* é um sistema em constante reformulação e também um instrumento conceptual que nos auxilia a pensar

---

desenho do Partenon Cearense (1892).

<sup>76</sup> SETTON, Mª da Graça Jacintho. *A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura Contemporânea*. Revista Brasileira de Educação. ANPED. Jun/Jul/Ago.2002. n°20 p.61.

as relações, mediação entre os condicionantes sociais exteriores. Esse conceito também nos ajuda a pensar o social, a realidade estruturada objetiva e a subjetividade dos sujeitos exteriorizada.

A noção de habitus propõe “identificar a possível contradição entre indivíduos e sociedade como uma das questões centrais da produção teórica de um autor”<sup>77</sup>. O habitus, como instrumento conceptual, auxilia o pesquisador a perceber a identidade social, a classe social, o lugar social de que está falando e suas matrizes culturais. Além disso, denuncia as experiências biográficas do narrador, do autor, do escritor, do cientista, do romancista, do literato, do homem de letras, do estudante, do trabalhador, a identidade do indivíduo, do Padeiro, do Padeiro-Educador, sem precisar historiar demasiadamente sobre alguém que fala. O habitus do ser individual, do sujeito, é também social. É através da formação, construção de seu habitus, que percebemos e compreendemos pequenas indagações sobre alguém, tais como: Quem sou eu? Quem eu era? Quem eu serei? De onde eu estou falando? Quem me ajudou a dizer o que eu estou falando? Por onde eu andei em minha vida? Com quais pessoas tivemos contato? Que experiências sociais internalizei e aprendi? Este é um instrumento poderoso para quem deseja historiar a educação.

Este aparelho, ou melhor, este instrumento teórico que chamamos “o conceito de habitus”<sup>78</sup>, é uma forma de apropriação que utilizamos, em primeiro momento, para

---

<sup>77</sup> Id. Ibidem. P. 63

<sup>78</sup> O conceito de hábitus e toda a concepção teórica que envolve a categoria são como se fosse uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas, um sistema de “orientação, ora consciente, ora inconsciente” Cf. SETTON, M<sup>a</sup> da Graça Jacintho. *A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu*. Op.cit.,p.70. Esta noção , habitus, é uma matriz cultural também e está intimamente, intrinsecamente, relacionada a outra categoria na obra de Bourdieu chamado de campo, doxas ( ortodoxias e heterodoxias, herdadas das noções de consumidores e produtores de cultura). Assim, o habitus, como também o campo, é hierarquizado. (Como capital pode também ser trocado, em um grade mercado ‘ o mercado dos bens simbólicos’ ) A categoria também é histórica, segundo o próprio Bourdieu ,Cf. BOURDIEU Pierre. *Economia das trocas Simbólicas*. 3 Ed. São Paulo : Perspectiva, 1992 .Em um livro, *O Poder Simbólico*, segundo o autor, há uma historicidade na construção do conceito “traduz a noção grega ‘hexis’ utilizada por Aristóteles para designar então as características do corpo e da alma” ( Bourdieu, 1998, p.68). Afirma também que outros autores já utilizaram esse conceito. Durkheim, por exemplo, designava o estado geral dos indivíduos, os estados interiores e profundos que orienta suas ações e escolhas de forma durável. O Discípulo de Durkheim, Marcel Mauss,

compreender o motivo pelo qual os integrantes da Padaria Espiritual lançavam tanta pilhéria sobre a educação, em seu veículo socializador de suas idéias, o jornal o *Pão*.

A crítica literária e os historiadores da literatura, em suas análises e estudos sobre essa agremiação Padaria Espiritual, contemplaram outros objetos de pesquisa, marcados e motivados por olhares ‘outros’. Nosso enfoque central é a educação e o envolvimento destes sujeitos sócio-históricos com o campo, com o saber, com a educação e com suas práticas docentes. Desconsideraram, os críticos, o envolvimento destes com a educação e com a motivação literária desses literatos, desses escritores, desses romancistas, desses naturalista-realistas, desses cientistas, desses educadores, desses professores, desses homens que falavam das ‘coisas do espírito,’ em um jornal por nome o *Pão*. Não porque o fizessem por somenos, mas sim porque o principal motivo do esquecimento era também gerado pelo ‘lugar social’, o campo de onde falavam e para o qual se dirigiam ao público leitor. Eis a questão do esquecimento, da lacuna, da ausência, da falta de gatilho de memória, de enunciar a participação destes indivíduos e agentes sociais com a educação por parte da crítica literária e dos historiados da literatura.

Nessas décadas (1870 a 1900), a educação era o apanágio dos males sociais. Para civilizar-se, para urbanizar, para sanear-se, para ser moderno era preciso, antes de tudo, educar-se. Era essa a tônica do final do século XIX. Voltemos à apropriação do conceito, segundo nos diz Passiani:

O conjunto de normas e regras, um determinado nomos, incorporado pelos indivíduos e que orienta a conduta dos agentes sociais independente do tempo, época, poderes externos, sejam eles políticos ou econômicos, Bourdieu os chama de Habitus .(PASSIANI, 2003, p.36)

O fato de certos indivíduos apreenderem e aprenderem as práticas culturais, as imagens, as idéias, as falas, os discursos e as visões de mundo, em um tempo, ou época

---

também fez o uso do conceito em seus estudos de Antropologia. Cf. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

qualquer, do ‘processo histórico’, funcionando como agentes histórico-sociais, teriam seu princípio básico em instâncias socializadoras com as quais tiveram contato. De forma sistemática e difusa, estas instâncias produziram neste ser individual a capacidade de transmitir, ao ser social, em curta medida, investidas conscientes e inconscientes, ou, de modo mais preciso, produziria nos indivíduos sistemas de esquemas inconscientes, profundamente internalizados.

Constituiriam, assim, sua cultura, sua identidade, sua matriz cultural, ou melhor, o seu ‘habitus’. Desta forma, estabelece-se no indivíduo a necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre comportamentos dos agentes sociais, das estruturas objetivas e subjetivas, dos condicionamentos sociais. O habitus é uma adaptação, não é sinônimo de memória, nem de conhecimento sedimentado, mas nos parece “um ajustamento sem cessar e interrupto ao mundo, ou do mundo para o mundo, capacitando os indivíduos, os sujeitos e também agentes sociais de darem coerência às suas ações”(PASSIANI, 2003, p.37), aplicando-lhes a criatividade diante de problemas, dando-lhe plasticidade de perceber as realidades existentes, e sendo trabalhado pelas mesmas. Ajustar-se, ser construído e ter a possibilidade de construir.

Possibilita, como instrumento, desenhar, interpretar, construir, ser construído, entender e se fazer entendido. Como parte de uma teoria, permite dar uma outra possibilidade de leitura às velhas discussões filosóficas sobre quem determina a consciência dos homens. O instrumento conceptual, habitus, “amadureceu, entre as duas visões de mundo antagônicas e contraditórias”<sup>79</sup> Nas palavras de Pinto:

O habitus é um princípio mediador, um princípio de correspondência entre Práticas individuais e as condições sociais de existência... o que permite também diferenciar e ser um instrumento conceptual, que permite examinar a coerência das característica mais diversas de indivíduos dispostos ás mesmas condições de existências.( PINTO, 2000, p. 42) .

Por todas estas narrativas e leituras é que o conceito de habitus possibilita a opção de conciliar a “oposição aparente entre a realidade exterior e as realidades

individuais”<sup>80</sup>, permite, ainda, conciliar trocas constantes entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades adquiridas pelos indivíduos nas experiências, “nas práticas culturais, nas condições sociais de existências que produzem a invenção do cotidiano”<sup>81</sup> Assim, o habitus é estrutura “estruturadas e estruturantes”<sup>82</sup>, no social e nas mentes.

A objetividade subjetivada e a subjetividade objetivada exteriorizada. Dessa subjetividade, o ser individual - que é também social - fica evidenciado, denunciando a matriz cultural do indivíduo, o seu lugar social, sua posição, seus privilégios, sua classe social. .

Aliás, o que nos chama atenção é exatamente isso: como um grupo tão heterogêneo, como eram os padeiros, em que não havia uma uniformidade de estilos<sup>83</sup>, interessavam-se tanto por educação, numa época tão próxima da Proclamação da República? Do grupo, Padaria Espiritual, composto por 34 integrantes (1892-1898), tudo leva a crer que 13 foram professores e/ou tiveram envolvimento com a escola, secretários e dois diretores: **José Carlos Junior** ( Bruno Jaci ) e **Waldemiro Cavalcante** ( Ivan D’ azhoff ), ocupavam o cargo mais alto em escolas renomadas no século XIX. Respectivamente eram diretores do **Liceu do Ceará e da Escola Normal**. Enquanto escreviam ou discutiam entre si as experiências e as práticas discursivas da cultura no tempo em que viviam, poderiam, tais intelectuais (quer padeiros, quer cientistas, quer literatos, quer romancistas, quer naturalistas, simbolistas, homens de letras) enunciá-las de um “**lugar**”<sup>84</sup> que falasse somente do ser individual que cada um era? Ou será que o

---

<sup>79</sup> ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. Sociologia IN: Col. Grandes Cientistas Sociais. 2ªed. São Paulo: Ática 1994, p.63

<sup>80</sup> Id. Ibidem. p.47

<sup>81</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. 4ª ED. Petrópolis: Vozes, 1999, p.127

<sup>82</sup> ORTIZ, Renato. Op.cit., p.46-47.

<sup>83</sup> Azevedo; op.cit., P.50-84. Sânzio de Azevedo concorda com a idéia da não homogeneidade de estilos e em sua tese expressa que o Simbolismo chegou ao Brasil em primeira mão pelas terras alencarinhas no movimento conhecido por Padaria Espiritual.

<sup>84</sup> CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In : *A Escrita da História* . Trad, Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p.66. É essa a noção de lugar social que nos referimos, pois quem fala, fala de um lugar, dentro de um campo de conhecimento marcado por práticas discursivas. O que, para nós, há uma ligação direta com a questão de quem produz saber e de quem é consumidor de saber. Para quem escreve e por quem é lido? Quem produz sentidos e ressemantiza. Os discursos não se desvinculam de uma prática. O lugar de pertencimento que determina, mesmo sem falar, a noção de classe, a posição que se ocupa no social. São tantas questões que isso remete, como por exemplo: a de que a experiência social não é homogeneizada e é percebida de formas e maneiras distintas, pois há formas distintas

Padeiro, enquanto ser individual pensante, não falava por ser um ser social? Os Padeiros, dentro de sua posição no campo, falando de seu lugar social, assumiram e internalizaram os ‘processos sociais’, as ‘experiências’ e as ‘práticas do cotidiano’, em sua temporalidade.

A categoria Padeiro-Educador é uma criação conceitual nossa, a partir de uma existência histórica e factual de um grupo chamado Padaria Espiritual. Enquanto literatos e educadores, os Padeiros-Educadores estabeleciam trocas simbólicas, negociavam capitais lingüísticos, literários, científicos com o povo incauto, em sua maioria analfabetos, numa época em que os “índices de analfabetismo no Brasil e no Ceará eram altíssimos.”<sup>85</sup> Relacionavam-se, também, com outros grupos letrados tanto do Ceará provincial quanto da dinâmica nacional. Estabeleciam correspondências literárias

Exerciam, os Padeiros-Educadores, as práticas docentes, compatíveis com o ofício de intelectuais e escritores, devido à impossibilidade de viver-se da pena, já que era pequeno o número de leitores, ficando, desta forma, limitada à tiragem. Também se tornavam reféns dos próprios meios de produção editorial e da confecção dos livros e de seus escritos. Utilizavam o jornal como um meio de pedagogização literária, discutindo, apresentando idéias científicas em seu tempo, realizando críticas literárias, propondo leituras, indicando livros a serem usados, orientando o olhar do leitor. Questionavam, através de metáforas, a instrução pública no Ceará, ao final do século XIX.

Personificavam, os Padeiros, a idéia de **Intelectuais totais**<sup>86</sup> ou **Escritores-Cidadãos**<sup>87</sup> (pensadores, escritores, quer naturalista, quer realistas ou naturalista-realista, simbolistas, metafísicos, artistas, farmacêuticos, homens doutos e versados em vários estilos de literatura e no domínio de línguas eruditas, romancistas, nefelibatas,

---

de Apropriação, que permitem ao individual, enquanto ser social, perceber o ‘mundo cultural’ e CERTEAU cria uma ‘teoria das práticas cotidianas’ para nos orientar o olhar para esse cotidiano que é plural, numa outra obra, *A Invenção do cotidiano*.

<sup>85</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p.110. Relata o autor que o Número de analfabetos no Brasil, em 1890, segundo a estatística oficial, era, em uma população de 14.333.915 habitantes, de 12.213.35., Isto é, sabiam ler apenas 14 ou 15 em 100 habitantes do Brasil. “Difícil será, entre os países presumidos de civilizados, encontrar tão alta proporção de iletrados. Assentado esse fato, verifica-se logo que à literatura aqui falta a condição de cultura geral, ainda rudimentar, e igualmente o leitor e o consumidor dos seus produtos” Id. *Ibidem*.

<sup>86</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: a gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. p.238. O AUTOR, nesse texto, faz um recorte nessa categoria ao falar de LACAN, e que ficou mais claro o seu posicionamento, acredito, ao confrontá-lo na leitura de Sevcenko.

<sup>87</sup> SEVCENKO. Nicolau. Op.cit., p 96.

decadentistas, remanescentes do último romantismo, poetas, homens de letras, mosqueteiro da literatura cearense, paladinos das terras alencarinhas).

Passeavam, os Padeiros, por uma infinidade de doxas, de campos e que, em tese, mobilizavam uma variação de capitais simbólicos em suas expressões, apropriando-se de conceitos, modificando-os e criando outros, em uma época em que construía o imaginário político republicano. Nessa época, o Positivismo, o Evolucionismo, em suas variações sociais ou não (Darwin e Spencer), e o Criticismo-Kantiano, apesar de ser um ‘truísmo,’ construía valores.

Articulavam a criação de um imaginário coletivo que dava funcionalidade às instituições, ao político, aos sentimentos, ligando uma geração à outra, construindo de forma basilar, à época, a identidade do Brasil republicano. É claro que isso é um ‘truísmo’, porém, era o contexto sócio-histórico e político do final do século XIX. Versando sobre o “**imaginário**”<sup>88</sup>, Cornelius nos permitiu entender a formação dos sentimentos no tempo e sua articulação com o social.

É através dessa construção do imaginário que se pode atingir não só a mente, mas, de modo especial, o coração, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele, no imaginário, que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, os valores, organizam o passado, construindo o presente. No final do século XIX, **o entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico** estavam presentes na construção do imaginário republicano NAGLE (2001).

Nos últimos decênios do século XIX, há uma busca frenética para encontrar respostas ao nosso projeto de identidade nacional. Uma busca do que queremos ser e do que desejamos possuir, como também do que nos falta e do que nos complementa. É nesse momento que a educação aparece como um elemento catalisador e restaurador da sociedade, possibilitando uma “redenção” do social. No Brasil, como um todo, havia, de certa forma, esse sentimento de socializar o ensino, ocasionado por “uma crescente

---

<sup>88</sup> Segundo Castoriadis .Op.cit.,p.175. “Este elemento, é o que dá à funcionalidade de cada sistema institucional, na orientação específica, que sobredetermina a escolha de conexões das redes simbólicas, a criação de cada época histórica, sua singularidade, maneira de viver, de ver e fazer sua própria existência, seu mundo e suas relações ele, esse estruturante imaginário (...) este elemento nada mais é do que o imaginário da sociedade ou da época, considerada.” Id.Ibidem.

aristocratização da educação iniciado desde a colonização do Brasil e acentuado mais ainda com as reformas pombalinas”( Tobias,1978,p.107.)

No Ceará no final do século XIX, existia o embate filosófico literário entre setores tradicionais e progressistas (os intelectuais que defendiam as idéias Comtianas, Darwinistas, Spencerianas, Evolucionistas, Rousseunistas, Pestalozzianas, Criticísmo-Kantiano, influenciados pela tônica de tornar o mundo científico e mais secularizado, construíam os imaginários dos homens). Os Padeiros-Educadores percebiam que ensinar uma geração, socializando uma criança e inserindo-as no universo de significados, nas redes simbólicas, era extremamente importante para a construção da “Nova República,” ou melhor ... “República Velha”, na versão dos historiadores de hoje. Em sua temporalidade, ela, a República, acabara de nascer.

Os Padeiros-Educadores utilizavam todos os meios possíveis a sua época, como jornais, revistas e livros, construindo história e sendo agentes históricos na ‘Fortaleza Belle-Époque,’ para tentar orientar o olhar em seu tempo. Por isso, desde já, temos o interesse de estabelecer a ponte entre esses Campos - Literário e Educacional - afirmando que os movimentos intelectuais, a efervescência literária, as influências das idéias científicas, o aformoseamento da cidade, os embates políticos, as críticas literárias, o romantismo e sua metamorfose estética, o naturalismo-realismo, estabelecem pontes entre si, zonas de intercambiamento, de trocas simbólicas, não só com a literatura, mas também com a educação. Segundo Bourdieu:

Para a compreensão do gênese social de um campo é preciso levar em consideração duas dimensões. Deve-se apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele geram. E também compreender a história do movimento do campo... isto é, o processo de depuração em que o campo se orienta para aquilo que o distingue e o define de modo exclusivo.(  
BOURDIEU, 1998, p. 68)



Para BOURDIEU (1992), os campos estabelecem pontes entre si. São intercambiáveis como em um grande mercado, só que de produtos culturais. Os bens de consumo são bens simbólicos. Os campos são inteiramente construtores de pontes de ligações, trocando capitais lingüísticos, sociais, históricos, científicos, políticos, jornalísticos, intelectuais, burocráticos...e “há entre eles uma disponibilidade de capitais lingüísticos.”<sup>89</sup> Em um outro livro chamado *O poder simbólico* o autor, Bourdieu, vai-nos relatar que o Campo “é o espaço de relações objetivas.”<sup>90</sup> Em todo Campo ocorrem lutas, disputas, nele está em jogo o poder sobre o uso particular de uma teoria, conceito, sinais, visões e sentidos do mundo natural e social. “São lutas pelos princípios de divisão do capital social adquirido,”<sup>91</sup> as ações, o poder simbólico.

Os Campos são relativamente autônomos e hierárquicos, seus “agentes envolvidos, estabelecem interações”<sup>92</sup> sejam eles autores, leitores, escritores, romancistas, naturalistas, cientistas, padeiros, homens de letras... Há, no Campo, sempre um investimento de ganho nas trocas simbólicas ocorridas, porÉM as trocas e as pontes simbólicas ocorrem de forma desigual e são ordenadamente distribuídas.

No Campo, o conhecimento e o saber são produzidos, ou melhor, construídos. É também no campo que ocorrem as manifestações das relações de poder e do seu jogo. É através do campo que percebemos o que é admitido, o que é censurado, o que deve ser esquecido, o que deve ser lembrado, o que é de interesse comum. Quem produz conhecimento, quem é consumidor, escritor, literato consagrado, boêmio, naturalista, homem de letras, Padeiro...

No campo afirma-se o desprezo, os gostos, os locais legítimos de saber. O que faz com que um jornal seja ‘digno de leitura por seu comprometimento com a verdade’ e outro considerado indigno de ser lido. Mesmo que esse seja o jogo, ocorria também, da mesma maneira no século XIX, com o *Pão* da Padaria Espiritual. Só mudavam o cenário, as idéias e os agentes histórico-sociais.

---

<sup>89</sup> BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo. 1996 p.57. os Campos, para Bourdieu, são hierarquizados e entre eles há interseções.

<sup>90</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Gênese dos conceitos de Campo e Habitus*. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 p.64

<sup>91</sup> Id. Ibidem. p.72

<sup>92</sup> Ibidem.

Nesse lugar chamado de Campo “sedimenta o consenso, pois o mundo social é o espaço do conflito, disputa de concorrência entre grupos com interesses distintos”<sup>93</sup>. É no Campo, também, que se diz se o jornal *o Pão* falava de educação ou eram só pilherias, ironias. Todo Campo, enquanto “produto histórico gera interesse que é a condição primordial de sua existência e funcionamento.”<sup>94</sup> O campo é o ‘Lócus’, o espaço do consenso. É nele que ocorrem os “processos de legitimação dos bens simbólicos e também é nele que se estabelece um sistema de filtragem que determine aqueles que devem ou não ascender na hierarquia cultural.”<sup>95</sup>

Era necessário perceber a literatura como práticas de leituras e como o universo total dessas descrições, tais como: jornais, livros, revistas, pasquins, adquirindo um outro olhar.

A sensibilidade de historiador começou a ser despertada ao perceber que a transcrição não é só trabalho de historiador, é preciso ir além, é “importante ouvir os silêncios”<sup>95</sup>, pois as palavras são carregadas de sentidos, de materialidade, não só de quem fala, mas também para quem as escuta. Assim, como sabemos que quem lê também aprende a ressemantizar e a dar outros ‘sentidos’ ao texto falado e escrito, começa, então, um outro processo de orientação do nosso olhar à literatura (não só a romanceada, ficcional, mas todo universo de leituras simbólicas existentes no século XIX, inclusive Jornais, revista, pasquins...), pois só “a literatura é capaz de dar conta com suas palavras e sua linguagem, ao verdadeiro estatuto ao sofrimento.”<sup>96</sup> Para se perceber a dimensão da literatura no século XIX é preciso captar os silêncios, as dores, as metáforas, as lacunas, os sentimentos enquanto experiências diluídas no social e libertar-se da prisão de perceber a

---

<sup>93</sup> BOURDIEU, Pierre. *O mercado dos bens simbólicos*. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. 3 Ed. São Paulo : Perspectiva, 1992.p.168-169.O Campo seria um espaço de relações entre os grupos com distintos posicionamentos sociais. O social permite uma variabilidade enorme destes campos à medida em que também lhes aplica uma censura e manifesta o jogo de poder. Há, no campo, um ajustamento dos indivíduos e uma relação direta entre o habitus, o lugar social que o indivíduo ocupa, e o campo. Desse ajustamento é que se forma o habitus e que nos permite fazer perguntas básicas como: quem constrói o indivíduo? Quem forma a sua cultura? Quem é escritor? Quem é leitor? Quem pode falar no interior do Campo ? No campo, as doxas, saberes, conhecimentos são propriamente ditos como ortodoxia, heterodoxia. Os Campos dominante e dominado.

<sup>94</sup> BOURDIEU, Pierre. *Coisa ditas*; São Paulo ; Brasiliense. 1990. P.126-127.

<sup>95</sup> ORTIZ, Renato.Op.cit.,p.23

<sup>96</sup> FARGE, Arlette. *Sufrimento*. In Lugares para a História. Trad: Telma Costa, Lisboa, Editorial Teorema.1999, p.17-18. Essa dor encontra-se diluída no social, o historiador precisa ter o olhar trabalhado para perceber estes silêncios e pensar ou tentar articular com a possibilidade de encontrar respostas em outros textos.

literatura por uma outra possibilidade apresentada no mesmo século, vinculada a um ‘paradigma’ do século XIX, o positivista. Esse ‘paradigma’ estabeleceria a visão do ‘reflexo’, da ‘imitação das ações humanas’, a literatura romanceada é, ao término do século XIX, uma ficção.

Só a ciência, no século XIX, é detentora e guardiã da verdade. Trabalhar a literatura (romanceada e ficcional) e a história é bem mais que estabelecer diferenças: é também perceber as aproximações e os distanciamentos, os pontos de continuidade e ruptura, entender que ela, a literatura, é também uma arte.

Gostaríamos de evitar o paradigma de perceber a literatura romanceada por meio de uma ideologia, a ideologia do ‘*Reflexo*’, falseamento do social. Afirmava a ciência ser a única forma de conhecimento capaz de perceber a realidade, o social, no final do século XIX. Contudo, entendemos a literatura romanceada como uma possibilidade de fonte, se entrecruzada com o documental, com o empírico. Uma outra possibilidade é ver que os literatos, os escritores, os Padeiros movimentavam capitais simbólicos e intercambiavam os campos, as doxas. É necessário compreender e apreender o conceito de “Dominante, Residual e Emergente”<sup>97</sup> para perceber a literatura romanceada sendo colocada em ‘um outro lugar’ pela crítica literária do século XIX. Com essas ferramentas existem possibilidades de estabelecer múltiplos saltos na pesquisa.

A literatura (não só a romanceada, ficcional, mas todo universo de leituras simbólicas existentes no século XIX, inclusive Jornais, revista, pasquins...) no século XIX, no período em que construíamos nossa identidade, no período de construção do imaginário republicano, dentro da tônica da formação do estado-nação, oferece uma clareza do cotidiano, das práticas, das experiências, das representações. Não só as literaturas que constituíam o social, mas também as que já se encontravam diluídas. A noção de literatura, de ficção e/ou romanceada, as produções do campo literário, desde o romantismo até o final do século XIX, com o naturalismo-literário, era metamorfose estética na história do pensamento social no Brasil. A literatura (romanceada, ficcional, mas todo universo de leituras simbólicas existentes no século XIX, inclusive Jornais, revista, pasquins...) é uma possibilidade de fonte básica para compreender, interpretar e perceber essas sensibilidades

---

<sup>96</sup> Id. Ibidem. P. 25

<sup>97</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p.124-130

que permeiam o social. Para Williams, elas são “**Estruturas de Sentimentos**”.<sup>98</sup> A possibilidade de se perceber as literaturas como guardiãs dessas ‘verdades,’ dos sentimentos, das experiências que se encontram na dimensão cotidiana, praticada e experimentada em qualquer sociedade é interessantíssima ao historiador. Pois, ao dialogarmos com as fontes documentais (documentos ainda não utilizados ou já manuseados), muitas vezes o sofrimento, a dor, as experiências são negadas para um olhar que se encontra distante no tempo. O documento não se revela a esse olhar, é necessário dialogarmos com o documento.

O historiador deve estar atento para esse elemento dissonante, para aquilo que é diferencial. As metáforas são as mães das figuras de linguagens.

Desta forma, ficaram abertas as portas que nos permitem compreender aquilo que chamamos de ‘verdade’ e ‘ficcionalidade’, a estória do discurso, que é fundamentado na verdade dos fatos, e o discurso da literatura (imaginativa e de ficção), as formas de ‘ações humanas ocorridas’ e as que se diferenciavam pelas formas de ‘imitação de ações humanas’, “precisamente criadas para distinguir “Literatura e História.”<sup>99</sup> Assim, com esse olhar voltado para o dissonante, referente ao que pode parecer-nos um “estranhamento”<sup>100</sup>, procuramos perceber semelhanças para se compreender e captar as diferenças.

Doravante, pretendemos, em futuras pesquisas, seguir entrecruzando literatura com outras fontes documentais, para compreender o significado histórico e educacional da contribuição desses agentes sócio-históricos, os Padeiros-Educadores (o grupo somente que teve envolvimento com a educação, tentando orientar o olhar do social em seu tempo) e também de outros agentes que estabeleceram pontes entre os campos literário e educacional

---

<sup>98</sup> Id. *Ibidem*. P.134 ...uma definição alternativa seriam as estruturas de experiências: num certo sentido, a melhor palavra, a mais ampla mas...elementos característicos de impulso, contenção e tom; elementos especificamente afetivos da consciência e das relações e não de sentimentos em contraposição ao pensamento, mas de pensamento tal como sentido e de sentimento tal como pensado: a consciência prática de um tipo presente, numa continuidade viva e inter-relacionada”

<sup>99</sup> MINGNOLO, Walter. *Lógicas das Diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou Antropologia, e vice-versa*. In CHIAPPINI, LIGIA e AGUIAR, Flávio W. *Literatura e História na América latina*. SÃO PAULO, EDUSP,1993 p. 122

<sup>100</sup> GINZBURG, Carlo. *Estranhamento*. In : Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p.15-40.

São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.15. O estranhamento não é um dado somente a ser percebido, mas está nas experiências sociais e ao perceber o não óbvio, o que é dissonante, o historiador passa a dar uma marca de historicidade na medida que percebe uma analogia entre os semelhantes e compreende aquilo que é

e que intercambiavam capitais simbólicos, deixando rastros de sua prática docente, como tantos outros intelectuais no final do século XIX. Os escritores no século XIX não conseguiam viver somente da pena, do ofício de escritor, porém exerciam outras atividades principais, como a docência, para produzir suas existências materiais.

Em alguns momentos também observamos os estilos literários (sem cair no mérito da análise das escolas), mas tendo a compreensão de que até a “crítica literária tem também uma dimensão histórica, quando se utiliza de comentários, ou quando organiza os estilos literários e os autores que se enquadram em determinadas escolas”.<sup>101</sup> Para quem não domina um saber, olhar de perto como em um microscópio pode ser aterrorizante. É sempre bom estabelecer aproximações e distanciamentos, mesmo porque os campos são rigorosos, estabelecem censuras constantes, em um ‘expedicionário principiante.’ Isso é uma forma de hierarquização do campo. Uma forma de censura, ‘o jogo de poder e a troca de capitais.’ Os padeiros também perceberam esse controle sobre as práticas e as representações das práticas, em seu tempo, e não se submeteram ao disciplinamento urbano, ao afrancesamento da cidade, ao estilo parisiense, aos problemas com a educação, às questões políticas.

Seus artigos, no Pão, são bons exemplos de verdadeiras pilhérias. A ironia é uma arma do intelectual e o historiador deve estar atento quando rastrear jornais, revista, livros principalmente quando tem a pretensão de compreender fragmentos do passado e de evocá-los.

Gostaríamos de encerrar este tópico da dissertação de mestrado dizendo: há diferenças entre o discurso da história e o discurso da literatura (imaginativa e ficção). Ambos são herdeiros da ‘narrativa’, só que se servem de metodologias de investigação diferentes. É possível sim perceber as literaturas como possibilidades de fontes, quando entrecruzada com outras fontes. Porém, as literaturas preservam a riqueza de detalhes, as emoções que estão diluídas no cotidiano e que são constitutivas do social (não apenas como reflexo) a maneira pela qual a ciência encontrou em seus discursos no século XIX.

---

diferente quando pesquisa sobre um determinado assunto que, no caso em questão, seriam os Padeiros-Educadores.

<sup>101</sup> testemunho de Ivone cordeiro , ao comentar em seminário de Gertrude himmelfarb, *La Idea de la pobreza*, no dia 09/12/2004.

Nem sempre é possível perceber, em um documento, quando se dialoga com uma fonte, os silêncios e as lacunas do texto. Às vezes, o documento fala mais daquele que fez. O escrito, o ‘texto’, é mais freqüentemente monumento do que documento, Le GOFF(1996). Este é um discurso que a ciência estabeleceu sobre as literaturas no século XIX. É um discurso ‘trapaceiro’, formador de opinião e dominante em afirmar que a ciência é a única capaz de descrever o social. Se isto fosse verdade, onde ficaria as artes, o cinema, as músicas, as fotografias e tantas outras formas de expressões existentes? Um outro salto em uma pesquisa, para quem quer trabalhar com literaturas, é perceber que os campos são intercambiáveis, estabelecem pontes entre-si e comercializam capitais simbólicos, trocam bens simbólicos como em um grande mercado. Os Padeiros, principalmente, Os Padeiros-Educadores, perceberam esta dimensão e passearam por doxas, por campos literários, educacionais, científicos...

Assim, fundamentamos a categoria exatamente neste marco, neste referencial, na zona de intercambiamento entre História e Literatura e suas representações e práticas, dos agentes histórico-sociais, definido-os, rastreando-os em suas práticas docentes e em suas representações em jornais, revistas e livros, instâncias socializadoras da objetivação da subjetividade e da exterioridade subjetivada, que revelam as matrizes culturais e denunciam o hábitus.

Quem fala, fala de algum lugar. A operação historiográfica e a pesquisa ajudaram-nos a pensar, a ressematizar, a dar outro sentido a uma prática antiga nossa: ler romances de literatura do século XIX. Assim, em uma organização lógica e sistematizada, elaboramos um encontro entre História e Literatura, e lançamos a possibilidade de orientar uma pesquisa em educação, fundamentando a categoria Padeiro-Educador, passível de ser apreendida em sua temporalidade. No dizer de Cordeiro, a literatura:

tem um papel fundamental na criação de sentimentos e intenções, criando elos de mediação entre o que é vivido, o que é sentido, e o que é pensado. Apesar de sua dimensão material desperta sensibilidades estéticas, sentimentos de amor, prazer, angústia etc...construindo, uma subjetividade que se mobiliza na produção de imagens que se incorporam socialmente como práticas e representações, constituindo-se, assim numa dimensão necessária

da experiência social passível de ser apreendida na sua temporalidade<sup>102</sup>.

### **3.5 Artigos do jornal o pão que alimentavam o espírito e falavam de educação.**

Há , pois, a cada momento, um tipo regulador de educação, da qual não nos podemos separar sem vivas resistências, e que restringem as veleidades dos dissidentes.( Émile Durkheim)

Em 1892, no jornal *O Pão*, foi publicado uma nota dizendo que no Ceará havia mais colégios do que alunos.<sup>103</sup> O artigo do jornal, assinado por Sabino Batista (Satyro Alegrete), na íntegra, dizia:

Nosso colega que exerce as funções de olho da providência anda verificando o estado das escolas públicas, das quaes nos occuparemos nestas columnas logo que termine suas observações. Parece que há atualmente nesta capital, mais escolas do que meninos( “O Pão”, 10/07/1892, p.3 )

O jornal era o veículo de propagação das idéias dos padeiros, o seu quadro-negro, nele ecoava as muitas vozes, leituras, o ‘espírito dos Padeiros’, a sua cultura letrada, o seu lugar social. Denunciava o habitus, a posição dos Padeiros-Educadores no campo, sua classe, sua prática docente. O jornal era, ao seu tempo, uma representação, a substituição, o veículo socializador de suas idéias e que deixava claro os rastros de suas práticas letradas e experiências docentes. Entre tantas práticas e rastros deixados pela agremiação chamada

---

<sup>102</sup> BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar- incomun : O Sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Ce secretaria de cultura do Estado, 2000, p. 22

<sup>103</sup> O Pão, fortaleza, 30 out.1892. Ao fazer uma leitura mais minuciosa do jornal buscando indícios e rastros de outros comentários, encontramos uma série de artigos com estilos de escrita diferentes e utilizando figuras de linguagens diversas, que nos prenderam o olhar. Mas como tratá-las ? Objetivando, é claro, uma busca de significados e sentidos que dessem condições de dialogarmos com tais fontes, encontradas nesse jornal. Faziam tais coisas porque possuíam uma prática docente enquanto Padeiros, eram também educadores, literatos, jornalistas...

Padaria Espiritual, está a prática docente, metamorfoseada por aqueles que eram educadores, em suas metáforas, ironias e pilhéria, veleidades à educação no final do século XIX.

Em artigo, Sabino Batista conclama os operários, “ Aulas noturnas no partido operário no salão de sessões do mesmo partido”( “O Pão”, 6/11/1892, p.7). Tibúrcio Freita (Lúcio Jaguar), parece ter lido a normalista em primeira mão, antes mesmo de Rodolfo Teófilo. Rodolfo Teófilo era o celebre crítico de Adolfo Caminha. e ascende uma polêmica severa, ao autor, em uma crítica literária ao livro *A normalista*.

Rodolfo Teófilo somente entraria para a padaria espiritual em sua segunda fase. A crítica literária atribuiu a data de 1892 como o período da primeira tiragem do romance naturalista-realista de Adolfo Caminha. Relata Tibúrcio Freitas sobre o livro *A Normalista*: “Elle já tem bastante convicção social aprendida nos homens e nos livros, para fazer uma crítica conscienciosa da parte de nossa sociedade, que elle se propõe analisar”( “O pão 30/10/1892, p.5). Este é um artigo que contesta a crítica e deixa a entender que os relatos de Caminha eram baseados no verossímil. Posteriormente, a crítica literária o classificaria naturalista-realista. Em artigo, um outro padeiro-educador, secretário do Liceu, no ano de 1895, faz uma ironia tremenda às pedagogias tradicionais católicas Jesuíticas, baseadas na educação clássica e humanística, de acordo com TOBIAS(1978). O Padeiro-Educador Arthur Teófilo relata como era feito o exame de madureza, o exame de final de ano, na escola do Liceu do Ceará. Era o tempo do relato, o final do século XIX. Segundo Teófilo:

Existia uma comissão. O presidente da Comissão era o Pe. Lima e era composta por um professor de cada matéria.... O exame começa com o curso superior-Calligraphia e Redação.... Prova oral ( Leitura e Recitação), “Decassílabos mofados”...”Anatomia”... Cada aluno recitou um discurso cheios todos de metaphoras audazes, de uma velha rhetorica sensaborona e gasta”...ao término do exame o Profº Medeiros diz : “a esperança da pátria está arruinada”  
( “O Pão” 15/02/1895)

José C. R. Júnior era um Padeiro-Educador e Diretor do Liceu. Depois do ano de 1895, esse padeiro foi lembrado por Antônio Sales quando José C. R. Júnior “viria a



falecer”<sup>104</sup>. Assim, o bacharel, doutor, educador, Padeiro, literato, escritor, diretor é um dos exemplos, um ser individual e social, neste grupo que movimentava uma série de doxas, estabelecendo pontes entre os campos, exercendo o ofício de literato com a prática docente.

José Carlos Ribeiro Júnior, que tinha o pseudônimo de Bruno Jacy, comenta, em um artigo, os erros de português e gramática de um livro adotado na Escola do Liceu, utilizando o espaço do jornal como uma instância socializadora de idéias, pedagogizando o jornal e as práticas de leituras, recomendando livro e orientando o leitor a desprezar a leitura, a adotar outros livros.. Ribeiro Junio nos diz:

Uma das cousas mais difficeis a um professor de portuguez é inculcir no espirito do alumno uma noção perfeita quase imperceptível em portuguez da quantidade das syllabas, que (é) quase imperceptível em portuguez. Difficilmente se pode distinguir da acentuação... figuras de prosódia, com apherese, syncope, tmese, paragoge, diástole, diérese.etc... de metaplasmas... Esse livresco aque me refere, em pequena brochura: phonologia portuguesa por Luiz Cardoso, precedido dos traços biographicos do Dr. Antônio da silva Jardim, pelo professor Fernando Martins Borrilha Junio, está longe de explanar a differença e defini com precisão. antes concorre para manter e argumentar confusões,... ( “O Pão” 15/11/1895, p.4-5)

Há vários artigos de crítica literária de José Carlos Ribeiro Júnior que gostaríamos de enfatizar, no entanto, para os objetivos do nosso trabalho, fomos levados a omitir algumas fontes. Depois de tratar das fontes, percebemos a inserção da Padaria Espiritual sobre uma dinâmica nacional muito maior: A República das Letras. O artigo fazia parte dos ideais pedagógicos dos Padeiros sobre os quais falaremos mais adiante, em outra seção do capítulo. Gostaríamos de ressaltar outros artigos que contemplam a

---

<sup>104</sup> Dele nos fala Antônio salles : “cursou a faculdade de direito no recife em 1882... Aqui exerceu elle diversos cargos, enveredando pela magistratura, que abandonaria logo para entregar-se com fervor ao ensino público e particular...lecionado diariamente diversas materias em estabelecimentos públicos e particulares, ainda sabia fazer o seu tempo render bastante para ler, para ler muito e produzir verdadeiros primores literários, que sempre publicava” (“O Pão” 15/08/1896)

educação para infância e contemplam uma ‘evolução’, termo utilizado pelo autor para descrever a intervenção do processo evolutivo. Neste artigo estão contidas as influências que o autor sofria das idéias científicas do Darwin e Spencer. O ano era 1895, o título do artigo já era por si sugestivo: *A infância de outrora e hoje*, editado em três exemplares do jornal. Há uma série de citações de livros feitas pelo autor e indicadas para uso na escola pública e na leitura dos docentes.<sup>105</sup> Assim, fala-nos Ribeiro Júnior:

Data igualmente da primeira metade deste século a criação de uma literatura exclusivamente infantil que já vai contando as obras por muitas centenas, em cada uma das grandes nações européas e que ocupa uma plêiade numerosa de escriptores e escriptoras de grande merecimento. Andersen incomparáveis contos para infância, ...Grimm, o cônego Shimid, deram o primeiro impulso a este novo ramo de literatura...Victor Hugo, o cantor da infância. Hoje em dia pode-se dizer que a creança reina nas preocupações dos Moralistas e hygienistas, na literatura do lar... Afirma que na pérsia e no egypto, os filhos dos guerreiros mortos em batalha gozavam de um esbouço grosseiro de proteção às creanças abandonadas, assistências publica aos infantis não existia nos povos antigos. (“O Pão” 15/04/1895,p.4 )

O artigo é uma crítica àqueles que queriam civilizar-se, educar-se, sanear-se sem educar as crianças, sem educar-se. O progresso deveria ser visto em um caleidoscópio, em que a principal imagem era as ‘cousas do espírito.’ Ser civilizado era preocupar-se com a educação e reduzir os altos índices de analfabetismo existentes na época.

Antônio Salles, por esse tempo, era Padeiro, deputado estadual desde 1893 a 1896 no governo do Gal. Bezerril e diretor da secretaria da assembléia. Ocupava o cargo

---

<sup>105</sup> Entre os livros citados pelo autor do artigo *A infância de outrora e hoje*, orientando o olhar do leitor, José Carlos R. Júnior fala da infância e das relações da mesma na vida social, dos escrúpulos trazidos aos estudos daquele que se dedicasse, das experiências pedagógicas que podiam minorar a esses pequeninos seres os esforços e as fadigas do estudo. Os livros são, segundo a descrição do autor: “Valery-rodot; sentiments de famille, na Ravae Politique et litteraire, para aqueles que quere saber quem era outrora a creança... The nort American Review, 1894 outubro, para aqueles que desejam saber os perigos da infância contante fato da seleção natural... H. Spencer : Principles of sociology. 3p. cap XI, Natural History of man tomo II, R.gubain ; Les lois civiles de Rome., e F. de Coulanges para saber que as creanças herdaram as cousas do espirito dos paes” (“o Pão” 15/05/1895,p.4 )

principal na Secretaria dos Negócios do Estado do Interior no ano 1893<sup>106</sup>. Em muitos ofícios, há aquisição de materiais para instrução pública. No Jornal o *Pão* era Antônio Salles um dos que mais realizava críticas literárias a uma infinidade de livros.<sup>107</sup> Os Padeiros não viviam da pena. O fato de escreverem no jornal polêmicas da ‘história imediata’ (jornalismo), encontrada no jornal *O Pão* - jornalismo político, artigos científicos, críticas literárias, cousas do espírito, artigos sobre a instrução pública, os rituais da escola - poderia produzir alguma renda, mas não a consagração a ponto de abandonar e até mesmo de deixar de ter outros ofícios. Após o tratamento das fontes, dialogando com as mesmas, percebemos que se tratavam de práticas docentes e que esses Padeiros pedagogizavam a literatura como uma grande arma dos intelectuais, em todos os tempos: a sátira, a ironia e as metáforas. Era uma pedagogia com Humor. Há um artigo, ou melhor, uma crônica escrita por Salles à Instrução Pública, no período em que era deputado e secretário da assembléia legislativa, em 1895, criticando não só a instrução pública como a um prof<sup>o</sup> José Rodrigues Vieira da capital da República. Assim, comenta Salles:

‘Professor fluminense’ que por aqui andou em excursão pedagógica, sem que ninguém tivesse notado a sua presença e presentido, portanto as suas intenções. Fez suas impressões no “Diário de Pernambuco” foi o que se soube, que o sagaz pedagogo havia visitado as nossas escolas e notado seu lastimável atrazo. “Procedendo inversamente, os professores se teriam posto alerta, e a triste verdade seria cuidadosamente mascarada”...” pois os pais nunca os haviam mandado( creança ) á escola por preferirem pagar mestres particulares”... “As escolas desta capital não os haviam impressionado bem”... Apenas duas dellas estão installadas em bons edificios, faltando-lles, porém, todos os instrumentos e accessorios requeridos pelos novos methodos de ensino e até os utensílios de primeira necessidade”... “Quando as condições hygienicas nem é bom falar. A

---

<sup>106</sup> BÓIA, Wilson. Op.cit., p.31. o ofício de nomeação da secretaria do Estado dos Negócio do Interior é de 21/02/1893 época em que a Padaria já estava inaugurada.

<sup>107</sup> os relacionados a educação são: “A arte de educar os filhos do Dr. Américo Werneck e o livro das noivas de Julia Lopes de Almeida” dedicado a educação feminina. ( “O Pão” 30/09/1896, p.5) e um outro livro Kermesse, Symbolislos ,tratando da metamorfose estética do romantismo(“O Pão”15/08/1896)

maioria das nossas escolas funcionam em pequenas e Asphyxiantes salas sem ar, sem luz, sem aceio, sem livro e desprovidas de cousas estrictamente indispensáveis”... “ Si na capital é assim”, o que não será no interior!... Uma escola longe da capital informa Sales: “ a mesa da professora é um caixão coberto de panno, e os alumnos se sentam em cadeiras que trazem de casa” Adornando as paredes da sala, cujo pavimento é terra socada, vê-se apenas uma fornida palmatória, que ainda não está aposentada como deveria estar juntamente com a fóssil preceptora que a maneja....“A vista disto e do mais que conta, não serei eu quem vá censurar o Sr. Vieira... Neste estado ellas não poderiam impressionar bem à ninguém, máxime a um professor da Capital Federal, onde se presume que o ensino público possua requisitos exigidos pela pedagogia moderna. “Não houve, pois, pessimismo por parte do Sr. Rodrigues Vieira em conversa particular com a redação do Diário Pernambucano. Em todo caso fico esperando que o excursionista publique o resultado das suas investigações. ( “O Pão” 15/11/1895,p.4-5)

Outro artigo interessante é de Waldomiro Cavalcante, cujo título *Da cidade ao sertão* é uma forma de orientar o olhar dos cearenses para vida e para a cultura do povo. Por estas épocas, o autor do artigo era Diretor da Escola Normal (1896-1900), quando então se afastou do cargo para exercer o ofício de deputado, além de assumir outras secretarias no governo Aciolli. Assim, diz-nos Cavalcante:

....a Moacyr, que é deputado, vou lembrar a idéia para ser transformada em projeto lei, na próxima sessão do congresso, de alterar-se o nome desse povoado para Via dolorosa, cujo o atual nome é culuminjaba. É aqui que percebemos a tranqüilidade da vida no campo e sua dureza.( “O Pão” 1/07/1896 ,p.2)

Rodolfo Teófilo era outro Padeiro-Educador que utilizava demasiadamente o espaço do jornal para instruir a população letrada, que orientava o olhar, pedagogizando a literatura, realizando uma pedagogia do humor, com aulas sobre história natural em contos.

Cientista, literato, farmacêutico, Professor da Escola Normal de história natural e do Liceu era professor de mineralogia, latim, Botânica e de uma infinidade de cadeiras. Afastado do colégio em 1903 por causa de uma polêmica com ‘o velho Aciolli’, era um naturalista. O próprio Rodolfo assumia publicamente o naturalismo em uma série de artigos<sup>108</sup> em que executa uma crítica literária duríssima a Adolfo Caminha e ao livro *a Normalista*. Contudo, queremos privilegiar os artigos e aulas em conto no Pão.<sup>109</sup> Assim, neste artigo específico estão as suas impressões sobre o romance de Adolfo Caminha *a Normalista*. Segundo nos fala Teófilo:

Pelo relato fiquei inteirado de que as cenas que o autor descreve eram todas patricias e algumas dellas, soube depois, passados na Escola Normal de Fortaleza onde eu era a esse tempo professor de História Natural.... “Um romance fundido nos moldes do naturalismo moderno, expurgado das obscuridades da carne e erotomania do homem... o naturalista é um historiador de costumes... “Não sei qual é mais atacada pelo Sr. Caminha se o Ensino ou se a moral do estabelecimento”... afirmo que o diretor nesse tempo era o Barcellos... O escritor naturalista deve descrever as personagens Physica e moralmente e o leitor que os Sympatise ou Antypatise: mas o Sr. Caminha não faz assim.. nesse tempo o professor de Geografia era o Dr. Thomaz Pompeu e Dr. Caio Prado diretor da Província.O sr caminha queria lançar descrédito sobre o nosso melhor estabelecimento de Educação... O bom escritor naturalista é o que estuda o meio em que tem de agir os seus personagens com os

---

<sup>108</sup> As aulas de botânica e de história natural de Rodolfo Teófilo nunca foram publicados juntos em uma coletânea. Encontram-se dispersos em uma série de publicação de jornais, mais uma evidência histórica da pedagogização literária que ocorreu nos jornais de época. Aqui, neste trabalho de dissertação de mestrado, foram rastreadas essas práticas docentes do Sr. Teófilo. Várias se encontram n’*O Pão*, e uma imensidade de contos de história natural estão na revista *A Quizena*, veículo socializador de idéias do Clube Literário em 1887. Falarei do naturalismo pedagógico no último capítulo, onde estão as descrições de ‘alguns artigos’. O fato de não os descrever na íntegra é puramente uma escolha diante do recorte efetuado do objeto de pesquisa, a pedido da orientadora a Prof<sup>a</sup> Dra. Andréa Borges Leão, pois, caso contrário, se assim não procedêssemos, não poderíamos desenvolver este trabalho em tempo hábil no curso de mestrado.

<sup>109</sup> Artigos de aulas em contos de Rodolfo Teófilo: A história de uma Larva (“O Pão” 15/07/1895, p.3), A história de um Rapto (“O Pão” 31/08/1896, p.5-6), O Leproso (“O Pão” 15/12/1895, p.3), As Manhas do Sol (“O Pão” 15/02/1895, p.2-3)e (“O Pão” 01/037/1895, p.3), As Sêccas (“O Pão” 15/03/1895, p.3-4),As aventuras do Zé (“O Pão” n° 28 p.5-6),

temperamentos, aptidões qualidades Physicas, Psychicas, mas tudo no terreno da verdade, resistindo á mais severa analyse scientifica...Caminha, Destruiu a reputação da Escola Normal, “ Por este facto avalia-se o grau de degradação a que havia chegado a Escola Normal no livro do Sr. Caminha. ( “O Pão 15/08/1895, p.4)

Os Padeiros-Educadores realizam uma pedagogização da literatura, prática comum no final do século XIX, pois a tiragem de livro aqui no Ceará era impossibilitada pela própria dimensão material e técnica, além da quantidade de leitores. O Ceará possuía um grande índice de analfabetos. Os Padeiros-Educadores e os intelectuais do século XIX escreviam para letrados, alfabetizados e semi-alfabetizados, mas não escreviam para a população analfabeta. Procuravam um lugar de recolocação social. Em todas as províncias, a arte de usar revistas e jornais para pedagogizar o leitor era uma prática comum na época, orientando o olhar, instruindo sobre assuntos literários, políticos, científicos, jornalísticos, culturais e locais. Tais ações, verificadas com as ‘práticas’ do grupo *Padaria Espiritual*, eram compatíveis com as ‘práticas intelectuais’ dos homens de letras, intelectuais engajados que possuíam outros ofícios e que faziam a literatura como Missão. O fato de escreverem em jornais e em revistas, instâncias socializadoras em sua temporalidade, propiciava a movimentação de várias doxas, trocando capitais simbólicos. Demonstravam, os Padeiros, entre muitas coisas, a disputa, o jogo de poder no Ceará do final do século XIX, inserindo-se na dinâmica nacional da República das Letras.

### **3.6 OS IDEAIS PEDAGÓGICOS DOS PADEIROS: Escritores engajados com práticas docentes no Ceará, carentes de leitores do final do século XIX.**

**Há ideais** apreendidos em sua temporalidade, fáceis de compreensão para aqueles que soltam as amarras de seu tempo e viajam em busca do tempo perdido. Projetos são mapeamentos científicos, cartografias para se ver a ‘verdade.’ No século XIX, a ciência está se firmando como a ‘verdade’, secularizando o homem, construindo o seu projeto de homem científico. Padeiros não tinham projetos, pertenciam a esta temporalidade. Padeiros possuíam ideais pedagógicos. ( Amós Bernardino)

O universo total de leituras e obras dos padeiros apontava, em sua temporalidade, o intercâmbio de campos e as trocas de capitais simbólicos adquiridos com outras agremiações. Era uma prática enorme no universo letrado da época. O grande problema dos “escritores era quem editasse as obras a qualquer preço.”<sup>110</sup> O autor afirma que, nesse período do final do século XIX, as agremiações literárias, as revistas, os jornais, Institutos Históricos e Geográficos, trocavam correspondência, edições, obras, estudos, artigos era no dizer do autor “a unidade e federação nas letras”<sup>111</sup>. Porém, havia uma predominância literária absoluta da corte sobre as províncias durante todo período da monarquia, resultado, em parte, da centralização do poder e das facilidades de impressão, distribuição e número de público leitor. No dizer de Brito Broca, sobre essa condição da literatura comenta:

Como tudo se resolvia na corte, era natural que as reputações literárias ali também se fizessem... As faculdades de direito em São Paulo e Recife foram núcleos de intensa vida intelectual, muitos estudantes depois de passarem por lá fundaram periódicos, colaboraram com jornais, revistas, publicavam seus livros... Não será simples coincidência o fato de um dos mais acirrados inimigos dessa supremacia da corte, no plano intelectual, Tobias Barreto, ter-se insurgido, igualmente, contra a centralização política...Outras agremiações literárias surgiam como reflexo no terreno literário do desejo de adquirir autonomia política nos estados, do desejo de descentralização...Surge nos jornais do rio 1891, uma série de conflitos literários entre agremiações do Norte e a do sul... Alguns chegam até a dizer que fora do rio com uma ponta de ironia, às agremiações Estaduais, que não haveria salvação literária possível ao Brasil. No entanto, depois da “Padaria Espiritual” no Ceará e a “Mina”, no Pará, 1892 e 1894 respectivamente, as agremiações e as academias não cessavam de surgir pelos Estados, num crescente esforço de

---

<sup>110</sup> BROCA, Brito. *A vida Literária no Brasil-1900*. 2ª ed, revista e comentada. livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1960 p.53

criar uma atmosfera literária e possibilidades de êxito no mundo das letras aos que se recusavam ou não podiam buscar a consagração na Rua do Ouvidor. ( BROCA,1960, p.53-54)

Segundo a leitura de diversos autores, comentados e estudados para a confecção dessa pesquisa, arrolados, citados e com exaustivo diálogo com as fontes sob a orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa Borges Leão, levantamos as seguintes observações: é primário o comentário em dizer que esta agremiação - Padaria Espiritual - não teve importância na construção do projeto de identidade nacional. Também que os seus sócios, membros, Padeiros, eram só românticos, nefelibatas, poetas, parnasos, decadentistas, herdeiros remanescentes do romantismo e esquecer que os mesmos não podiam deixar de estar envolvidos com as questões de seu tempo, entre as tais, a educação era uma das que tinha grande importância social na época. Era o apanágio dos males sociais.

Consideramos, também, superficial a análise que deixa de contemplar os Padeiros como intelectuais engajados, intelectuais-totais, escritores-cidadãos, mosqueteiros das terras alencarinas, pois faziam literatura como missão. Não eram só literatos, nem somente escritores, movimentavam outras doxas, outros capitais simbólicos. Segundo nos afirma Girão (1983), em sua obra *Fortaleza e a Crônica Histórica*, entrecruzando as informações com outra obra, Girão (1979), *Geografia Estética de Fortaleza*, o autor deixa a entender que, entre as décadas de 1870 a 1890, Fortaleza contava com 7 tipografias e 6 jornais: Cearense e Jornal de Fortaleza ( Liberais), O Pedro II e Constituição ( Conservadores), A Tribuna Católica e o Imparcial.

---

<sup>111</sup> Ibidem.



No jornal o *Pão*, o número de tiragem e os artigos<sup>112</sup> não falavam somente de poemas. Cada pilhéria, cada metáfora, cada ironia estava incluída, permeada de sentidos, carregada de materialidade. Em princípio, desejamos ordenar de forma coerente os assuntos relacionados com o objeto pesquisado, fazendo um rol dos artigos e ensaios. Porém, existia uma impossibilidade: a forma de publicação é histórica, precisávamos compreender a dinâmica local- nacional e o nacional-local, caso contrário correríamos o risco de perder o fio condutor e não perceberíamos a impossibilidade que os homens de letras possuíam de viver da pena. O mercado editorial era determinante sobre as tiragens das obras, sobre as formas de produção e sobre a distribuição.

O *Pão*, veículo das idéias dos padeiros, não havia uma regularidade, uma linha lógica de problemáticas estéticas, divulgavam desde autores clássicos até teorias científicas, críticas literárias, Direito, educação, jornalismo político, recadinhos para pessoas, vendas de produtos. Antônio Salles (Moacyr Jurema), em artigo, fala-nos acerca da importância dos jornais em sua época: “E não há como a imprensa para levar a luz a todos os recônditos. Cada jornal fará o efeito, si me permite a phrase, de um holophote moral e jogar myriades de raios sobre a alma da população ( “O Pão” 15/07/1895 , p.01). Assim, em um outro artigo, Raimundo Correa nos diz: “ Ora, confessamos que editar livros na província, e mormente livros de litteratura, que não têm cotação no mercado local, é o que se pode chamar verdadeiramente uma empresa de locos”( “OPão” 15/08 1895, p.06).

As colunas do jornal variavam também de acordo com ano e de acordo com uma ordem que nos é ainda um tanto desconhecida, com os seguintes nomes: Carteira,

---

<sup>112</sup> Exhaustivamente, debruçamo-nos por uma infinidade de horas sobre 36 tiragens, mais de 220 artigos desse jornal, sem contar com os outros jornais pesquisados - a fraternidade maçônica, a tribuna Católica, o Pedro II, O Liberal - para compreendermos o contexto social e político da época e compará-lo à dinâmica do nacional, buscando um fio condutor para as narrativas apresentadas. O historiador trabalha sobre o factual, o empírico, o diálogo com as fontes, sejam primárias, secundárias, literárias, fotográficas... já que o texto é uma criação do autor, marcado pela investigação e pela apropriação que ele realizou daqueles que acompanharam e orientaram o seu olhar afim de fazer o relato e criar a 'sua narrativa ficcional'. Os historiadores evitam, na construção de sua narrativa, os excessos de fábulas, de devaneios, pois embora o texto histórico seja compromissado com a verdade e trabalhe o documental (o paradigma produzido no século XIX), a nosso ver, a ciência, nesse século, é guardiã da verdade. O texto científico, histórico, carrega um componente ficcional, de acordo com CERTAU (1982). Não concordamos inteiramente com isso, mas também não podemos relativizar tudo conforme os 'pós-modernista' o fazem. Ainda apreciamos uma história contada por quem foi testemunha ocular, como na epígrafe do capítulo. É, no testemunho de historiadores, que a história é herdeira da fábula, da narrativa. Por tudo isso é que desejamos afirmar as palavras contidas na epígrafe desse capítulo ditas por São Lucas, nos evangelhos. Entendemos que esses Padeiros... ah! Padeiros... possuíam, de fato, práticas docentes e pedagogizavam a literatura, escreviam de tudo, sobre tudo e movimentavam uma enorme quantidade de capitais simbólicos, intercambiando os campos não só no ceará mais como no Brasil

Sabbatina, A Nossa correspondência, Recados, Archivo, Imprensa Litteraria, Cancioneiro Popular, Malacachetas, Saco de Ostras, Bolachinhas, Quinze Dias, Pensamentos e máximas.

Sobre o Direito e Criminologia, quem mais escrevia era Clóvis Bevilacqua. Ele escreviaa sobre a ciência do direito, concepções jurídicas e evolucionistas, Spencer, Darwin, Búchner, Falkner, Brancroft, Comte.<sup>113</sup> Adolfo Caminha aponta, em uma das primeiras tiragens do jornal em 1892, o impacto causado pelo aparecimento d'*O Pão* na província de Fortaleza. Ele nos fala:

a Padaria Espiritual é pois ( não vos escandaliseis ) uma instituição utilíssima, tão útil quanto a Sociedade de S. Vicente de Paula, tão necessária quanto o Instituto Histórico e Geográfico, e o Pão cujo apparecimento foi causa de tantos comentários injustuos, é nada mais, nada menos que o vehiculo das nossas idéias, o hebdominário dos nossos pensamentos, das nossas palavras e das nossas obras. (“O Pão” 17/07/1892, p.01-3)

Existem artigos em que A Padaria Espiritual agradecia as correspondências recebidas, os livros enviados, as trocas de revistas, jornais<sup>114</sup>, confirmando a suspeita de Brito Broca e de suas pesquisas acerca da “vida literária no Brasil de 1900,”<sup>115</sup> o engajamento dos intelectuais no projeto de construção da identidade nacional. Escreviam, os autores e os intelectuais, sobre os mais variados assuntos, marcados pela influência das idéias científicas, desmistificando a supremacia intelectual dos homens da corte, promovendo, juntamente com outros intelectuais em outros estados, a descentralização do poder e evidenciando práticas da cultura letrada. O engajamento em questões de seu tempo

---

<sup>113</sup> Sobre, as concepções Jurídicas de Clóvis Bevilacqua. Olhar os artigos: (“O Pão” 01/01/1895, p.02), (“O Pão” 15/01/1895, p.02), (“O Pão” 01/04/1895, p.02), (“O Pão” 15/04/1895, p. 2-3), (“O Pão” 01/05/1895, p.02), (“O Pão” 01/04/1895, p.02),

<sup>114</sup> Cf.artigos do Pão: (“O Pão” 01/01/1895, p.06), (“O Pão” 15/02/1895, p.05), (“O Pão” 01/03/1895, p.06) e...

Neses porque são tantos, aparecem nomes como: Democrata (PA), Gazeta do Commercio (PA), Diário de Pernambuco, Província do Pará(PA),O Paiz (RJ), Gazeta de Noticias( RJ), Renascença (BA), Pacolilha (MA), Correio Mercantil (Pe), o Estado do Rio Grande do Norte, Diário do Maranhão,Diário de Minas Gerai, Revista da Faculdade livre de Direito de Minas, ODemocrata (PB),A Notícia (RJ), Correio Mercantil (AL),Revista Contemporânea (PE), Revista Moderna (PE),Vanguarda (PE), O Baixo Amazonas(PA),O Cysne (MG)

também não pode ser esquecido. No caso da Padaria, não podemos esquecer a luta contra o afrancesamento da cidade, a maior ‘participação política’, fruto da democratização dos ideais ‘liberais e republicanos,’ já que isso, no Ceará, era precário, como em todo o Brasil. Destacamos, ainda, o envolvimento com a educação, as acusações de negligência da instrução pública do estado e o aparecimento de muitas escolas particulares no final do XIX para a infância desvalida.

As coisas continuavam praticamente inalteradas desde a segunda metade do século XIX. No Ceará, as ‘coisas do espírito’ mais significativa no século XIX foram, sem dúvidas, as criação do Liceu em (1844) e da Escola Normal (1884) por dois diretores, parentes (pai e filho), e que foram Secretários da instrução pública (Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Pai e Filho). Estranha coincidência para um historiador analisar. Obra do acaso? A tão citada pedagogização da literatura enfatiza a forma de engajamento dos intelectuais que eram escritores, cidadãos, romancistas, políticos, educadores, homens de letras e que realizavam práticas docentes, além de inseri-los na dinâmica nacional. Os Padeiros tinham sim um ideal pedagógico, estamos apenas mostrando de forma lógica a existência factual do mesmo, coisa, aliás, que o tempo levou...

Os Padeiros-Educadores indicavam bons livros de leitura, literatura francesa, literatura portuguesas, literatura alemã, literatura italiana, faziam críticas literárias a diversos livros e autores<sup>116</sup>. Defendiam um posicionamento de altivez da cultura popular e

---

<sup>115</sup> BROCA, Brito. Op.cit., p.50-56

<sup>116</sup> Entre a descrição acima citada encontramos: Romances de Ponson (“O Pão” 17/07/1892, p.06), peças teatrais (“O Pão” 17/07/1892, p.08), fabulas de Lafontaine (“O Pão” 30/10/1892, p.08), livros de Darwin, Búncher (“O Pão” 60/11/1892, p.04), indicação de mitologias e filósofos (“O Pão” 13/11/1892, p.04), A interpretação de Jesus do ponto de vista ético e filosófico (“O Pão” 24/12/1892, p.01), livros de Abel Botelho Lyra, ensubmissa, Germano, Barão de Lavor (“O Pão” 24/12/1892, p.02), Sobre os pedidos de várias sociedades pedindo publicações do Pão (“O Pão” 24/12/1892, p.07), Biografias: Pardal Mallet, (“O Pão” 1/01/1895, p.01-2), Campoamor e estudos literários (“O Pão” 01/1/1895, p.03-4), do histórico da Faculdade de Direito de Minas Gerais (“O Pão” 1/1/1895, p.08), sobre Sideny Smith e obra (“O Pão” 15/3/1895, p.03), Estudo Psychologico da inveja (“O Pão” 15/3/1895, p.04), sobre o termo Nefilibatas, decadentistas (“O Pão” 1/4/1895, p.03), Sobre livros de Rodolfo que neste tempo eram estudos, manuscritos e que ainda não tinham sido editados (“O Pão” 15/4/1895, p.01), Sobre Mechanica Social (“O Pão” 15/4/1895, p.02). Sobre boas leituras tais como Machado de Assis, Araripe Junior, **Raul Pompéia**, Gonsalves Dias, Olavo Bilac, Dom Quixote, revista theibaida (“O Pão” 1/05/1892, p.03) até (“O Pão” 15/7/1895, p.01), Sobre uma revista em educação e ensino na época: “Revista de educação e ensino”, annos IV e V, nº 11,12 –Sr. Octavio Piresa epocamNY1- Th. Ribas (“O Pão” 15/7/1895, p.06), sobre o imperialismo Britânico (“O Pão” 1/8/1895, p.01), Sobre sua biblioteca (“O Pão” 1/8/1895, p.05), Sobre ávida e a produção literária de Juvenal Galeno (“O Pão” 1/10/1895, p.02), Citação a Sisypho (“O Pão” 15/11/1895, p.01), sobre utilização de gramáticas para as escolas (“O Pão” 15/11/1895, p.04), sobre obras e comentários acerca da literatura francesa e seus autores: Edmond de Goncourt, Baniville, Lemaitre, Unie Maison d’ artist, Seur Philoméne, Manette Salomon, Sobre a índia como Berço das religiões (“O Pão” 1/1/1895, p.05), Falando de indivíduos que se corresponderam

cearense, uma reação bem clara ao afrancesamento e disciplinamento urbano, fruto das contribuições e do estudo sobre higienismo e saneamento. Também existiam, entre os padeiros, poetas, decadentistas, nefelibatas, remanescentes do último romantismo. Isso não invalida as impressões dessa pesquisa. Os padeiros movimentavam uma série de capitais simbólicos e intercambiavam os campos, estabelecendo ‘pontes’ entre eles, de acordo com Bourdieu(1992), anteriormente citado e fundamentado. Esta pesquisa só vem a contribuir para melhorar as leituras sobre fragmentos do real no final do século XIX , sobre quem se preocupava e fazia educação nesse período. Essa pesquisa teve, como ponto de partida, a literatura, a história da literatura. Uma forma de apropriação para observar melhor o objeto de pesquisa, devido à impossibilidade de não existir ainda um trabalho no Núcleo de História e Memória que pudesse nortear nossa pesquisa. Contudo, estamos enfatizando as pontes entre os campos e falando do ponto de vista de outros campos de saberes, o histórico e o educacional, oficializando o caminho para outros pesquisadores.

O último quartil do século XIX veio denunciar a fragilidade do império. Possuíamos um estado, ‘mas não éramos uma nação’. O cientificismo, o liberalismo, as sínteses de Spencer, o evolucionismo de Darwin “compõem o modo de pensar da Belle Epoque.”<sup>117</sup> Existia um temor quase obsessivo, extremamente difundido em todo tipo de intelectual, de que o Brasil era um país periférico que “podia sofrer uma invasão das potências expansionistas, perdendo sua autonomia ou parte de seu território”<sup>118</sup>

Os intelectuais, literatos, profissionais liberais, setores das camadas médias urbanas, possuíam uma dupla atitude: ‘**a reformista**’ evidenciada nas mudanças da estrutura social, maior participação política, fruto das influências das idéias políticas e científicas que dominavam a Europa e que se espalhavam pelo mundo, promovendo ‘ventos construtores de outros ideais’ e ‘**a salvacionista**’, “onde os escritores escreviam de tudo e entregavam-se ao estudo dos mais variados aspectos da realidade brasileira.”<sup>119</sup> Era o mito de superioridade, a idéia de um país novo, do gigante adormecido, do ideário do ‘moderno,’ do civilizado. É por essa época que os escritores, literatos, homens de letras como uma

---

com a agremiação entre eles; Aluízio de Azevedo, Olavo Bilac, Paula Ney, Coelho Neto, Luiz Murat (“O Pão” 1/01/1895, p.06), indicação a leitura de Ahasverus de Quinet, Faust de Goethe. (“O Pão” 15/1/1895, p.08), livro *phases e phantasias* , por Clóvis Beviláqua, editoras Hugo & Cia, Recife 1894. (“O Pão” 15/1/1895, p.04), Obras de José de Alencar ,Poemas de Coelho Neto(“O Pão” 15/1/1895, p.06),

<sup>117</sup> SEVCENKO,Nicolau. Op. Cit., p.103

<sup>118</sup> Id.Ibidem. p.103

forma de recolocação do capital social MICELLI(1977), exerciam outras atividades, outros ofícios, entre eles a prática docente, segundo FREIRE (2002).

Os literatos e os intelectuais-totais estavam engajados nessa construção de imaginário nacional, unindo a ‘prática do pensamento’, das atividades puramente intelectual, à ação. Esses grupos de indivíduos, ligados à criação de produtos culturais e que não orbitavam na opulência da corte, eram marginalizados, eram obrigados ao exercício de outros ofícios que não fosse só a pena. Com os Padeiros não seria diferente.

Sevcenko, relatando em sua pesquisa o período, comenta uma crônica da época “Tenho pena de quem vive da pena... todos os nossos escritores, mesmo os mais respeitados, não vivem das letras e ganham o pão no exercício de outros ofícios”<sup>120</sup>

Os literatos, escritores, romancistas, homens de letra, intelectuais-totais, escritores-cidadãos procuravam reforçar uma carreira paralela, sem se desvincularem das condições de seu tempo, de suas paixões: o mito de progresso, a exaltação dos ideais científicos, as questões de seca. No Ceará, a abolição da escravatura, o aformoseamento urbano, as idéias de saneamento, as questões republicanas, problemáticas políticas, os confrontos entre conservadores e liberais em torno da ideologia republicana, todos esses fenômenos sociais estavam interligados. Assim, como a educação é um fenômeno social e está interligado a outros fenômenos, os problemas de analfabetismo, a supremacia daqueles que viviam nos maiores centros, o desprestígio e o dissabor daqueles que não estavam ligados diretamente às grandes decisões políticas em seu tempo, como também às questões sobre a escola, a falta de leitura do povo, problemas de educação faziam com que os escritores fossem também intelectuais engajados...

Tudo era motivo para declarar a maior participação política e a fragilidade do império. Os literatos, os homens de letras, atuaram como catalizadores do processo histórico, ajudaram as imensas transformações sociais, econômicas e culturais que estavam intimamente ligadas com o desenvolvimento das idéias e ‘práticas científicas’ do século XIX. Muitos mantinham uma tradição engajada, outros queriam seu espaço. Os jornais, as revistas, os pasquins, os livros, eram os veículos de propagação de suas idéias e uma forma

---

<sup>119</sup> Ibidem, p.105

<sup>120</sup> Ibidem, p.114

de recolocação social, segundo MICELLI (1977). Os padeiros experimentariam essa dinâmica também no final do século XIX.

Alijados de uma tradição política, irritados com a república que não ‘era a dos seus sonhos’, com as questões das sucessivas secas que nos assolavam, com as disputas oligárquicas, com o afrancesamento da cidade, aliados ao esquecimento da cultura local, utilizavam o jornal *O Pão* como o espaço também das discussões políticas de seus ideais, de suas pretensões, das convicções políticas e ideológicas. Era a forma que possuíam para fazerem ecoar a sua voz sobre as mais diferentes idéias. Falar sobre educação, mostrar, orientar o leitor e seu olhar, trocar ‘capitais’ com outros grupos, escrever sobre tudo, relatando princípios norteadores a respeito da instrução pública, além de contribuírem com seus escritos, pedagogizando a literatura, tudo isso com uma pitada de humor, muito humor, criando uma ‘pedagogia do humor.’

Ser um grupo que fornecia ‘pão de espírito’, nessa época, parece um título bem sugestivo. Ser “Boêmio, consistia em ser adepto de uma corrente remanescente tardia do romantismo. Insistiam em conferir um estatuto especial aos homens de letras.”<sup>121</sup> Outros intelectuais, em seu tempo, iriam filiar-se a uma tradição assentada desde José de Alencar, que sempre distinguiu a distância entre o escritor e o homem público.

Os ideais pedagógicos dos Padeiros e dos Padeiros-Educadores não existem de forma sistemática, ordenada, como em um projeto político pedagógico, elaborado em nossa temporalidade, com pautas, disposições, competências, atribuições. Quem não possui a sensibilidade histórica, nem os olhares para evocar o passado, nem a habilidade de garimpar fontes em um arquivo público, jamais poderia evocá-los. Quem também não perde tempo em ler revistas antigas de mais de 110 anos ou em documentos velhos, amarelados, rasgados e borrados pelo tempo, cuja poeira traz a emoção, a ausência, as lacunas, a dor, bem além do documento, não é capaz de perceber, também, os ideais pedagógicos, nem entender alguém que passa horas a fio olhando documentos velhos e amarelados, que se desfazem quando o pegamos, tal qual a poeira quando soprada.

Os ideais pedagógicos dos padeiros existem sobre a compreensão e sobre as luzes de seu tempo, emergem das folhas do jornal *o Pão*, quando são entrecruzados com

---

<sup>121</sup> Ibidem, p.134

outras fontes, outros olhares, outras luzes. Existem de forma difusa, codificadas. Os assuntos, os escritos dos Padeiros no final do século XIX eram enunciadores de seu ‘lugar social’ para determinados grupos.

Sofriam a censura no seu campo de atuação simbólica, ao mesmo tempo em que censuravam outros. Disputavam o jogo do poder, intercambiavam capitais simbólicos, estabelecendo ‘pontes’ em seu tempo. De imediato, perceberia, um homem letrado, alfabetizado, que vivesse no final do século e observasse o seu jornal *O Pão*, os ideais pedagógicos da agremiação literária *Padaria Espiritual*. De imediato, decodificaria a mensagem. Porém, alguém que estiver distante mais de 114 anos desse objeto de pesquisa, a percepção dessas coisas requererá sensibilidade histórica. Observar o que é dissonante, o que causa estranhamento, perceber o diferente, questionar e dialogar as fontes, entrecruzando com outras fontes, mesmo que sejam ficcionais, romanceadas e que a ciência diga que em nelas não existem ‘verdades’. Dessa forma, eles, os ideais pedagógicos emergem, serão evocados do passado. Esse é o exercício que fizemos e entregamos a você, nosso caro e estimado leitor.

Toda história é amalgamada pelo documental, pelo empírico, pelo factual, pela fonte, pelos rastros do fenômeno, aquilo que de fato aconteceu. Porém, possui, ainda, a narrativa ficcional do texto, construído pelo autor. É nela que o autor certifica-se das verdades e de ‘verdades’, ‘construído’ a sua versão, a sua narrativa dos fatos.

Agora os ideais pedagógicos já lhes saltam aos seus olhos, leitor, porém, como o trabalho, como a pesquisa quer revelar o intercambiamento entre o campo literário e o educacional, através das práticas docentes exercidas pelos homens de letras, literatos, romancistas, naturalistas, realistas, naturalistas-realistas, intelectuais totais, escritores-cidadão, mosqueteiros das terras alencarinhas, Padeiros, Padeiros-Educadores... Esse é um jogo de palavras, para enfatizar que qualquer uma dessas ‘categorias’ poderia ser utilizada para enunciar estes agentes sócio-históricos, pois, no grupo, não havia homogeneidade de estilos. Quem afirmar que eram somente uma coisa, ‘trapaceia’ a ‘verdade dos fatos.’ O historiador tem o compromisso com a ‘verdade documental,’ mas pode utilizar outras fontes, dialogar com outros ‘corpus documentais’ para construir a sua narrativa. Não poderíamos deixar de finalizar este capítulo da pesquisa sem destacar, na narrativa, o que acontecia com a instrução pública no último quartil século XIX . Esse é o próximo passo.

Convidamos, o prezado amigo leitor, a ter certeza das veracidades aqui contidas e evocadas. Segundo São Lucas:

Conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares...Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas certeza das coisas que te foram apresentadas...  
**(Evangelho, segundo escreveu São Lucas, 1: 1-4)**



# CAPÍTULO 4

**FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CEARÁ:  
Rastros e indícios da Instrução Pública Cearense no final do  
século XIX(1870-1900).**

## **4.1 Os Rastros e os Indícios das Raízes Exógenas da Instrução Pública Cearense no Brasil imperial.**

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de ser homens. Se quisermos perturbar essa ordem, produziremos frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e não tardarão em corromper-se. A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias... Não existi mais nada desumanizador, do que a sociedade humana... Considerai primeiramente que, querendo formar um homem da natureza, nem por isso se trata de fazer dele um selvagem, de jogá-lo no fundo da floresta; mas que, entregue ao turbilhão social, basta que não se deixe arrastar pelas paixões, nem pelas opiniões dos homens; que veja com seus olhos, que sinta com seu coração; que nenhuma autoridade o governe a não ser sua própria razão ( Jean Jacques Rousseau)

Este é um capítulo em que pretendemos continuar a análise de alguns fenômenos que aconteceram na Europa, no velho mundo, e que chegaram ao Brasil por confluência, aportando em nossas terras, mas não se ‘repetindo da mesma maneira’, e sim sofrendo variações de acordo com os determinantes políticos, econômicos e sociais existentes nas matrizes culturais formadoras da nossa identidade nacional. O Brasil, apesar de ser um país periférico, escravocrata, com uma economia agro-exportadora, sem tradição alguma no cenário científico internacional durante o século XIX, recebe, também, sopros dos ‘ventos de mudanças’ que transformavam politicamente, economicamente e socialmente a Europa.

Muitas idéias ficariam apenas nos papéis. Pouca coisa seria, de fato, mudada durante quase todo o Império no Brasil. As mudanças significativas, em sua grande maioria, aconteceriam apenas na 2ª metade do século XIX com a criação de muitas Escolas Normais para formação de professores da Instrução Pública primária. Na primeira metade do século XIX, seriam construídos apenas alguns poucos liceus, como representatividades das benfeitorias de poucos presidentes de províncias para o benefício da Instrução Pública. Entre elas, a província do Ceará.

Outras mudanças aconteceriam apenas nos últimos decênios do século XIX. Quando nos referimos ao Entusiasmo pela Educação e, posteriormente, ao Otimismo Pedagógico que, de fato, eclodiu na Europa como projeto político pedagógico burguês e no Brasil, o Otimismo Pedagógico só aconteceria nas décadas de 1920 a 1930. Com este capítulo, observamos que os fenômenos sociais estão todos interligados. O Ceará do século

XIX acompanhava uma dinâmica nacional-local e o Brasil imperial procurava se encontrar na lógica local-global. Aqui, nessa primeira parte, fazemos esse exercício de reflexão: interligar o Brasil à lógica global e o Ceará à dinâmica nacional. Encerraremos o capítulo mostrando que o naturalismo literário era a tônica do momento no final do século XIX. O naturalismo - metamorfose estética do romantismo – influenciado pelas idéias científicas, influenciava também a educação.

Muitos intelectuais desse período (1870-1900) estavam ligados ao naturalismo pedagógico como uma forma de atender às expectativas da pedagogia de ser científica. Os intelectuais que eram escritores, literatos, romancistas, bacharéis, Padeiros, estavam limitados às práticas de seu tempo e muitos intercambiavam os campos, como procuramos demonstrar. O término deste capítulo é uma tentativa de mostrar o rastro deixado pelas práticas educacionais desses agentes e os indícios do naturalismo pedagógico. Existia, também, a tentativa de prática de uma pedagogia experimental, positivista, spenceriana, evolucionista, já que uma prática pedagógica positivista comtiana nunca existiu, segundo CAMBI (1999). Os escritos de educação de Comte não foram terminados. Encerraremos o capítulo entrecruzando literaturas romanceadas com essas práticas educacionais em revistas do final do século XIX, para dizer que os saberes, os campos, estabelecem pontes entre si.

As Grandes transformações sociais que abalaram a Europa e o resto do mundo no século XVIII, em parte, têm suas origens e seus ‘projetos políticos, sociais e econômicos’ nos ideais burgueses. A Revolução Industrial inglesa e os ideais da Revolução Francesa vêm alterar definitivamente o panorama socioeconômico do velho mundo. Espalham ‘ventos de mudança’ por toda parte, tal qual uma pedra que é atirada num lago, fazendo propagar suas ondas em todas as direções. Assim, proporcionalmente, a intensidade resultante da força que a lançou no novo continente também sopra ‘ventos’ que reverberam essas ondas.

Como em todo projeto político, há sempre marcas deixadas pelos mesmos na educação. Mesmo que essas marcas sejam profundas ou rasas, elas nos sevem, principalmente, para aqueles que querem historiar a educação, identificando posicionamentos, analisando discursos, tendências, teorias, correntes, rastreando práticas e representações culturais, segundo CHARTIER(1990).

Os fenômenos estão todos interligados e a educação é um fenômeno social, ou melhor, um fato social<sup>46</sup>, um fenômeno de transmissão cultural.

O século XVIII é o século das idéias, o esboços de projetos, desenhos, de uma pedagogia liberal e laica, de acordo com CAMBI(1999). O iluminismo é um período muito “rico em reflexões pedagógicas. Um de seus aspectos marcantes está na pedagogia política, centrada no esforço para tornar a escola leiga em função do estado.”<sup>47</sup>

O século XIX perceberá todo o impacto dessas mudanças, constituindo o social no substrato das transformações do século anterior, ganhando sentidos, ressemantizando outros, influenciando outros autores, outros leitores, outros pensadores...

Os impactos causados no século anterior, o Século XVIII, bem como as transformações nos meios de produção, nas forças produtivas, que aconteceram acompanhadas de transformações sociais, alteram a fisionomia do mundo conhecido.

A introdução de novas técnicas, as aplicações científicas no comércio, além de aumentar a produção, ampliam o aparecimento de novas invenções: navio a vapor, aparecimento de locomotivas e ferrovias, novas fontes de energias.

Começam a aparecer, no continente Europeu, o pensamento pedagógico do século XIX que é influenciado não só pelas alterações econômicas e sociais a que já nos referimos, mas passa a ser um século varrido por outras formas de pensamento, outras idéias: o positivismo, o evolucionismo de Darwin, as idéias de Hegel, Marx, Engels, Comte, Durkheim, Spencer, Pestalozzi, Herbart, como nos disse CAMBI (1999). O século XIX é um século em construção. É o século em que se implantaria o ideário do século XVIII, é o século dos iluministas tardios, é o século dos inventos científicos que

---

<sup>46</sup> Sobre este assunto, a educação como fato social Cf. DURKHEIM, E. *Educação e Sociedade*. Trad. Lourenço Filho. 11ªed, São Paulo: Melhoramentos, Fundação Nacional de Material Escolar, 1978. Nesta obra, o autor, faz uma exposição de argumentos sobre o seu entendimento acerca de educação. Para o mesmo, a educação e pedagogia são coisas distintas, assim como a história da educação não é a mesma coisa que história das pedagogias. Pode-se compreender seu conceito de Educação em uma outra obra, Cf. *As Regras do Método Sociológico*. 6ªed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1972. Nessa obra, o raciocínio é análogo, porém a educação é entendida como um fenômeno de transmissão cultural. A obra, *A Cultura Brasileira, Sociologia da Educação*, ambas de Fernando de Azevedo. O Autor retoma as discussões e defende os mesmos pontos de vistas.

<sup>47</sup> ARRANHA, Mª Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2ª Ed. Ver e atual. São Paulo: Moderna, 1996 p.120. A autora relata que, na Europa, esse é o período da influência direta das idéias de Rousseau e seu naturalismo, o século das idéias de um pedagogia idealista de Kant e sua influência no pensamento alemão. É, também, o século em que as idéias de Augusto Comte e o seu curso de filosofia Positiva, com suas idéias de

transformam profundamente o cotidiano dos homens, é o século em que a ciência firma-se como guardiã da ‘verdade’ no imaginário dos homens. É o século XIX, o século em que a burguesia deseja, como em todo projeto político, realizar o seu projeto pedagógico. Como em todas as épocas pretéritas, a educação, nesse século, estará ligada às ocorrências econômicas, políticas e sociais. É no século XIX, “onde se acentuará uma inclinação separatista entre escola e igreja, que já se manifestara há algum tempo principalmente na Revolução Francesa.”<sup>124</sup>

O século XIX é o século em que a pedagogia deseja ser científica. O projeto político da burguesia deseja construir o cidadão, de acordo com CAMBI(1999), promovendo a mudança nas crianças incautas. É o momento, no processo histórico, em que começam a tornarem-se fortes as discussões sobre nação, sobre civilização, sobre imperialismo, sobre etnocentrismo, e sobre a formação do estado-nação. O nacionalismo invadiu a Europa e o mundo novo com ventos que preenchem as lacunas deixadas pelas mudanças e quedas de regimes que ecoaram em outras épocas.

Alguém que nascesse na Europa ou na América ou até mesmo no Brasil, desde que não fosse pobre e nem muito menos negro, pois a educação era no Brasil ainda aristocratizada até meados do século XX, segundo TOBIAS (1978), não tinha acesso à educação. A Educação no Brasil Imperial “dá-se de modo a atender a interesses políticos de uma dada camada social e reforçar as diferenças”<sup>125</sup>

Apesar das exceções, provavelmente alguém escutaria, num meio letrado do século XIX, as seguintes frases: ‘Criemos a educação Pública e gratuita... Façamos escola para a infância desvalida... A Instrução Pública é obrigação do estado laico... Formemos um cidadão enciclopedista, científico, menos religioso, mais cômico de seus interesses, pois a ciência é a ‘verdade’... Eliminemos todo elemento sobrenatural’. Nada melhor, como frase aplicada a esse período do processo histórico - o século XIX - do que a velha frase, já há muito dita por Bacon: “o saber é poder”. Segundo nos fala Rosa:

---

física do social, estão sendo ainda construídas. Porém, é só no século XIX que estas idéias, com os seus discípulos desses autores, tomarão ‘corpo’, constituído o imaginário social do XIX.

<sup>124</sup> Rosa, M<sup>a</sup> da Glória. *A História da Educação Através dos Textos*. São Paulo: Cultrix, 1995, p.243 Este é um livro em que a autora realiza estudos de história em educação desde antiguidade clássica até a idade contemporânea, realizando uma série de exposições a respeito da Educação em cima da análise de textos.

<sup>125</sup> SILVA, M<sup>a</sup> Goretti Lopes Pereira. *A Escola Normal do Ceará: Luzes da modernidade contra o atraso na terra da seca* (1884-1922).Dissertação Mestrado/ Programa de Pós-Graduação em Educação) Fortaleza: UFC, 2001, p.43

Graças à influência de Rousseau, que havia insistido na necessidade de basear o processo educativo nas peculiaridades de mente infantil, começam os pedagogos do século XIX a se inclinar para o estudo sistemático da natureza da criança como ponto de partida para o desenvolvimento da natureza de teorias e práticas educativas. Essa preocupação aparece, sobretudo, em Pestalozzi e em seus discípulos; Herbart e Froebel. Ambos seguiram as idéias pedagógicas do mestre como ponto de partida para elaboração de um sistema pedagógico próprio, isso porque a doutrina de Pestalozzi era mais prática e sentimental em comparação com as de Herbart e Froebel, mais filosóficas e sistemáticas. O último acontecimento notável no campo da teoria educativa do século XIX é representado pela pedagogia experimental, científica ou exata. Em sua origem acham-se, de lado a influência do positivismo, representada por Augusto Comte, e do evolucionismo representado por Herbert Spencer, ambos com o intento de excluir da ciência tudo quanto não se fundamenta na experimentação, de outro lado, o nascimento da psicologia experimental. (ROSA, 1996, P.244-245)

No Brasil do século XIX, a criação dos liceus, das Escolas Normais, e uma atenção maior a instrução Pública Primária, são evidências dos ‘ventos de mudanças.’ A formação de Professores e a inserção de bacharéis na política e nas práticas docentes eram formas “multiplicadoras das luzes” (MONARCHA, 1999,p.17). É nos meados do século dezenove que surgem as primeiras Escolas Normais francesas, tornado-se responsabilidade do poder público a formação de professores, conforme ALMEIDA (1989).

Somente em 1835, no Rio de Janeiro, cria-se a primeira Escola Normal, em Niterói, com a lei nº 10 de Abril de 1835, no falar de Almeida:

A França detinha o primeiro lugar entre as nações organizadoras da Instrução Pública e os discursos que procediam da lei Falloux...atraíram a atenção de todos os homens públicos.. tanto para difusão da instrução primária

quanto para assegurar o recrutamento dos instrutores populares( ALMEIDA, 1999, p.81)

No Ceará, o Liceu seria criado em 1844. A Escola Normal seria criada apenas nos últimos decênios do século XIX, em 1884. Porém, o ato de criação político data de bem antes desse período “ainda no período de Pe. José Martiniano de Alencar.”<sup>126</sup> Visando a sua construção de identidade nacional e realizando mesmo que, às vezes, por simetria, por confluência, pequenas modificações na estrutura do social a educação caminha, no Brasil, com o “poder do atraso”, de acordo com MARTINS (1999). Durante todo o século XIX, o Ceará não poderia estar desvinculado dessas práticas, nem alijado do projeto político pedagógico nacional. ‘Ventos de mudança’ já aportavam pelo novo continente - as Américas - já há algum tempo.

Nossos intelectuais, políticos, escritores, homens de letras, comerciantes, profissionais liberais, Militares, setores das camadas médias urbanas, empenhar-se-iam em criar, no século XIX, ou melhor, na segunda metade do XIX, a efervescência Política, filosófica, educacional, pedagógica. Os bacharéis do século XIX, influenciados pelas idéias científicas, pelas idéias produzidas na Revolução Francesa e pelas políticas do século XVIII, viriam a realizar a germinação do desejo de ‘modificar as estruturas sociais’.

Nasceriam polêmicas em torno da formação da nação, da civilização, do moderno. Começaríamos a ver, no século XIX, o nascimento de nossos ‘iluministas tardios’. No Dizer de Monarcha:

O Brasil, declara a sua adesão às últimas novidades espirituais: o positivismo, não só comtiano, mas também littréista, spenceriano e darwinista....Amplios setores da opinião pública e da voz oficial depositam uma confiança sem reservas na ciência, exaltando os seus benefícios.  
(MONARCHA ,1999, p.168)

---

<sup>126</sup> SILVA, M<sup>a</sup> Goret Lopes Pereira.Op. cit., p.52-61. A autora atribui, como mentor, como idealizador de um dos projetos políticos pedagógicos de maior importância, o Pe. José Martiniano de Alencar e outro cônego, o padre Thomaz Pompeu de Souza Brasil. No Ceará do XIX, no que se refere à instrução pública e a sua administração, não apareceram senhores “mais comprometidos com os ideais de educação do que esses políticos”( Id. Ibidem). Eles ainda manifestavam um ‘crescente da preocupação com a Instrução Pública.’ Nasceram, ainda, no mesmo período “as Escolas Normais Minas Gerais (1840), Bahia( 1836 e instalada em 1841), São Paulo (1848),Pernambuco (1864), Piauí (1865), Goiás (1858)” (Id. Ibidem).

É na segunda metade do século XIX que a pedagogia desenvolve o desejo cada vez mais crescente de alcançar o 'status' de ciência. É nesse século, o século XIX, que a pedagogia quer ser experimental, científica, eliminando os traços e rastros da pedagogia tradicional, humanística, jesuítica. No Brasil, isso começará, de fato, nos períodos regenciais, mas se efetivará apenas na 2ª metade desse século.

No Ceará, a pedagogia acompanhará o movimento da dinâmica nacional, primeiramente, com a criação do Liceu em 1844 e, posteriormente, irá desejar ser experimental, científica, positivista, naturalista, somente nos últimos decênios do século XIX, quando cresce a ideologia do 'entusiasmo pela educação,' GHIRALDELLI (1990).

#### **4.2 Nas trilhas de jornais, revistas, livros e documentos: diálogos com os historiadores cearenses sobre a instrução pública no Ceará do século XIX.**

João da Silva Tavares foi um pardo que viveu em Fortaleza pelas alturas do longínquo ano de 1802. Apesar de sua cor duvidosa, era uma dos raros letrados da época, exercendo, em consequência, o cargo de professor régio da vila, sendo mestre de Gramática Latina, nomeado pela Mesa Censória de Lisboa, com os vencimentos anuais de 300\$00.  
(Crônicas históricas de Fortaleza Antiga, Raimundo de Menezes)

Conforme a pesquisa e os registros históricos narrados por CAMBI (1999), tanto no continente europeu quanto no continente americano, a idéia de sistema escolar só vai se firmar no final da primeira metade do século XIX. Estende-se de forma sistemática por toda segunda metade do século XIX, até os meados do século seguinte. No dizer de Cambi:

No Curso do século XIX, é a escola que se considera como instituição delegada a formar o cidadão como homem e o homem como cidadão, enquanto o liga à ideologia dominante, o forma como "produtor" ou "governante", o nutre de uma visão mais laica do mundo. E é a escola que se dirigem os cuidados dos governos, publicistas e dos



pedagogos, indicando-a como lugar central da elaboração dos comportamentos coletivos dominantes, inspirados na “ordem social” mas também no “laborismo” ou no “higienismo” (CAMBI,1999,p.486)

A Instrução Pública primária e secundária durante todo o período colonial ficava aos cuidados dos Jesuítas. Como sabemos, havia a catequese de índios, a instrução dos filhos dos senhores, tanto em relação às primeiras letras, quanto ao ensino secundário, como nos informa TOBIAS(1978). Para aqueles que pretendiam o sacerdócio, existia, ainda, os locais de formação do ensino, como o seminário de Olinda. Aos que não se identificavam com o sacerdócio, “restavam completar seus cursos no exterior, principalmente em Coimbra.”<sup>126</sup> A educação era clássica, humanista da cultura letrada européia, pré-requisito fundamental para assumir posições e empregos de ordem administrativa em alto escalão social, em uma sociedade considerada arcaica, antiga.

Isso era uma influência direta de que o estado não era laico e de que os ‘ventos de secularização’ ainda não haviam soprado. Sobre esse período do ensino público, ou melhor, da instrução pública até o período regencial, Djacir Menezes comenta que o ensino das primeiras letras era gratuito. No século XVIII, o ensino era administrado pelos padres jesuítas, porém, o “golpe pombalino atrasa e paralisa o ensino já inscípiente.”<sup>127</sup>

O ensino primário e os professores não possuíam um estabelecimento para formações docentes. Era essa a tônica proeminente a partir da 2ª metade do século XIX, nos relatórios da instrução Pública a urgência de cursos e instituições formadoras de docentes. Segundo Menezes:

Em carta de 6 de Novembro de 1772 criou-se escolas nas colônias lusitanas sob inspeção da Real Mesa Censória, de Lisboa. Para custeá-las havia um imposto conhecido pelo nome de Subsídio literário que até 183, ficou consignado no orçamento brasileiro. Eram chamados de Mestre Régios e recebiam a provisão assinada por EL-Rei. Depois da nomeação, a Mesa Censória ordenava ao ouvidor exame de mestre que exercia o cargo durante um ano. Os resultados dos exames realizados eram enviados para Lisboa, onde eram estudados. Com a aprovação, expedia-se-lhe o título, provendo-o na cadeira por seis anos.... o ensino público,

---

<sup>126</sup> LIMA, Zilda M.M. *Mulheres DE Romance: Perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900)*. Dissertação de mestrado UFPE, Recife :1999, p. 54

<sup>127</sup> MENEZES, Djacir. *Seminário histórico da Educação no Estado do Ceará*. RBEP., VII, nº 6. Dez/ 1944. p. 351.

porém sofria as injunções do ambiente colonial. As irregularidades eram notórias. Não só os incapazes de educar se encontravam á frente dos cargos do magistério... Quando se vai iniciar o século XIX, a situação do ensino é Precária, com professores mal pagos, incapazes do exercício do magistério, no mais baixo nível intelectual e moral...A escola primária, tal qual se conheceu até bem pouco tempo, objetivava apenas o ensino de ler, escrever e contar... a grande parte Das atividades requeridas nas unidades humanas prescindia dos conhecimentos de leitura e escrita. Havia escassês de livros e jornais...A escola era freqüentemente um ambiente desagradável, que metia mêdo à criança...O número de bolos variava numa escala escandalosa... Imperavam os mais absurdos métodos pedagógicos... Quando o mestre na escola, segundo pai, recorria aos processos violentos para corrigir a coleção de monstrosinhos enfileirados nos bancos, contava com a aprovação tácita e completa da família...A palmatória era o castigo usado... Negociavam-se palmatoadas futuras prometidas, que deveria caber ao faltoso... Nos casos mais difíceis, quando o mestre julgava tais penas insuficientes para a falta cometida, punha a nu as nádegas do paciente, de quatro pés, flagelando-as chicote... ( MENEZES, 1966,p. 352-354)

Esse era o retrato da escola nas palavras de MENEZES(1966), durante as primeiras década do século XIX no Ceará. Uma outra obra, *Ceará (homens e fatos)*, está sob a influência das metodologias positivistas que privilegiavam só o documento, peculiaridade marcante dos historiadores, durante todo o século XIX e meados do século XX, até sofrerem uma forte influência Francesa da escola dos *Annales*, ampliando a percepção do conceito de fontes. Os traçados da pena de João Brígido, em suas narrativas sobre a Escola, nas primeiras décadas do século XIX, mostra-nos os rituais da escola em sua infância. No dizer de Brígido:

O ensino daqueles tempos se ressentia da crueldade, que era peculiar aos homens de governo, e andava associada a toda idéia de mando. Os pais de família corrigiam seus filhos serviciando-os a chicote; os mestres faziam outro tanto por delegação deles era consenso universal.A escola inspirava horror aos rapazes e não era de balde. Além do castigo usual a palmatória e outros, havia o que se chamava “tomar a cavalo”. Às costas de um rapaz, posto de quatro pés, ...lhe

flagelavam as nádegas com disciplina ou chicote! Eram os efeitos de máxima voga – *Littereo non intrat sine sanguine* . Toda sorte de estímulo tinha por base a violência e aos maus tratos. Haviam apostas e o prêmio do vencedor era bater o vencido! Faziam-se presentes aos discípulos, que se distinguiam em algumas coisas e consistiam estes em perdão de certa quantidade palmatoadas, que no futuro lhes viesse a caber., Esses títulos eram às vezes transferíveis! Finalmente, os mestres estabeleciam o antagonismo entre os rapazes, dividindo-os em Tróia e Grécia e os partidos se palmatoavam argüindo-se. Vencedor considerava-se aquele que mais bolos dava no seu rival e nisso consistiam as glórias do combate... Frequentavam a escola ordinariamente rapazes de mais de 12 anos, por isso é que as crianças não resistiam a tão duro regime. E os Mestres, entretanto, bem pouco sabiam, salvo os de latim, matéria que se estudava com muito ardor, tendo-se em conta de erudito quem vertia os clássicos, bem que os não entendesse.

(BRÍGIDO,2001,p.260-261)

No artigo de MENEZES(1966), o autor afirma que, na lei de 19 outubro de 1827, é conferida às câmaras municipais a incumbência de inspecionar as aulas Primárias. Quanto ao ensino, seriam empregados “outros métodos, entre eles o método lancastriano.”<sup>128</sup> Ainda relata a criação de outras leis, que regulamentavam a Instrução Pública, segundo MENEZES (1966). Comenta que, no período, até a criação do Liceu, em 1844, a grande personalidade engajada e comprometida com a instrução pública era o Pe. José Martiniano de Alencar e que, por esses tempos, o seu espírito empreendedor, sua cultura notável, seus ideais educacionais eram para além do seu tempo. Mesmo assim, não

---

<sup>128</sup> MENEZES, Djacir. *A Educação no Ceará. Repasse histórico-social (das origens coloniais a 1930)*.IN MARTINS FILHO, Antônio e GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. 3ª ed. Fortaleza; instituto do Ceará, 1966. p. 355.Cf.GIRÃO, Raimundo.*Educandários de Fortaleza*.Revista do instituto do Ceará.Tomo LXIX 1955.p.50-71. Era um método baseado na premiação dos alunos. Em vez das palmatoadas que estes tomavam para aprender a lição ou dedicar-se ao estudo conteudista, o aluno era incentivado por premiações. Além disso, aparecia a figura do aluno mestre, capaz de ensinar a outros alunos a partir do chamado método mútuo.

diminuíramos os índices estatísticos da Instrução Pública. “o número de analfabetos era grande.”<sup>129</sup>

Estávamos, no Ceará, tanto quanto estávamos no Brasil, recebendo as brisas dos primeiros ventos que sopravam na Europa. Ventos de mudança não só no âmbito político, institucional, mas também pedagógico. A pedagogia, na Europa, desejava, desde já, começar a alcançar o patamar de ciência, de acordo com CAMBI (1999), como qualquer outra arte de saber elaborado. Porém, segundo DURKHEIM (1978), em seus estudos, ainda levaria tempo para a pedagogia ser uma ciência, ou melhor, ser a ciência da educação. A pedagogia, nessa época, ainda construía os seus postulados metodológicos ( Idem), e, no máximo, seria uma das ciências que comporiam o cabedal de ciências que legitimaria a Educação como um saber elaborado.

De acordo com o que nos fala MENEZES (1966) sobre o Ato adicional de 1835 e sobre sua dinâmica, a influência deste ao incidir sobre as terras alencarinhas deixa, no tempo, na leitura do Ato adicional, os rastros de sua atuação em um artigo da lei de 1836 (não citado). Em pesquisa percebemos que este artigo da lei se tratava da Lei Provincial de Nº 50 de 20/ 09/1836 A Lei “Tratou, inicialmente, de regulamentar a instrução pública e as medidas que determinou, demonstram a clareza de seu espírito administrativo.”<sup>130</sup> Segundo Menezes, o artigo da lei diz:

---

<sup>129</sup> MENEZES, Djacir. Op. Cit.355-359. O padre José de Alencar era filho da heroína Bárbara de Alencar, separatista, republicana, que participou da Confederação do Equador (Movimento de desejosos que queriam antecipar a criação da república, no nordeste, em 1824). O padre foi nomeado presidente da província do Ceará (1834-1836). Os historiadores do Ceará - como Raimundo Girão, Plácido Aderaldo Castelo, Djacir Menezes, Thomaz Pompeu de Souza B. Filho, Barão de Sturdat - apontam as diretrizes e reformas do seu governo. A força do Ato Adicional de 1834, promulgado em 12 de agosto do corrente ano, dava um outro sentido à constituição imperial de 1824 e impulsionava o espírito das letras, realizando benfeitorias e melhorias à Instrução Pública no Ceará. Por força desse ato do governo central, as Assembléias Legislativas Provinciais ficavam incumbidas da criação e da organização dos Liceus provinciais (Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco). O Colégio Pedro II era o modelo pedagógico dos liceus da época, copiado do modelo francês. É um corte, um marc, no pensamento pedagógico no Ceará. Era uma “mentalidade notável para o seu tempo”( Id. Ibidem. 356). Este ato adicional de 1834 dava o direito das Assembléias Legislativas não só de LEGISLAR, mas de administrar a Instrução Pública, transferindo responsabilidades às províncias do desenvolvimento do fenômeno Educacional, além de gerirem os caminhos da Instrução Pública (aqui, entendida por escola primária e secundária). Em 1840 retornaria a Presidência da província, porém afastar-se-ia, em 1841, com o golpe da maioria. Segundo MENEZES (1966), os governantes que se seguiram utilizavam o plano de trabalho de Alencar no que se refere a Instrução Pública, pois, já sabiam, segundo o autor, que o preço da civilização era feito em cima da construção das letras, formando o espírito. O General José Maria da Silva Bittencourt informa que, no ano de 1844, já existiam, no Ceará, 44 cadeiras de ensino primário, sendo cinco destinadas ao sexo feminino.

<sup>130</sup> MENEZES, Djacir. Op. Cit.355-359.

ARTIGO 10.- O governo dará aos professores as instruções para regulamento das escolas, e sobre o que julgar mais interessante aos mesmos professôres e alumnos, a fim de se manter a ordem e promover o adiantamento, podendo desde já usa-se castigo com palmatória, contanto que não se exceda de quatro(4) bolos diariamente, e nos arguimentos da tabuada o aluno dará um bolo no outro, cada vez que este errar.(MENEZES, 1966, p.356)

Aponta, ainda, o historiador MENEZES (1999) que a Lei de N° 91 DE 5 /10/1837, ainda no governo de José Martiniano de Alencar, criaria, na capital, de forma provisória e temporária, “a Escola Normal de primeiras letras e que adotaria o método Lancaster.”<sup>131</sup> A escola ainda era um privilégio para uma minoria do povo. A escola continuava destinada a uma reduzidíssima elite de letrados. Castelo, relatando o período, diz-nos:

Por ora de certo não temos, guardadas algumas pequenas exceções, mestres que mereçam este nome não teremos jamais pelo método ora seguido; porque os pequeninos ordenados não convidam os homens capazes a se encarregarem da possível tarefa de dirigir a mocidade. Quanto ás aulas maiores da capital, e que por ora não tem alunos, eu desejava que seus professores fossem aproveitados para o ensino das primeiras letras.(CASTELO, 1970, p.66)

Em 1844, existiam na província do Ceará 33 escolas do sexo masculino, 5 do sexo feminino, 605 matrículas de meninos, em um total de 668 matrículas em todo o estado.

A pedagogia utilizada era a tradicional humanística clássica dos jesuítas. Reuniam-se, em uma mesma sala, alunos com diferentes graus de aprendizado: era o método simultâneo de aprendizagem. Em 1844 era criado o Liceu, instalando-se em 19 de

outubro de 1845. Suas cadeiras eram: Filosofia racional e moral, Retórica e Poética, Geometria, Trigonometria, Aritmética, Geografia e História, Latim, Francês e Inglês.

O Pe. Thomaz Pompeu de Souza Brasil é o inspirador e orientador do nascimento do liceu. Em 1853, havia 74 cadeiras de instrução primária, 51 do sexo masculino e 23 do sexo feminino, e existiam mais 13 escolas criadas, conforme MENEZES (1966).

Desejamos pontuar que o Liceu foi uma ação política oriunda do ato adicional de 1834, que se consolidaria anos depois na instrução secundária de Fortaleza, aos moldes do “colégio Pedro II no Rio de Janeiro.”<sup>132</sup> O ensino secundário beneficiava uma porção da população que buscava os cursos superiores. Destinava-se, praticamente, ao ingresso dos filhos dos ‘homens livres’ e de origem fidalga que tivessem condição econômica de custear o aprendizado superior em faculdades e centros formadores por excelência. Era a aristocratização do ensino e o monopólio da coroa, diminuindo o acesso à Instrução Pública, de acordo com Tobias (1978).

Chegávamos às décadas de 1870 à 1880 com poucas mudanças de fato para diminuir o índice de analfabetismo, mas comprometidos em instruímos os filhos da elite senhorial e provincial do Ceará. Parece-nos importante declararmos, ainda de forma incipiente, uma hipótese que nos foi ‘tomada de assalto’. Poucos eram os mestres da Instrução pública que, por esse tempo, eram bacharéis, principalmente entre aqueles que faziam a instrução primária ou as ‘primeiras letras’. O que nos evoca a desconfiança levantada também nessa pesquisa no momento em que fazemos o levantamento das fontes e no momento em que dialogamos com as mesmas. Ocorreu-nos a suspeita da inserção de bacharéis, em suas práticas docentes de sala de aula, e/ou pedagogizando a literatura, somente nos últimos decênios do século XIX. Porém, não podemos deixar de destacar, ainda que de forma incipiente, a nossa ‘desconfiança’ sobre a educação nesse período. O liceu do Ceará foi criado em 1844, no plano político, vindo a “ser construído só depois”<sup>133</sup>. A Escola Normal já existia como ação política desde o final da primeira metade do século

---

<sup>131</sup> Sobre o referido tema. Escola Normal, os atos e anais históricos de criação, reformas educacionais. Cf. SILVA, M<sup>a</sup> Goretti Lopes Pereira. Op. cit. Pesquisadora, assim como nós do Núcleo de História, Memória e Política Educacional, do programa de pós-graduação da FACED-UFC.

<sup>132</sup> Sobre este assunto, Cf. OLIVEIRA, Almir Leal de. Op.cit.,p.40

XIX, vindo a ser construída de fato com o assentamento da pedra fundamental, somente em 1881. A Escola Normal funcionaria de fato em 1884. O jornal da época o *Cearense* declara:

Hoje ás 11 horas do dia terá lugar a cerimônia de assentamento da primeira pedra do edifício destinado à Escola Normal que se tem de erigir nesta capital à Praça Marquês do Herval. É de esperar que esse acto se realiza toda a solenidade ( “o Cearense”, 02/10 1881, p.02)

O Liceu era um Curso de 3 anos e a Escola Normal possuía, em seu currículo, as seguintes matérias: Português, história, Filosofia Moral, Religião, Corografia, Matemática elementares, Física, Higiene, Pedagogia teórica e prática.<sup>134</sup> Mas se os professores da instrução pública primária ainda não tinham um lugar de formação de docentes, quem dava as aulas no período de criação destas instituições no século XIX? Eram, em sua grande maioria, os mestres régios, sabatinados por uma mesa censória do período imperial, e nem todos eram bacharéis. Contudo, isso é uma possibilidade de pesquisa a ser comprovada em outros estudos. O diretor da Escola Normal era o pedagogo José de Barcellos, membro do clube literário descrito no capítulo II dessa pesquisa. O Atheneu Cearense abriu as suas primeiras matrículas no dia 8 de janeiro de 1863, era um colégio particular. Grandes personalidades da cultura letrada cearense, no Século XIX, passaram no seu “regime de internato e semi-internato”<sup>135</sup>

No período de 1875 à 1879 está a maior média até então registrada no ensaio estatístico, com Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil Filho, relatando que existiam 3827,2 matrículas de um total de 225, 4 escolas. Ao final do século XIX, a província já possuía mais de 750.000 habitantes. Em pesquisa, levantamos o surgimento de vários colégios particulares durante a segunda metade do século XIX, após a criação do Liceu.

---

<sup>133</sup> GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. vol. col. Estudos Cearenses. Fortaleza . ed. Universidade Federal do Ceará 1984. p. 214-215. Relata, Girão: “ o que assinala, em verdade, o começo da educação e ensino no ceará, é a instalação do Liceu em 1845, com sede em fortaleza.” ( Id. Ibidem, p.215)

<sup>134</sup> Sobre o Currículo da Escola Normal, sua pedagogia Experimental, psicologia Experimental e métodos. Cf SILVA, Mª Goretti Lopes Pereira.Op. cit. O período pesquisado pela autora é 1884 à 1922.

<sup>135</sup> Sobre o Atheneu Cearense, ver as notas de roda pé 69-70, ou olhar os relatos de Rodolfo Teófilo e Cf. Teófilo, Rodolfo: O Atheneu. In Almanach estatístico, Administrativo, Mercantil e Literário do Ceará ano 1922. p. 499-508. Caso desejo uma outra leitura sobre a escola o Atheneu Cearense,Cf. Girão, Raimundo. Educandários de Fortaleza : Imprensas Universitária do Ceará, 1956.

Numa pluralidade causal, atribuímos os seguintes fatores ao processo educativo e ao desenvolvimento da instrução básica no século XIX: **primeiro**, a inserção de práticas docentes de bacharéis em sala de aula e uma ocorrência menor de mestres régios. **Segundo**, a influência direta dos ventos e reformas que aconteceram na Europa, os quais analisamos como raízes exógenas da educação cearense. **Terceiro**, aos atos de descentralização política que aconteceram no império no chamado período regencial. Uma forma de influência das idéias liberais do século XIX. **Quarto**, a tônica do momento que circulava nos círculos letrado, a formação da identidade nacional e a polêmica do estado-nação, disso decorrem uma infinidade de possibilidades de análises históricas e filosóficas. Temos uma estrutura social, um estado, mas não temos uma nação. **Quinto**, a questão da pedagogia no século XIX, desejando firmar-se como uma ciência, resultando diretamente desse fato não só a criação de outros métodos pedagógicos, mas também a idéia de que a educação era um apanágio dos males sociais. A educação resolveria todos os problemas sociais. Por **último**, a questão do entusiasmo pela educação e, posteriormente, fruto e consequência direta dessas ações, o otimismo pedagógico no século seguinte.

É importante salientarmos que essa ‘ordem causal’ não se deu de forma igual nem seqüencial no Brasil e, principalmente, em uma província cuja economia dava-se a base da cultura algodoeira, do charqueado e das secas, como o Ceará. Nessa temporalidade, o intercambiamento de campos e capitais simbólicos, segundo BOURDIEU (1992), permite-nos rastrear a história das práticas e das representações culturais, de acordo com CHARTIER (1990).

O campo literário e o educacional estão, nessa pesquisa, desde o início imbricados não só nas narrativas como na escrita, sendo demonstrada a possibilidade de pontes existentes e estabelecidas em tempos pretéritos pelas trocas de capitais simbólicos e pelo intercambiamento entre os campos.

Em levantamento tímido sobre a educação e o sistema educacional no Ceará do século XIX, desejosos de aprofundarmos os estudos posteriores em tese de Doutorado, gostaríamos, ainda, de contribuir ao inventário de fontes sobre a história da educação, iniciada por outros pesquisadores, professores orientadores do Núcleo de História, Memória e Política Educacional do programa de Pós-Graduação da FACED-UFC. Traçamos uma tímida linha do movimento da história da educação no Ceará (educandários e anos de



criação). Ao término do século XIX, o Estado contava com “336 escolas, nas quais estavam matriculadas 11305 alunos, Hebert era o método de ensino, onde a memória da criança era o único elemento explorado pelo mestre”<sup>136</sup> existia o embate entre a pedagogia tradicional humanística e as pedagogias ‘experimentais’ científicas. Os educandários de Fortaleza mais destacados até o final do século XIX<sup>137</sup> seriam: *Liceu*(1845), *Atheneu Cearense* dos Costa Mendes(1863), *Colégio da Imaculada Conceição* (1864), *Panteon Cearense* de Pedro da Silva Elena.(1870), *Colégio Cearense* do Pe. Luiz Vieira.da Costa Perdigão. (1870), *Colégio Universal* (1875) *Colégio São José* do Pe. Dr. Ananias Correia do Amaral(1876), *Instituto Cearense de Humanidades* do Pe. Bruno Rodrigues da Silva Figuredo.(1879), *Colégio Santa Rosa de Lima* das Irmãs Amaral(1881) *Partenon Cearense*(1882), *Ateneu Cearense* sob a administração do Dr. Torres Portugal(1882) *Escola Cristã* do Pe. Liberato Dionísio (1882) *Escola Normal* (1884), *Colégio São Luís*, antigo instituto de humanidade do Pe, Bruno, agora sob os cuidados dos Pe. Antônio de Sousa Barros e o Pe. Antônio Lopes de Araújo(1884), O Externato Santa Tereza de Jesus, de Rufina Rossas(1886), *Nossa Senhora da Vitória de Maria Mendes Gondim* (1887), *Jardim da Infância* de Maria Sedrim (1887), *Telêmaco* de Lucíola Pagels (1887), *Ginásio Cearense* do profº Anacleto de Queirós ( 1887), *Nossa Senhora de Lourdes* de Ana Bilhar(1889 em Guaramiranga e 1896 em Fortaleza), Externato Santa Clotilde, da professora, romaancista e poetisa Francisca Clotilde (1891), *Instituto de Humanidades* do Profº Antônio Augusto de Vasconcelos e o cônego Vicente Salazar(1892), *Externato Florisa* de Lino da Encarnação(1892) *Colégio Da Assunção* das Irmãs Professoras Maria Teresa, Isabel Maia, Julia Maia(1887) *Escola Americana* do protestante Lacy Wardlaw (1900), Externato Colombo(1902) *Instituto de humanidades* de Joaquim Nogueira.(1904) *Instituto Miguel Borges*, de Odorico Castelo

---

<sup>136</sup> ALVES, Joaquim. O ensino primário na primeira metade do século XX. Revista do Instituto Histórico E Antropológico do Ceará. Fortaleza TOMO LXVIII, 1958, p.129

<sup>137</sup> GIRÃO, Raimundo. *Educandários de Fortaleza. Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Tomo LXIX 1955.p.50-71 Estes dados foram entrecruzados com alguns relatórios da Secretaria de Instrução Pública, encaminhados a Assembléia Legislativa Provincial. Alguns dados não foram tratados devidamente, estão ainda em fase de análise e de elaboração de outros estudos e artigos. Pluralidade de fontes às vezes pode trazer complicações ao historiador, tal qual o fenômeno antagônico da escassez das fontes na análise. São estes os relatórios da Instrução publica: 1845, 1847, 1852, 1853, 1855, 1863, 1865, 1867, 1868, 1869, 1870, 1873, 1875, 1877, 1880, 1883, 1884, 1885, 1888, 1890, 1892, 1893, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905.

Branco, depois passou a ser chamado pelo Dr. Sila Ribeiro Colégio Castelo Branco..(1900-1921).

Fortaleza possuía uma população de 48369 habitantes, de um total de 849118 no Ceará. Destes, como anteriormente dito, pouco mais de 13000 eram escolarizados e letrados. Percebe-se, pelos índices estatísticos da época, que existiam uma grande quantidade de analfabetos e iletrados espalhados por todo o Ceará no final do século XIX. Tal informação é compatível com a primeira Ironia à Instrução Públicas e privadas, encontradas no jornal o *Pão*, órgão socializador das idéias da Padaria Espiritual e já apresentadas em análise no capítulo anterior.

A instrução pública não era tão romanticamente desenvolvida como em algumas análises narradas por alguns em seus ‘contos históricos.’<sup>138</sup>No ano de 1900, os ensinos primários e secundários mantidos pelo estado “não podiam se desenvolver sem

---

<sup>138</sup> VIEIRA, Sofia Lercher. *História da Educação no Ceará: Sobre Promessas Fatos E Feitos.Fortaleza*.Edições Demócrito Rocha, 2002. Essas são reflexões ocorridas quando abordamos as leituras em livros sobre história da educação. A intenção, ao ler diversos autores, é a de acrescentar, apropriar-se de métodos de pesquisa, saber como se faz e como foi feito. Esse é um livro que, apesar dos esforços de uma equipe de pessoas para publicá-lo, talvez como fonte de pesquisa para um segundo grau Normal, apresenta uma infinidade de problemas de metodologias em pesquisa histórica e em suas análises, em determinados períodos. As dificuldades de leitura começam com um tempo de ‘extrema duração’ e não de longa duração, além da pretensão de reconstrução do real, colocando que a história da educação pode ser contemplada somente pela análise do determinante político e das reformas educacionais. A história da educação é bem mais ampla, não é só analisada pelo político, pelas reformas educacionais. Ela pode ser abordada pelos rituais da escola, pelos sistemas de educação comparados, pelas práticas docentes, pelas representações dessas práticas, pela história do livro e da leitura, pelas idéias educacionais de um tempo, pelo falar sobre educação na cultura letrada e pelas impressões dos que pertenceram a determinado tempo, analisando seus discursos. O pesquisador tem a pretensão de ‘reconstruir fragmentos’, digo ‘fragmentos dessa realidade pretérita’ e não abarcar toda realidade passando por cima de criteriosas análises de tempo, promovendo erros significativos de datação e do tratamento de fontes. A história da educação pode ser construída ainda pela análise das influências das idéias, teorias, pelo movimento e pela vida de intelectuais que trocavam capitais simbólicos sobre a educação, pelo entrecruzamento com literaturas romaneadas. Pode-se realizar e construir a história da educação fazendo o uso da memória como recurso metodológico. A própria história da pedagogia, que muitos querem afirmar ser a história da educação em sua totalidade, tem muito a contribuir, mas os métodos empregados no aprendizado escolar não podem ser confundidos com o fenômeno total. A variedade de metodologias e a pluralidade de teorias sobre metodologias sócio-históricas permitem (mas não afirmam) que a história da educação é somente das reformas e nem dizem que a sua construção dar-se-á somente no âmbito político realizando metáforas sobre LDB(s) no século XIX. A história da educação caminha para uma pan-história, isso se atribui pela pluralidade de fontes e pelo tratamento dado às mesmas. Esses são erros cometidos por um pesquisador inexperiente, com pouco calibre de leitura, alguém assim como nós, que estamos concluindo o mestrado e temos a pretensão de alcançar outros estudos, outras leituras. Esse diálogo científico sobre a obra *História da Educação no Ceará: Sobre Promessas Fatos e Feitos* gerou profundos questionamentos de como realizamos a história da educação de uma maneira científica, isso foi uma grande contribuição as nossas pesquisas e elucubrações metodológicas. Tais erros não podem ser cometidos por um autor, um intelectual que saiu das páginas do anonimato para os anais da história da educação no Ceará.

verbas necessárias.”<sup>139</sup> A matrícula nas escolas elevou-se a 11305, sendo 5340 do sexo masculino e 5965 do sexo feminino, “deixaram de remeter os mapas estatísticos 62 escolas”( Idem). Segundo Joaquim Alves, a história da instrução pública no Ceará no século XX pode ser “dividida em três períodos: de 1901 a 1922, deste ano a 1930 e de 1930 até o presente”<sup>140</sup>

Sobre o século XIX e a educação, Girão , em seu artigo *educandários do ceará*, começa a narrativa dizendo: “o recuo ao passado de um século vai conduzir-nos até uma cidade a que, pode dizer-se, faltava tudo. É a capital cearense.”<sup>141</sup> Fortaleza crescia, novos traçados urbanos embelezavam a cidade com boulevards, disciplinamento urbano, construção de ruas, códigos de postura, conforme nos diz PONTE(2000), novas idéias, novas pedagogias, novos métodos. Os últimos decênios do século XIX são o momento em que as pedagogias ‘experimentais’, científicas, aportam nas terras alencarinas.

O naturalismo-realismo, metamorfose estética do romantismo, influenciava ‘o imaginário’, o sentimento dos autores, intelectuais, homens de letras no final do século XIX. As idéias científicas, imbricadas à metamorfose estética do naturalismo, agregavam-se ao cotidiano, transformando os agentes histórico-sociais em sua temporalidade. O homem do século XIX, em grande parte, já é um homem secularizado. A ideologia científica como guardiã da ‘verdade’ intercambiava, tornava-se permissiva em vários campos. O século XIX marca o período em que a pedagogia deseja ser científica, segundo CAMBI(1999). No Ceará do século XIX, os ‘ventos de mudança’ atracariam como um navio, de forma segura, nas últimas décadas (1870-1900). No período chamado ‘Belle Epoque’, acontecia o embate entre pedagogias tradicionais clássica humanísticas e as pedagogias ‘experimentais’ científicas. É nessa temporalidade que o naturalismo literário estabelece pontes simbólicas, trocando capitais lingüísticos, intercambiando campos com o naturalismo pedagógico. Os Padeiros-Educadores vivenciaram estas experiências que

---

<sup>139</sup> ALVES, Joaquim. Op.cit., 132.

<sup>140</sup> ALVES, Joaquim. Op.cit., p.132.-133. Por que o autor omitiria o século XIX? Por que a lacuna, o esquecimento das fontes referentes ao século XIX? Acreditamos que a omissão do século XIX dava-se pelo fato de todo o país estava engajado no processo de construção de identidade nacional e as elites cearenses do final do século XIX estavam interessadas em desenvolver a província ou a cidade de Fortaleza, inserido-a na lógica do capital internacional, higienizando-a, promovendo reformas urbanas, afrancesado Fortaleza. Civilizar-se era também educar o cidadão e, com índices tão altos de analfabetismo, seria uma decepção. Para o final do século XIX, isso não era compatível com os ideais de civilização, de moderno, de uma nação evoluída e também pelo próprio recorte temporal do objeto do pesquisador.

<sup>141</sup> GIRÃO, Raimundo. Op.cit.,p.50

constituíam o social. Como não podiam fugir às questões pertinentes de sua temporalidade, acompanharam todas efervescências literárias, filosóficas, pedagógicas dos últimos decênios do Século XIX. Tempo da existência factual da Padaria Espiritual.

### **4.3 A influência do Naturalismo-Realismo Literário, nas pedagogias Naturalista e ‘experimentais’ no Ceará, ao final do século XIX( 1880-1900)**

Datam de 25 de abril de 1880 os primeiros bondes puxados a burros, na capital cearense. Constavam de 25 bondes. Cada bonde podia conduzir 25 passageiros, distribuídos em cinco bancos. Pequenininos, modestos, dirigidos por um boleiro, quase sempre enfiado num fraque, os primitivos bondes semelhavam, no formato, uma caixa de fósforo, tendo umas cortinas que escorriam balaústres abaixo, em proteção ao calor do sol e bátegas da chuva. (*Crônicas históricas de Fortaleza Antiga*, Raimundo de Menezes)

Durante os últimos decênios do século XIX, Fortaleza é ‘tomada de assalto’ por uma série de movimentos literários, filosóficos, científicos. Sopravam ‘ventos caudalosos’ de mudanças com uma grande adesão dos “intelectuais engajados, escritores, intelectuais-totais, homens letrados das terras alencarina.”<sup>142</sup> Não só inseriam o Brasil numa dinâmica Local-global, mas faziam as províncias imperiais adequarem-se à lógica do nacional-global. As ideologias do momento são: ‘Temos um estado, mas não temos uma nação’, ‘A ciência é a única guardiã da verdade’, ‘Acabemos com todo elemento sobrenatural no cotidiano dos homens’, ‘ordem e progresso’, ‘vamos ser uma civilização nos trópicos’. Os acontecimentos, os fenômenos estão interligados.

No século XIX, muitas idéias, tendências, correntes, posturas, discursos aconteciam. Os centros formadores dos bacharéis (Recife, Salvador, Rio de Janeiro) agiam não só como porto-seguro para os ideais do século XVIII, mas funcionavam como disseminadores das transformações acontecidas no século XIX. São as Raízes Exógenas de nossa sociedade. Há transformações sociais por confluência, reservando, é claro, o contexto social, histórico, político, econômico e a construção social do real (a cultura e a ‘cultura letrada’) de cada lugar. É, basicamente, nas observações e levantamentos das fontes Primária

---

<sup>142</sup> Ver o tópico do capítulo II, com o título: *Elementos para se compreender a Educação no Final do Século XIX: A influência das agremiações literárias pedagogizando a literatura*. É bom também lembrar o

e Secundária, em locais ainda não bebidos e outros já levantados, que a pesquisa serve-se desse expediente. As fontes entrecruzadas com uma hermenêutica própria, peculiar de cada pesquisador, produzem narrativas distintas, que possibilitam a leitura de um fenômeno e de suas variações. Foi assim que verificamos a “pedagogia no século XIX”<sup>143</sup> querendo ser uma ciência, conforme CAMBI(1999). O pensamento social no Ceará não pode fugir a sua temporalidade. Existia “uma crença, missionária literária”<sup>143</sup>, no Ceará das décadas 1870 a 1900. Antônio Bezerra, um grande historiador, em artigo na revista *A Quinzena*, órgão do clube literário, falando sobre o Ceará, dizia “ Por toda parte se fundam sociedade com o fim de propagar o Ensino”<sup>144</sup>”

Gostaríamos de relembrar ao leitor o fio condutor, anteriormente seguido, rastreando e acompanhando o movimento das tensões e transformações sociais já apresentadas. Diversos fenômenos sociais eclodiram no Ceará ao final do século XIX, justamente nas décadas 1870 a 1900. Ocorre, nestas décadas, a maior efervescência literário-filosófica nas terras alencarinhas.

Nos últimos decênios do século XIX ocorrem ‘Estranhas coincidências’, ‘estranhos ventos’, ‘estranhos fatos vindo por confluência’, ‘estranhas tendências literárias’ que começavam a desenvolver o naturalismo-realismo. No Ceará, no final do século XIX, surgiram ‘estranhas formas de atacar’ a pedagogia tradicional jesuítica feita pelos membros

---

contexto social-histórico, apresentado no segundo capítulo, para situar Fortaleza dentro da dinâmica Nacional-local.

<sup>143</sup> Muitos autores, nesse século, reelaboram os pensamentos de escritores do século XVIII, como Rousseau e Kant, e até pensadores mais antigos, como Lock, Decartes e Bacon. Outros, no século XIX, adquirem pensamento próprio, sempre ressemantizando leituras anteriores, dando sentido a outros autores. É o caso de Marx, que leu somente quase todos os autores anteriores ao seu pensamento, de Hegel e de Comte. Os pensadores do século XVIII e os enciclopedistas inauguraram uma ‘pedagogia política’. Contudo, é o século XIX, o século, de fato, em que o predomínio das idéias científicas de Darwin, Spencer, Comte, ‘O POSITIVISMO’ influenciaram o cotidiano. O positivismo era entendido não só como o comtiano, mas como toda idéia que preconizava no mundo a secularização do homem, os ideais científicos, que articulavam um plano burguês de construção de uma sociedade e um projeto político compatível com os ideais iluministas. Os mentores intelectuais do século XIX tinham bebido nas ‘fontes dos séculos anteriores’, eram, em sua grande maioria, ‘iluministas tardios.’ E muitos homens de ciência percebiam a ‘roda do instrumental-técnico’ transformando o cotidiano dos homens. As luzes que brilhavam no século XVIII eram o substrato da construção do século XIX. As idéias que fundamentavam a pedagogia do século XIX, também como toda construção de conhecimento humano, tinham suas ‘Raízes Exógenas’. O Ceará do século XIX e a história do pensamento social no Ceará não podiam fugir a sua temporalidade e às questões extemporâneas. Muitos autores que falam sobre filosofia e história da educação defendem esse ponto de articulação. É O CASO DURKHEIM (1978),CAMBI (1999), AZEVEDO (1951). Todos esses autores corroboram essas idéias quando se articulam de modo a falar sobre a educação no século XIX.

<sup>143</sup> Ver nota 34.

da Academia Francesa, em sua Escola Popular, ‘estranhos aparecimentos’ de uma infinidade de escolas particulares que propunham novos métodos de ensino, ‘estranhos aumentos nas matrículas de meninas na instrução pública e privada’, ‘estranhas remodelações urbanas’ no período Fortaleza ‘Bella Epoque’, PONTE (2000), ‘estranhas tendências’ ao naturalismo pedagógico, estranhos livros de literaturas que falavam sobre a escola: *A Normalista*, de Adolfo Caminha (relatando o local) e *O Ateneu*, de Raul Pompéia (relatando o Rio de Janeiro, a corte, o império, a dinâmica Nacional, escrito pelo autor aos 32 anos, por volta 1874 a 1879). Em pesquisa percebemos que Raul Pompéia fora aluno do colégio Pedro II e fora republicanista. O livro é uma narrativa de sua infância, segundo a crítica literária, ‘estranhas coincidências’, ‘estranhos fenômenos sociais’....

Atribuímos a esse fato (o desenvolvimento da educação e do sistema de ensino no século XIX), numa pluralidade causal em colocação ainda nesse capítulo, os seguintes fatores: **primeiro** a inserção de práticas Docentes de bacharéis em sala de aula. **Segundo**, a influência direta dos ventos e reformas que aconteceram na Europa, onde analisamos como raízes exógenas da educação cearense. **Terceiro**, aos atos de descentralização política que aconteceram no império no chamado período regencial. Uma forma de influência das idéias liberais do século XIX. **Quarto**, a tônica do momento que circulava nos círculos letrado, a formação da identidade nacional e a polêmica do estado-nação, disso decorrem uma infinidade de possibilidades de análises históricas e filosóficas. Temos uma estrutura social, um estado, mas não temos uma nação. **Quinto**, a questão da pedagogia no século XIX, desejando firmar-se como uma ciência, resultando disso, diretamente, não só a criação de outros métodos pedagógicos, mas também a idéia de que a educação era um apanágio dos males sociais. A educação resolveria todos os problemas sociais. **Por último**, a questão do entusiasmo pela educação e, posteriormente, fruto e consequência direta dessas ações, o otimismo pedagógico.

A historiografia da literatura cearense era influenciada pelas idéias da história dos intelectuais, memorialistas de nossa terra, baseada numa tradição positivista de construir o relato ficcional da narrativa, imbricada com o documental, o empírico, o factual, num texto claro, correto, bem desenvolvido às vezes um tanto romântico, mas científico..

---

<sup>144</sup>.Bezerra, Antônio. O nosso Progresso. Op.cit.,p.52. Não reproduzimos o artigo por entender que o mesmo já se encontra na íntegra no corpo do trabalho no segundo capítulo da Dissertação.

Aceitamos os prestigiosos e valorosos esforços de nossos brilhantes historiadores e antecessores. Suas infundáveis catalogações e levantamentos de fontes propiciam o desenvolvimento de qualquer trabalho de pesquisa. Contudo, esse trabalho de pesquisa ainda é uma construção, um fragmento do real, do acontecido, do vivido, do experimentável, dos sentimentos ditos e não ditos, das histórias contadas, narradas, dos contos, das ‘estórias’, dos fatos que fizeram sentido e criaram outros no imaginário de muitos leitores e que produziram muitos outros consumidores de produtos culturais, mas também construíram muitos livros e leitores.

Esse trabalho de pesquisa, mesmo assim, só acrescentaria não só à educação o campo de saber, o ‘lugar,’ onde estamos falando, como também, intercambiando outros capitais simbólicos e estabelecendo ‘outras pontes’ BOURDIEU (1992).

Em Fortaleza no fim do século XIX, tínhamos Água Potável(1867) *Biblioteca Pública* (1865), cabos submarinos, serviços telefônicos(1883) *Instituto Histórico Geográfico do Ceará* (1887), uma infinidade de “agregações literárias<sup>145</sup>,” *clube literário* (1887), A terceira planta de Adolfo Herbster (1888), devido à explosão demográfica oriunda dos êxodos dos retirantes das secas que varreram o Ceará nas décadas de 1870 a 1880. A primeira planta do engenheiro Herbster data de 1875.

A província do Ceará, nas décadas de 1870 a 1890, é de um comprometimento literário tremendo. Muitos escritores, intelectuais-totais, homens de letras, intercambiavam capitais simbólicos, estabeleciam ‘pontes’ com o naturalismo-realismo literário.

---

<sup>145</sup> Ver Nota 33. Caso o leitor deseje compreender algo mais, perceber a leitura do segundo capítulo, *O contexto sócio-histórico dos Padeiros em Fortaleza no final do século XIX*. Nesse capítulo preparo o leitor para entender que todas as questões que eram discutidas nos círculos letrados estavam interligadas. É nesse período, o final do século XIX, que a educação é redentora dos males sociais. Ser civilizado é ser educado, é ter cultura letrada, é ser moderno, é estar inserido e comprometido com as idéias construtoras de mundo nesse século, eletricidade, ferrovias, avanços tecnológicos. É acompanhar o modelo Francês da ‘Belle Epoque’. É possuir uma pedagogia baseada nas últimas teorias pedagógicas que estavam transformando o modelo educacional Francês, era ter um sistema de ensino laico, era possuir uma pedagogia ‘experimental’, científica, evolucionista, naturalista, positivista. São pedagogias distintas, baseadas em matrizes educacionais distintas. Contudo, atendiam aos ideais burgueses internacionais e nacionais da época. A educação tinha que ser laica, e, no Ceará, cresce a disputa nos jornais que pedagogizavam a literatura em sua temporalidade, os últimos decênios do século XIX. Nesse tempo, os jornais eram verdadeiros espaços de disputas e enunciação dessas propostas. O Ceará provincial da 2ª metade do século XIX veria nascerem muitas escolas e muitos embates pedagógicos entre a pedagogia tradicional humanística católica jesuítica, de acordo com TOBIAS (1978) (com seu método o ‘*Ratium Studiorum*’) e as pedagogias ‘experimentais’ e seus métodos. A mais patente em pesquisa era o Naturalismo pedagógico.

A província estabelecia o seu vínculo com o naturalismo e alguns aderiam à metamorfose estética do romantismo “como critério de ascensão social<sup>146</sup>” Temas de transformações e tensões sociais como seca, abolição, República, escolas, disputas oligárquicas, cotidiano, tipos físicos locais, cultura ‘popular’, aspectos da fauna, da flora, aulas de botânica, regionalismo eram descritos não só em jornais, revista, livros quando se podia editar utilizando métodos naturalistas (esse método constitui-as na descrição e na observação direta do real).

Eram dezenas de famílias abastardas, ricas, que disputavam o poder local, não só nos jornais, nas revistas com grupos de intelectuais letrados que queriam um capital de recolocação social, de acordo com MICELLI(1977) e com FREIRE (2002). Fortaleza era o cenário, o palco cuja platéia sem instrução, iletrada, incauta, com altos índices de analfabetismo e a população “quase miserável do outro lado<sup>147</sup>” observava a tudo. Assistiam, os incautos iletrados, as tensões do cotidiano e as mudanças na ‘estrutura social’. Em artigo na revista *A Quinzena*, encontramos um desabafo a respeito da inviabilidade dos intelectuais aqui no Ceará de viver da pena, da arte de escritor de jornais e revista, bem como da edição de livros “nosso público é infeso, ...hostil a literatura ...que não bota ninguém para adiante<sup>148</sup>”

---

<sup>146</sup> TINHORÃO, José Ramos. *A província e o Naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p.24

<sup>147</sup> Id. *Ibidem*. p.25-26. Em análise o autor relata o mito da cultura letrada, que disputavam ascensão social na ‘nova estrutura’ que começava a ser formada: republicanos, evolucionistas, positivistas e marçons. Relata, ainda em sua pesquisa, que muitos postos dos gabinetes públicos eram distribuídos entre os fidalgos.

<sup>148</sup> LOPES, João. “*Preliminares*” In: Revista *Quinzena*, Anno I, 15/01/1887. A revista era impressa pela tipografia do jornal Libertador. Teve uma tiragem de 20 números, circulando entre 15/01/1887 a 10/06/1888. O clube literário era um recanto de intelectuais abolicionistas, naturalistas, evolucionistas, republicanos. Em seus artigos, rastreamos a existência de Padeiros, o cerne dessa pesquisa. Optamos por esse modo porque eram escassas as fontes de livros sobre a educação nesse período. Os intelectuais escreviam em jornais, pedagogizando a literatura. Tema, aliás, discutido no capítulo III. Muitos defendiam o modelo de afrancesamento, o período chamado de ‘Belle Epoque’. Os Artigos versavam sobre abolição, republicanismo, positivismo, evolucionismo (de Darwin, principalmente de Spencer) O naturalismo-realismo literário era abordado em questões de moral, de psicologia, do direito, de ciência, de histórias, dos dramas do cotidiano, das questões sociais e casos de alcova.. Naturalismo pedagógico estava disseminado nas idéias de Rousseau, Pestalozzi e Froebel. Uma infinidade de exposições naturalistas. Essa revista foi agregada a esse capítulo, porque existiram vários padeiros que pertenceram a este grupo, já que o Clube Literário (1887-1888) era uma agremiação anterior à padaria Espiritual (1892-1898). Eram, como disse anteriormente, intelectuais engajados nos movimentos de transformações sociais (Abolição). Eram republicanos, orientavam o olhar para uma maior democratização e participação política. Eram propagadores dos ideais Republicanos. Quanto ao depoimento da historiografia literária, eram um movimento de cientificistas, filósofos, intelectuais, poetas, remanescentes da Academia Francesa, os chamavam de ‘herdeiros’ e, como bons filhos, Naturalistas. Eram os integrantes do clube literário nessa década, o movimento mais proeminente nas terras alencarinhas Ao final da década de 1880.



O clube literário e os seus artigos de revistas eram verdadeiras conferências. Oliveira Paiva, em artigo na revista *Quinzena*, fala a respeito de sua compreensão sobre o mercado editorial no Ceará, imprescindível para o desenvolvimento das terras Alencarinas. “o livro acompanha o indivíduo onde quer que ele vá. Custa-lhe barato... deve ser uma arma para o cearense. Essa é a idéia do Clube Literário.”<sup>149</sup>

Congregar-se em associações, academias, clubes, era uma tendência dos intelectuais engajados, que faziam literatura como missão, que pedagogizavam a literatura. Realizavam, também, essas ações por afinidades teóricas, político-partidárias e por serem ‘intelectuais periféricos,’ sem desmerecer, de forma alguma, o primor literário de suas produções. Agregavam-se, também, para terem a possibilidade de seus trabalhos serem publicados, lidos, de promoverem o acesso de suas leituras em âmbito nacional, fazendo parte da ‘vida literária nacional’, formando uma república das letras cearense em dinâmica com o movimento que ocorria em outras províncias, segundo BROCA(1966).

Os naturalistas-realistas, evolucionistas, abolicionistas, positivistas, republicanos que se congregavam sob a égide do Clube Literário, eram homens que acreditavam na integração do homem ao ambiente natural, levando em consideração a origem e a história natural, conforme COUTINHO (1986).

Assim, é fácil compreender que, sob a mesma bandeira, apesar de adotarem posturas, leituras de realidades distintas, congregavam-se todos: literatos, escritores, evolucionistas, professores, homens de letras. Ser naturalista ou realista, ou naturalista-realista, eram os que primavam pela descrição do ambiente, pelos apelos aos detalhes, pela exatidão, mesmo que um fosse extremado e outro não. Contudo, de acordo com COUTINHO(1986), consideramos o naturalismo-realismo como metamorfose estética do romantismo, assim como MICELLI(1977), dizendo apenas que no realismo ocorre uma determinação maior sobre o homem. O meio influenciava totalmente o naturalista. Segundo WERNECK SODRÉ(1982), ser naturalista ou realista, ou naturalista-realista, são considerados uma forma do desenvolvimento literário do romantismo, corroborando essas argumentações com a dos autores anteriores.

Desta forma, apropriando-nos de termos da época, encontrados em muitos artigos do clube literário, resolvemos e entendemos que, dentro das idéias da história do

---

<sup>149</sup> PAIVA, Oliveira. *As Conferências do Clube Literário*. In: *Quinzena*, Ano I, 31/07/1887. p.105-106

pensamento social brasileiro, apoiados em alguns autores que me emprestaram seus olhares, chamar “naturalismo-realismo.”<sup>150</sup>

O naturalismo-realismo é uma metamorfose estética do romantismo. Estas clivagens de estilos, gêneros, comentários da crítica são, segundo BOURDIEU (1992), intercambiáveis e poderiam estar sujeitas aos próprios jogos de força hierarquizadoras dos campos simbólicos. Para um autor inglês chamado Robert Darton, a forma de publicação produzida pelos editores, compõe o circuito do livro, segundo DARTON(1995) e, de forma tímida, ainda achamos que os leitores são autores e desempenham um papel importante, já que dão sentido e constroem outros livros a partir de sua leituras. O diálogo com CHARTIER(1999) trouxe-nos esta dimensão e produziu um outro salto na pesquisa.

Em Fortaleza, esses naturalistas-realistas promoveram uma série de visões da cidade, sugeriram outras, orientaram os olhares do leitor. Escreveram sobre os métodos pedagógicos, sofreram uma influência direta do naturalismo-realismo. Agregaram ao naturalismo pedagógico suas impressões de Fortaleza antiga e as muitas “propostas educacionais em artigos<sup>151</sup>”.O clube literário foi enunciador de propostas de transformação

---

<sup>150</sup> Essa é uma polêmica muito antiga referente à separação do naturalismo ao realismo. Não queremos nos aproximar das questões estéticas que envolvem o gênero. Para um sociólogo e historiador, são muito mais interessantes as discussões sobre a filosofia do movimento, sobre como e quem falavam, quando falava, por que utilizava tal linguagem e em quais espaços trocavam esses capitais simbólicos e sobre que influências teóricas e matrizes possuíam. E como estes escritos podem ser trabalhados com outros documentos, entrecruzando a literatura com dados empíricos, documentais. WERNECK SODRÉ, Nelson. *O episódio naturalista*. In *Historiada literatura Brasileira*. São Paulo :DIFEL,1982 p.386, coloca um ponto na questão: “realistas voltavam-se de preferência para os casos de alcova, para análise de temperamentos doentios... evocando o meio para explicar as reações dos personagens. Os naturalistas traíam os mais fecundos postulados da sua escola, e consideravam ao hibridismo a sua obra...tinham que saber ver o que em torno deles se passava.”

<sup>151</sup> Entre os artigos que pesquisamos e seus autores, títulos temos: LIMA, Francisca Clotilde de . *Educação Moral das Crianças na Escola*. In: A Quinzena . Ano I. Nº 03, 15/02/ 1887, p.22. Professora da Escola Normal. GARGIA, Abel. A mulher cearense. In: A Quinzena . Ano I. Nº 2, 30/01/ 1887, p 9-10, (15/02/1887,p.24 ),Nº 3, 28/02/1887 p.26. Esses artigos são bem interessantes, pois são realizados com base em teorias científicas, estudos de medição craniana. NOGUEIRA, Paulino. *A origem da palavra Ceará*. In: A Quinzena . Ano I. Nº 02, 15/02/ 1887, p.13 Este foi diretor do liceu e Inspetor geral da Instrução Publica(???) BARCELOS, José. *Pestalozzi*.IN: A *Quinzena*,. Ano I 30/04/1887, p.5 .Este foi diretor da Escola Normal por vários anos desde sua fundação em (1884).BRITO,Farias.O papel da Poesia..IN; Quinzena. Ano I, Nº 9 15/04/1887. Professor do Liceu. Lista dos Integrantes do clube literário. Em negrito estão os que futuramente fariam parte da Padaria Espiritual :Abel Garcia, **Antônio Sales**, Amphrisio, **Álvaro Martins**, Antônio Martins, Ana Nogueira, **Antônio Bezerra**,Antônio Olímpio, Capistrano de Abreu, De Viremont, Domício da Gama, Edmund de Barros, Farias Brito, Francisca Clotilde, Guilherme Studart ,Iza , João Lopes, **Juvenal Galeno**, Justiniano de Serpa, José Olímpio,José Barcelos, Juvenal Galeno , J.Martins, Joaquim Manoel Simões,J. G. Dias Sobreira, **José Carlos Ribeiro Junio** Profº do Liceu, poliglota e tradutor J.M. Brígido, L. Cabral, Martins Rodrigues, Manoel de Mello César, Oliveira Paiva, Paulino Nogueira, Papi Júnior,Paul Arené, **Rodolfo Teófilo**, Sylvio,Virgílio Brígido, Virgílio Várzea,**Xavier de Castro**

social e de teorias científicas, principalmente evolucionistas, cientificistas, naturalistas na Fortaleza ‘Belle Epoque’, de acordo com PONTE (2000). Como não poderia deixar de ser, atendendo às questões pedagógicas narradas, relatadas, sobre a instrução pública no século XIX, compreendemos que esses intelectuais, pertencentes ao clube literário, pedagogizaram a literatura e inseriam o Ceará numa dinâmica de debates nacionais sobre a educação.

Aqui, nesse pequeno recorte, falamos do Clube Literário. Doravante, privilegiaremos apenas os Padeiros-Educadores, título da categoria fundamentada em nosso trabalho de pesquisa. Outros temas relacionados serão esquecidos por conta do recorte do objeto de pesquisa. Seguindo a orientação e a recomendação de nossa orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Andréa Borges Leão serão evocados os dados levantados da revista *Quinzena*, em trabalhos posteriores, no qual analisaremos o século XIX, em tese de Doutorado. Queremos lembrar ao leitor que, em 1887, data do início da fundação do Clube Literário, a agremiação Padaria Espiritual nem sequer existia. Só seria fundada em 30 de maio de 1892.

O naturalismo pedagógico cearense (1870-1890) possui suas raízes exógenas no pensamento de Rousseau, “o evangelho do homem natural e a fé na natureza humana<sup>152</sup>”. Em sua obra pedagógica *Emílio*, Rousseau apresenta o seu próprio método. O livro é o método para criar, construir homens naturais, puros, que não sejam corrompidos pela sociedade. A sociedade só deseja desumanizar o indefeso e puro homem, segundo ROUSSEAU (1999). Há de se escolher entre um homem natural e um homem civil, um cidadão e um homem. Quem educa deve escolher com qual projeto deseja trabalhar. Essa era parte da pedagogia política do século XVIII.

Com o modelo proposto por Rousseau, é possível conter ‘a origem das desigualdades entre os homens’. Emílio é o nome da criança fictícia, o projeto ideal do homem puro, sem uma natureza corrompida e que deve permanecer numa sociedade civil, “vimos por que caminho o espírito humano cultivado aproxima-se desses mistérios, e concordarei de bom grado que ele só alcança naturalmente, no seio da própria sociedade, numa idade mais avançada<sup>153</sup>”.

---

<sup>152</sup> ROSA, Maria da Glória. Op.cit., p.192.

<sup>153</sup> ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio, ou Da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.346.

Pestalozzi, herdeiro de Rousseau, era bastante evocado na revista *a Quinzena*, configurando, assim, a presença do naturalismo pedagógico. Em seu método mútuo, as crianças mais velhas deveriam ensinar as mais novas. Mesmo que esses adultos já fossem homens maduros. “ na época em que Pestalozzi escreveu o livro, *Como Gertrude ensina seus filhos*, a preparação de professores era deficiente e a classe alta não se preocupava com as humildes.<sup>154</sup>” parece-nos que há uma similaridade, uma simetria com o cenário existente tanto no Ceará quanto em fortaleza no final do século XIX. Escrever, ministrar aulas de ciências e história natural em revistas e fascículos de jornais parece algo pertinente para época, para a temporalidade de Rodolfo Teófilo.

Assim, “aulas de ciência, História Natural em contos<sup>155</sup>” eram dadas aos leitores para aqueles que eram ‘alfabetizados’. A grande maioria da população era analfabeta ou iniciante no universo total das leituras e das letras. São os dados levantados na pesquisa, os intelectuais, literatos, escritores como Rodolfo pedagogizavam a literatura em jornais e em revistas. Tudo sobre o criterioso olhar de um naturalista, cientificista. Em aulas na revista *A Quinzena*, fala-nos Rodolfo:

O gelo tem a Propriedade de ser mais leve do que a água, propriedade essa que mostra a natureza quanto é providente... se o gelo fosse mais pesado que a água quando a temperatura abaixa de 0° formar-se-ia uma camada sólida a superfície das águas, que se precipitaria no fundo das bacias, depois outra e mais outra até que o gelo ficaria em lugar do rio ou do mar. Então a vida seria impossível, e os animais e plantas que vivessem naquele meio todos morreriam<sup>156</sup>

Em artigo cujo título é *Hebert Spencer*, o autor Joaquim Manoel Simões homenageia a figura mais expressiva no que se refere ao tema *evolução*, durante o século

---

<sup>154</sup> ROSA, Maria da Glória. Op.cit., p.229

<sup>155</sup> Os artigos de Rodolfo Teófilo falam de insetos, botânica, zoologia, entomologia, a borboleta, classificação de flores, reprodução de vegetais, vulcões, a luz, a água, o ar e atmosfera, a vida dos vegetais, tudo sobre o criterioso olhar de um naturalista. Alguns Artigos de Rodolfo na revista, *Quinzena: O Lazarento*. Ano II, nº 3 p. 23-24, *As Donzelinhas*. Ano I, nº 12 p. 93-94, *O Cafeeiro*. Ano I, nº 17 p.132-135, *As Borboletas*. Ano I, nº1 3 p. 101-102, *Reprodução dos Vegetais*. Ano I, nº 21 p. 166-168, *As Flores* . Ano I, nº 19 p.149-152, *Os Vulcões*. Ano II, nº 5 p. 37-39, *A Luz*. Ano I, nº 15 p.118-119, *A Água*. Ano I, nº20 p. 156-158, *O Ar e Atmosphaera*. Ano Ii, nº 18 p. 137-139.

<sup>156</sup> TEOFILLO, Rodolfo. *A Água*. In: *A Quinzena, Sciencias Naturaes* Ano I, nº20 p.158.

XIX. O Artigo afirmava que a sociedade se desenvolve seguindo os princípios e regras de diferenciação e organização a que obedecem os organismos vivos. A natureza se esforça ao máximo para ver-se livre de casos fatídicos, desimpedir-se dos fracos e fazer lugares para os melhores. O amanhã será sempre melhor que o hoje. No artigo de J.M.Simões, *Hebert Spencer* fala sobre Princípios de sociologia e de educação. Em suas palavras “A evolução é o termo com que se exprime sua theoria philosophica, de posse dos mais lúcidos critérios que trabalham no mundo.”<sup>157</sup>”

José Carlos Ribeiro Júnior defende as idéias de Spencer em uma série de artigos chamados *Apontamentos Esparsos*. Já por estas épocas(1888), era professor do Liceu. José Carlos Ribeiro Júnior seria encontrado no rol de membros na Padaria Espiritual, na década de 1890. Era um dos Padeiros-Educadores relatados nessa pesquisa. No ano de 1895 era Padeiro-mor e Diretor do liceu. Suas convicções teóricas deixam claro que era um herdeiro do pensamento evolucionista de Spencer. Nas páginas amareladas pelo tempo, Raimundo Girão, entre muitas narrativas sobre a instrução pública cearense e escolas particulares - “os educandários do Ceará”<sup>158</sup> - comenta a prática docente desse indivíduo que, enquanto ser social, denunciava seu ‘lugar social’ enquanto falava.

Spencer influenciou de forma direta o pensamento social do século XIX. No Ceará do final do século XIX, a idéia de evolução como lei universal encontraria porto seguro nos últimos decênios desse século, não só com a Academia Francesa, mas com seu herdeiro direto, segundo a historiografia literária cearense, o Clube literário. Em Fortaleza, fica claro compreender, assim, o motivo do embate filosófico, literário e pedagógico da Academia Francesa através de suas aulas noturnas, na chamada Escola Popular. O naturalismo literário influenciou o naturalismo pedagógico nas terras alencarinhas nos últimos decênios do século XIX.. Segundo ROSA:

A obra pedagógica de Spencer era Educação Intelectual,Moral e física foi largamente usada nas Escolas Normais,Institutos de Professores,universidades para formação de educadores no século XIX....Spencer é

---

<sup>157</sup> SIMÕES, Joaquim Manuel. Hebert Spencer.In: A Quinzena Ano I, nº 12.p.90.

<sup>158</sup> GIRÃO, Raimundo. Op.cit., p.64. Relata Girão que J.C. Ribeiro Júnior também era docente do instituto de Humanidade do Cônego Vicente Salazar da Cunha e do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos fundado em 7 de janeiro de 1892.

representante fanático do princípio naturalista de que as Ciências Naturais são a grande alavanca da vida pois, devem ocupar o centro do ensino...A religião,a literatura,as línguas clássicas, a Arte,em suma tudo quanto a tradição venera como ‘disciplinas Humanizantes’ é desprezado. O conhecimento, o saber, a formação da inteligência por meio das ciências Naturais, ocupam primeiro plano.o ideal educacional de Spencer baseia-se no seguinte principio: Buscai primeiro o ‘progresso nas ciências da natureza, e o resto vos será dado por acréscimo.

Adolfo Caminha, em sua narrativa ficcional *A Normalista*, descrevendo Fortaleza desde a seca de 1877 até a época da proclamação da República em 1889, fala-nos, em suas últimas páginas, em um romance naturalista-realista. “ O programa era outro, mais extenso, mais amplo, dividido metodicamente em educação física, educação intelectual, educação nacional e cívica, educação religiosa...pelos moldes de H. Spencer e Pestalozzi<sup>159</sup>”... Considerações assim como estas, embora descritas numa obra romaneada e ficcional, são fáceis de serem entrecruzadas com *o Ateneu*, de Raul Pompéia. Estas considerações nos levam a perceber a literatura como possibilidade de fonte, desvendando um elo com a dinâmica nacional-local e com a influência do naturalismo literário na educação tanto no Ceará quanto no Rio de Janeiro, o centro da Corte.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, diante das narrativas, relatos, artigos, revista, jornais e livros que descrevem rastros, fragmentos da possibilidade de reconstrução das idéias educacionais desta temporalidade e que nos permite pensar uma história da educação cearense no século XIX, optamos fazer um recorte histórico e temporal dos últimos decênios 1870 a 1900

Partimos da historiografia da literatura cearense, do campo literário, para podermos conhecer quem eram as agremiações literárias e quais eram os agentes sócio-históricos que nelas movimentavam capitais lingüísticos e intercambiavam saberes entre campos. Elegemos uma agremiação literária chamada Padaria-Espiritual. Ao pesquisá-la de

forma mais detalhada, constatamos que essa agremiação possuía um subgrupo de indivíduos que eram também sujeitos sociais, agentes sócio-históricos e exerciam a prática docente, ofício compatível com o ‘métier’ de intelectual-total.

Criamos uma categoria à parte - Padeiros-Educadores - para designar os membros da agremiação literária que tinham envolvimento com a educação em sua temporalidade e/ou exerciam as práticas docentes. Ao rastreá-los, percebemos que os mesmos estavam envolvidos numa dinâmica maior, a república das letras, que intercambiavam capitais e estabeleciam pontes simbólicas entre as províncias, numa dinâmica local-nacional.

Quanto mais puxávamos esse fio condutor, mais os campos se intercambiavam, levando-nos a perceber que a docência era uma prática costumeira dos homens de letras, sejam eles intelectuais-totais, bacharéis, sejam cientificistas, naturalistas, romancistas ou escritores. Não se podia viver da pena, pois o ofício era limitado tanto pelas condições técnicas e materiais quanto pelo número de leitores. O Brasil era formado por um grande mar de analfabetos com ilhas de homens letrados que participavam da vida pública, das tensões e transformações sociais e que eram escritores engajados. Ao retornarmos para as práticas docentes - causa primeira, motor que impulsionava o trabalho - percebíamos que os intelectuais no Ceará do final do século XIX estavam também inseridos nessa lógica, a lógica local-nacional.

Rastreamos o nosso objeto: os Padeiros-Educadores. Percebemos que pertenceram a outros grupos, que possuíam, também, práticas docentes em outras épocas. Estudamos a história da educação no período imperial, em uma lógica própria, procurando, no movimento da história, um fio condutor entre as fontes dialogadas. Aplicamos uma lógica do nacional-local. Assim, percebemos os pontos de contatos e estabelecemos o intercambiamento entre os campos literário e educacional.

De volta à realidade local, em pesquisa, percebemos o movimento histórico e o fio condutor entre as décadas e entre os agentes sócio-histórico e a educação. Falamos do ponto de vista do campo da história da educação. Neste capítulo, chegamos à conclusão de que a história da educação cearense no século XIX e o sistema de ensino praticado na

---

<sup>159</sup> CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: ABC editora, 2001.p.187.

província do Ceará imperial tornam possível compreender as seguintes possibilidades de análise:

**Primeira:** A História da Educação no Ceará do século XIX possui raízes exógenas, tanto na dinâmica local-nacional, quanto nacional-global

**Segunda:** Os ventos que sopraram no Ceará, no período imperial, eram uma decorrência direta das ações de descentralização do império, no período regencial, em que as idéias liberais já começavam a aportar nos centros formadores de cultura letrada nacional (Rio de Janeiro, Recife, Salvador). No que tange à Instrução Pública, as diretrizes do sistema de ensino ficariam subordinadas diretamente às Assembléias Provinciais de cada estado. Disto decorre, diretamente, que os estados passariam a cuidar da instrução Pública com seus próprios recursos. A Instrução Pública, neste ponto, fica ao sabor de atos administrativo de seus governantes. Contudo, cresce a influência dos ideais burgueses na Europa sobre a construção de sistemas de ensinos Laicos. As idéias pedagógicas francesas sobre o sistema de ensinos e centros formadores de professores aportam no Brasil trazidas por ventos que sopravam da Europa, em constante transformação. A criação do liceu em 1844 e da Escola Normal (1884) eram bandeiras levantadas pelos políticos e amplamente discutidas nas Assembléias Provinciais. Na Europa, a pedagogia deseja firmar-se como uma ciência.

**Terceira:** aumentam os embates políticos acerca da formação da identidade nacional. Os Centros formadores de bacharéis não só formavam doutores, como também disseminavam novas idéias científicas, filosóficas, literárias, evolucionistas, positivistas, naturalistas, educacionais, pedagógicas, segundo FREIRE (2002)... Quando esses homens letrados - seres individuais, que também era agentes sociais e que intercambiavam campos simbólicos, estabelecendo pontes lingüísticas entre os capitais - retornavam para suas províncias de origens, engajavam-se nas tensões de transformações da estrutura social. Os debates sobre a abolição, a maior participação política, mascaradas nas idéias de republicanismo, promoveram a derrocada do regime imperial. Esses intelectuais, profissionais liberais dos setores médios urbanos, literatos, romancistas, escritores, faziam literatura como missão. Disputavam, nas províncias, um capital de recolocação social. No que tange à dinâmica local-nacional, integravam a república das letras nacional, intercambiando campos, doxas, saberes. Esses intelectuais-totais não viviam somente do



ofício de escritor, nem só da pena, realizavam práticas docentes, eram professores. Ofício compatível com o ‘métier’ de intelectual, principalmente no final do século XIX. A ciência, nessa temporalidade, já era a guardiã da verdade no imaginário, nos sentimentos do homem ‘civilizado’, científico, secularizado.

**Quarta:** Grande parte da população brasileira estava imersa num atraso histórico, de acordo com MARTINS (1999), os índices de analfabetismo eram altíssimos, só as elites tinham acesso à educação. A Instrução Pública era completamente aristocratizada, desde as Reformas Pombalinas. Aqueles que eram abonados tinham fortuna, instruam seus pupilos. Tanto no ceará provincial quanto no império faltavam centros formadores de professores. Nas províncias mais pobres e durante muito tempo, prevalecem a figura dos mestres régios e de seus ‘centros formadores’, as mesas censórias. Era a época do uso da palmatória: o mestre era um segundo pai.

**Quinta:** Os debates em torno da formação da identidade nacional fizeram-nos perceber que tínhamos um estado, ‘mas não tínhamos uma nação’. Ser moderno, nessa época, era ser como as grandes potências européias e ‘nossos irmãos do norte’, os Estados Unidos da América. O mundo possuía uma capital, Paris. O moderno, o civilizado, o evoluído era aquela nação que tivesse como sinônimos, em seu projeto de construção de identidade nacional, alguns fundamentos: educação, higiene, urbanização, progresso, cultura letrada, instrução, estavam imbricados dentro dos ideais de civilização, no final do século XIX. No que se refere aos debates em torno do ensino, aumenta a concepção de um estado laico, de um estado mais secularizado. As influências das idéias científicas, o evolucionismo de Darwin, Spencer, o positivismo de Comte, o naturalismo de Rousseau, Pestalozzi, Froebel, o Criticismo-Kantiano, o ‘truísmo’ que já foi demonstrado nos relatos da pesquisa, esses modelos, teorias, construíram o imaginário, os sentimentos educacionais no século XIX. Marcam um momento de ruptura na instrução pública.

**Sexta:** A pedagogia tradicional clássica humanística perde seus espaços de excelência, as escolas, o sistema de ensino. Sofrendo ataques em seu método, a pedagogia tradicional humanística jesuítica era antiquada e incompatível com o mundo civilizado. No império, nos últimos decênios do século XIX, à medida que aumentam as tensões sociais em torno da Abolição, dos ideais republicanos, da maior participação política, enfraquecia o poder imperial. No campo educacional, novos métodos pedagógicos baseados em

matrizes pedagógicas ‘ experimentais’, científicas, evolucionistas, naturalista, positivistas, promoviam os embates pedagógicos principalmente no Ceará do final do século XIX.

É o período do entusiasmo pela educação, segundo NAGLE (2001). No Ceará do final do século XIX, após a assolção da grande seca de 1877, vemos florescer, tal qual a chuva que cai na terra seca e faz verdejar os campos, a influência do naturalismo literário na educação, refletindo diretamente no naturalismo pedagógico. O final do século XIX, no Ceará, é o período do aparecimento de uma grande quantidade de escolas. As publicações de anúncios de escolas nos jornais e Revistas convidavam a elite a educar-se. Aqueles que tinham condição de educar-se faziam a matrícula. Era o período republicano. Começávamos a república com índices altíssimos de analfabetismo, além de poucas mudanças significativas no quadro da Instrução Pública cearense. ‘Essa não era a república de nossos sonhos.’

## **BIBLIOGRAFIA.**

**ALBUQUERQUE JR.,** Durval Muniz de: *A invenção do Nordeste*. São Paulo / Recife. Fundação Joaquim Nabuco / Ed Massagano / Cortez 1999.

**ALMEIDA, J.R.** Pires de. *História da instrução pública no Brasil(1500-1889)*. São Paulo: EDUC/Brasília, DF: INEP/MEC,1989.

**ALVES, Joaquim.** *O ensino primário na primeira metade do século XX*. Revista do Instituto Histórico E Antropológico do Ceará. Fortaleza TOMO LXVIII, 1958.

**ARRANHA, M<sup>a</sup>** Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2<sup>a</sup> Ed. Ver e atual. São Paulo:Moderna, 1996.

**ARAÚJO DE OLIVEIRA, Maria** Neyara. *A miséria e os dias. A história social da mendicância no Ceará*. São Paulo Hucitec, 2000

**AZEVEDO, Sânzio.** *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1996;

\_\_\_\_\_. *Os Grêmios Literários do Ceará*. In : Souza, Simone de (Org). *História do Ceará*. 2<sup>a</sup>ed. Fortaleza : Fundação Demócrito Rocha, 1994;

\_\_\_\_\_. *O Ceará e os Grêmios literários*. Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza [ s.n],1982.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura cearense*. Fortaleza Ed. UFC, 1982.

\_\_\_\_\_.*A Academia Francesa do Ceará(1873-1875)*. Fortaleza: Casa José de Alencar da Universidade Federal do Ceará./ Imprensa Universitária.1971.

\_\_\_\_\_. *O Centro Literário (1894/1904)*. Fortaleza: Casa José de Alencar/UFC – Imprensa Universitária, 1972.

**AZEVEDO, Fernando.** *Sociologia Educacional. Introdução ao estudo dos fenômenos e de suas relações com os outros fenômenos sociais*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo; Melhoramentos.1951.

**BARBOSA, Ivone** Cordeiro. *Sertão: um lugar-incomum*. O sertão do ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro; Relume Dumará; Fortaleza,Ce ; Secretatia de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

**BARREIRA, Dolor.** *História da literatura cearense*. Fortaleza : Instituto do Ceará, 1948.

\_\_\_\_\_. *História do Ceará – História da Literatura Cearense* Fortaleza: Ed. Do Instituto do Ceará, 1948, tomo I, col. Instituto do Ceará.

**BARROSO**, Gustavo: *Liceu do Ceará em 100 anos. Resumo histórico, professores, corpo administrativo, alunos.* Fortaleza. Tip. Iracema 1945.

\_\_\_\_\_. *Coração de Menino.* In Memórias. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará. 1989

\_\_\_\_\_. *Liceu do Ceará: 2º Volume de Memórias.* Rio de Janeiro, Getúlio Vargas Costa. 1940.

**BEZERRA**, Antônio. *O Ceará e os Cearenses.* IN: Revista da Academia Cearense. Anno: V; Nº 05- Fortaleza: 1900

**BÓIA**, Wilson. *Antônio Sales e sua época.* Fortaleza: BNB, 1984

**BONFIM**, Zaia. *A crise dos paradigmas e a Educação.* São Paulo; Cortez, 1995

**BOURDIEU**, Pierre. *O Poder Simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: A gênese e estrutura do campo literário.* São Paulo: Companhia das letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Economia das trocas lingüísticas.* São Paulo: editora da Universidade de São Paulo. 1996.

\_\_\_\_\_. *Coisa ditas.* São Paulo ; Brasiliense. 1990.

\_\_\_\_\_. *Economia das trocas Simbólicas.* 3ª Ed. São Paulo : Perspectiva, 1992

**BROCA**, Brito. *A vida Literária no Brasil-1900.* 2ª ed, revista e comentada. livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1960.

**BLOCH**, Marc. *Apologia da História, ou Ofício de Historiador.* Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2001.

**BRÍGIDO**, João. *Ceará (homens e Fatos).* Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

**CAMINHA**, Adolfo. *A Normalista.* Fortaleza: ABC editora, 2001.

**CAMBI**, Franco. *História da pedagogia.* Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo, UNESP, 1999.

**CASTELO**, Plácido Aderaldo. *História do ensino no Ceará.* Fortaleza; Depto. De Imprensa Oficial, 1970.

**CARDOSO**, Gleudson Passos. *República das Letras Cearense: Literatura, Imprensa e Política (1873-1904)* Dissertação de Mestrado-Pontífice Universidade Católica, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Padaria Espiritual. Biscoito fino e Travoso*. Fortaleza. Museu do Ceará / Secretaria da Cultura. Coleção outras histórias 2002.

**CERTEAU**, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. 4ª ED. Petrópolis: Vozes, 1999

\_\_\_\_\_. *A Operação Historiográfica*. In : *A Escrita da História* . Trad, Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 1982.

**CHARTIER**. Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel/rj; Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros, leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad: Mary DEL Priore , Brasília , Editora UNB, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre/RS, Artmed, 2001.

**COUTINHO**, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3ª ed,. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.vol 4.

**CORDEIRO**, Celeste. *O Ceará na segunda metade do século XIX*. In Souza Simone (org) e outros: *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza. Ed. Demócrito Rocha. 2000

\_\_\_\_\_. *Brinquedos da Memória: A infância em Fortaleza no início do século XX*. Fortaleza. Demócrito Rocha, 1996.

\_\_\_\_\_. *Antigos e modernos: Progressivos e reação tradicionalista no Ceará Provincial*. São Paulo: annablume, 1997.

**CASTORIADES**, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

**DARNTON**, Robert. *O Beijo de Lamourette*. Mídia, Cultura e Revolução. Trad. Denise Bottamann. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

**DURKHEIM**, E. *Educação e Sociedade*. Trad. Lourenço Filho. 11ªed, São Paulo: Melhoramentos, Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

\_\_\_\_\_. *As Regras do Método Sociológico*. 6ªed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1972.

**FAORO**, Raymundo. *Machado de Assis : A pirâmide e o Trapézio*. São Paulo. Cia , ed . Nacional, 1976.

**FARGE**, Arlette. *Lugares para a história*. Trad: Telma Costa. Lisboa, Editora Teorema.1999

**FIÚZA**, Regina Claudia Pamplona. O Pão da Padaria Espiritual. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, UFRN, 1977.

**FOUCAULT**, Michel. *Microfísica de Poder*. Rio de Janeiro: Graal,1979.

**GINZBURG**,Carlo. A Micro História e outros Ensaios. Trad. Antônio Narino. Lisboa, Difel, Rio de Janeiro, BertrandBrasil, 1991.

\_\_\_\_\_. Estranhamento. In: Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**GIRÃO**, Raimundo. *Educandários de Fortaleza*. Revista do instituto do Ceará. Tomo LXIX 1955.

\_\_\_\_\_. *Pequena história do Ceará*. vol. col. Estudos Cearenses. Fortaleza . ed. Universidade Federal do Ceará 1984.

\_\_\_\_\_. *Educandários de Fortaleza* : Imprensas Universitária do Ceará, 1956.

\_\_\_\_\_. *Educandários de Fortaleza*. IN: MARTINS FILHO, Antônio e GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. 3ª ed. Fortaleza; instituto do Ceará, 1966.

\_\_\_\_\_. A academia de 1894. Fortaleza; Academia Cearense de Letras, 1975.

\_\_\_\_\_. Geografia Estética de Fortaleza. 2ª ed. Fortaleza; Casa de José de Alencar, 1997.

\_\_\_\_\_. Evolução Histórica Cearense. Fortaleza. Fortaleza, BNB.ETENE, 1985.

**GHIRALDELLI JÚNIOR**, Paulo. *História da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

**GONDIM**, Linda Maria Pontes. *Pesquisa em Ciências Sociais*. Fortaleza: U.F.C., 1999.

**HUNT**, Lynh. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo ; Martins Fontes, 1992.

**IANNI**, Otávio. A idéia de Brasil Moderno. São Paulo: Brasiliense, 1996

**JUCÁ**, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia Urbana*. Fortaleza; Imprensa Universitária, 2003.

**LAVILLE**, Christian e Dionne, Jean . *A construção do saber*. Porto Alegre:Ed. U.F.M.G. / ARTAMED, 1999.

**LAVILLE** Christian. *Um diálogo entre o objeto e o método: Reflexões acerca da Metodologia da Pesquisa*. Linhas críticas. Brasília, UNB, V,5, Nº 09, p. 122, 1999.

**LEVI**,Giovanni. *Sobre a micro-história*. (in) BURKE, Peter (org). *A Escrita da história; Novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo; Ed. Da Universidade Estadual Paulista,1992.

**LIMA**, Zilda M.M. *Mulheres de Romance: Perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900)*. Dissertação de mestrado UFPE, Recife :1999.

**LÜDKE**, Menga e André, Marli. *Pesquisa em Educação Abordagens Qualitativas*. São Paulo: E.P.U,1986.

\_\_\_\_\_. *Aprendendo o Caminho da Pesquisa*. In Fazenda,Ivani (org).*Novos Enfoques da Pesquisa Educacional*.São Paulo :Cortez,1992.

**MARTINS**, José de Souza: *O poder do Atraso (Ensaio de sociologia da história lenta)*, 2ª Ed., Hucitec. SP 1999.

**MARTINS**, J. Batista. *Multireferencialidade e educação*. In Barbosa , J. Gonsalves (Org). *Reflexões em torno da Abordagem Multireferencial*. São Carlos – SP.Ed. UFSCar, 1998.

**MAUAD**, Ana Maria. *História,Iconografia e Memória* in: (org) Simoson, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Os Desafios Contemporâneos da história Oral*. Campinas: Unicamp, 1997.

**MENEZES**, Djacir. Seminário histórico da Educação no Estado do Ceará. RBEP., VII, nº 6. Dez/ 1944.

\_\_\_\_\_. *A Educação no Ceará. Repasse histórico-social (das origens coloniais a 1930)*.IN: MARTINS FILHO, Antônio e GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. 3ª ed. Fortaleza; instituto do Ceará, 1966.

**MENEZES**,Raimundo de. *Coisas que o tempo levou; Crônicas Históricas da Fortaleza antiga*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

**MICELLI**,Sergio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*.São Paulo: Perspectiva 1977.

**MINAYO**, Maria Célia de Souza. *Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes, 1998.

**MINGNOLO**, Walter. *Lógicas das Diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou Antropologia, e vice-versa*. In CHIAPPINI, LIGIA e AGUIAR, Flávio W. *Literatura e História na América latina*. SÃO PAULO, EDUSP,1993

- MONARCHA**, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes..*São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.
- MOTA**, Leonardo . *A Padaria Espiritual*. Fortaleza:Edésio, 1933  
\_\_\_\_\_. *A padaria Espiritual* Casa de José de Alencar / UFC; 1995.
- NAGLE**, Jorge.*Educação e Sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- NAVA**,Pedro.*Bau de Ossos*. São Paulo: Ateliê Editorial/ Giordano, 1999.
- NOGUEIRA**, Alcântara. *O pensamento cearense na segunda metade do século XIX*. Fortaleza; Instituto Brasileiro de filosofia( seção do Ceará) Sociedade Cearense de Geografia e História.Casa Juvenal de Galeno, 1978.
- OLIVEIRA**, Almir Leal de. *Universo Letrado em fortaleza na década de 1870*. In Intelectuais col. Fortaleza: História e Cotidiano. NEVES, Frederico de Castro & SOUZA, Simone de ( Org) Fortaleza : Edições Demócrito rocha, 2002.  
\_\_\_\_\_. *Saber e poder; o pensamento social cearense no final do século XIX*.Dissertação de Mestrado- Pontífice universidade Católica, São Paulo.1998
- OLÍMPIO**, Domingos. *Luzia-Homem*. Fortaleza. Ed. ABC. 1999.
- ORTIZ**, Renato.Pierre Bourdieu. Sociologia IN: Col.Grandes Cientistas Sociais. 2ªed. SãoPaulo: Ática 1994.
- ORLANDI**, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Prícípios e Procedimentos?* Campinas, SP:Pontes,2000.
- O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL** (Fac-Simile).Fortaleza.Ed. UFC. Academia Cearense de Letras. Prefeitura Municipal de Fortaleza,1982.
- PASSIANI**, ENIO. *Na trilha do jeca; Monteiro lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru, SP: Edusc,2003.
- PINTO**, Luis. Pirre Bourdieu e a teoria do mundo social.rio de janeiro: FGV, 2000.
- PONTE**, Sebatião Rogério & SABOYA,Caterina Mia. *Pão e a Cidade: Cotidiano e contexto Urbano da Padaria Espiritual*. Fortaleza: NUDOC/UFC, 1992
- PONTE**, Sebatião Rogério.*Fortaleza Belle Epoque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930)*. Fortaleza: Demócrito Rocha; Multigraf, 1993.  
\_\_\_\_\_. *Fortaleza Belle Époque*. Fortaleza, Demócrito Rocha, 2000.



\_\_\_\_\_. *O Pão e a Cidade; Cotidiano e contexto Urbano da Padaria Espiritual-Fortaleza*; NUDOC/UFC;1982.

**POMPÉIA**, Raul. *O Ateneu*. São Paulo:Editora Martin Claret. 2004.

**PRADO JR**, Caio: *A Formação Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense. 1945

**ROSA**, M<sup>a</sup> da Glória. *A História da Educação Através dos Textos*. São Paulo: Cultrix, 1995.

**ROUSSEAU**, Jean Jacques. *Emílio, ou Da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

**SALES**, Antônio. História da Literatura Cearense. IN: Martins Filho, Antônio e **GIRÃO**, Raimundo. O Ceará. 3<sup>a</sup>.ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1996

**SANTOS**, Antônio Raimundo. *Metodologia Científica: A construção do conhecimento*. 2<sup>a</sup> revista e ampliada. Ed. Rio de Janeiro: DP. e A editora, 1999.

**SETTON**, M<sup>a</sup> da Graça Jacintho. *A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura Contemporânea*. Revista Brasileira de Educação. ANPED. Jun/Jul/Ago.2002

**SEVCENKO**, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. 2<sup>a</sup> São Paulo, Brasiliense 2003.

**SILVA**, M<sup>a</sup> Goretti Lopes Pereira. *A Escola Normal do Ceará: Luzes da modernidade contra o atraso na terra da seca (1884-1922)*. Dissertação Mestrado/ Programa de Pós-Graduação em Educação) Fortaleza: UFC, 2001.

**SOUSA NETO**, Manoel f. de. *Senador Pompeu um geógrafo do poder no Império do Brasil*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo: 1997

**STUDART**, Barão de . *Datas e factos para história do Ceará-1603/ 1924*. Fortaleza, Typ. Do instituto do Ceará 1925.

\_\_\_\_\_. *Diccionario bio-bibliográfico cearense*. Fortaleza; Typographia Minerva, 3<sup>o</sup> v;1915.

\_\_\_\_\_. *Para a história do jornalismo cearense. (1824-1924)*. Fortaleza: Typographia do instituto do Ceará, 1925.

**TEÓFILO**, Rodolfo. *Scenas e Typos*. Fortaleza : Assis Bezerra 1919.

\_\_\_\_\_. O Atheneu. In almanach Estatístico Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Ceará, 1922.

\_\_\_\_\_. *A Fome; Violação*. Rio de Janeiro: José Olympio. Fortaleza: ACL,  
1979, col. Dolor Barreira, v. n. 2.

\_\_\_\_\_. *História da Seca do Ceará (1877 a 1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa,  
1922.

**TINHORÃO**, José Ramos. *A província e o Naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

**TOBIAS**, José ANTÔNIO. *História da Educação Brasileira*. 2ª Ed., São Paulo; Juriscr, 1978.

**WERNECK SODRÉ**, Nelson. *O episódio naturalista*. In *Historiada literatura Brasileira*. São Paulo :DIFEL, 1982.

**WARDE**, Mirian Jorge e Carvalho, Marta Maria Chagas de. Política e Cultura na Produção Histórica da Educação. *Contemporaneidade e Educação*. Ano v,n.7,1º Sem/2000.

**WILLIAMS**, Raymond . *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro Paz e Terra.  
1992

**VIEIRA**, Maria do Pilar de A. e outros. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1991.

**VIEIRA**, Sofia Lercher. *História da Educação no Ceará: Sobre Promessas Fatos E Feitos*. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2002.

#### **Fontes:**

Manuscritos:

**SALES**, Antônio. *Trabalhos, Manuscritos Inéditos*. Fortaleza; Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras. 1897.

#### **Jornais de época, Periódicos Científicos e Literatos.**

O Pão... da Padaria Espiritual (1892-1898)-ed. FAC-símile. /NUDOC-UFC.

A Quinzena (1887-1888): Revista de propriedade do Clube Literário/Nudoc-UFC.

Fraternidade (1873-1875): Jornal maçônico (Biblioteca Pública Menezes Pimentel/ BPCMP, Setor de Micro-Filmes)

Jornal Cearense( Órgão do Partido Liberal (1877-1889)

#### **Documentos do arquivo Público:**

São estes os relatórios da Instrução pública: 1845,1847,1852,1853,1855,1863,1865  
,1867,1868,1869,1870,1873,1875,1877,1880,1883,1884,1885,  
1888,1890,1892,1893,1894,1895,1896,1897,1898,1899,1900,1901,1902,1903,1904,1905